



INSTITUTO FEDERAL
Ceará



PPGEF
MESTRADO PROFISSIONAL EM
ENSINO E FORMAÇÃO DOCENTE

**UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL DA LUSOFONIA AFRO-
BRASILEIRA
INSTITUIÇÃO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO
CEARÁ
PROGRAMA ASSOCIADO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO E FORMAÇÃO
DOCENTE
MESTRADO EM ENSINO E FORMAÇÃO DOCENTE**

ANGÉLICA DOS SANTOS FREIRE

**TRABALHO, LINGUAGEM E ARTE: A LITERATURA E A FORMAÇÃO HUMANA
EM GEORG LUKÁCS**

MARANGUAPE-CE

2023

ANGÉLICA DOS SANTOS FREIRE

**TRABALHO, LINGUAGEM E ARTE: A LITERATURA E A FORMAÇÃO HUMANA
EM GEORG LUKÁCS**

Dissertação apresentada ao curso de Mestrado em Ensino e Formação Docente, do Programa Associado de Pós-Graduação em Ensino e Formação Docente da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira – UNILAB e do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará – IFCE, como requisito parcial para obtenção do Título de Mestra.

Linha de Pesquisa: Ensino e Formação

Orientador: Prof. Dr. Emanuel Rodrigues Almeida

Coorientadora: Profa. Dra. Adéle Cristina Braga Araújo

MARANGUAPE-CE

2023

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação

Instituto Federal do Ceará - IFCE

Sistema de Bibliotecas - SIBI

Ficha catalográfica elaborada pelo SIBI/IFCE, com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

F866t Freire, Angélica dos Santos.

Trabalho, Linguagem e Arte : a literatura e a formação humana em Georg Lukács /
Angélica dos Santos Freire. - 2024.

103 f. : il.

Dissertação (Mestrado) - Instituto Federal do Ceará, Mestrado Profissional em Ensino e
Formação Docente, Campus Maranguape, 2024.

Orientação: Prof. Dr. Emanuel Rodrigues Almeida.

Coorientação: Profa. Dra. Adéle Cristina Braga Araújo.

1. Ontologia. 2. Linguagem. 3. Arte. 4. Literatura. 5. Formação Humana. I. Título.

ANGÉLICA DOS SANTOS FREIRE

**TRABALHO, LINGUAGEM E ARTE: A LITERATURA E A FORMAÇÃO HUMANA
EM GEORG LUKÁCS**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Curso de Mestrado em Ensino e Formação Docente, do Programa Associado de Pós-Graduação em Ensino e Formação Docente da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira – UNILAB e do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará – IFCE, como requisito parcial para obtenção do Título de Mestra.

Aprovado em: ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Emanuel Rodrigues Almeida (Orientador)
Instituto Federal do Ceará – IFCE

Profa. Dra. Adéle Cristina Braga Araújo (Coorientadora)
Instituto Federal do Ceará – IFCE

Prof. Dr. Fabiano Geraldo Barbosa
Instituto Federal do Ceará - IFCE

Profa. Dra. Lenha Aparecida Silva Diógenes
Secretaria de Educação do Estado do Ceará - SEDUC

Aos meus sobrinhos Mariana, Bernardo e Gael, que todos os dias me impulsionam à vida e a sentir o mundo com mais poesia.

À Mariana Freire, minha avó paterna, que cultivou em mim o amor pelos livros (*in memoriam*).

AGRADECIMENTOS

Ainda na infância, por influência da minha avó paterna Mariana, me descobri como leitora. Tenho como lema de vida que o pão alimenta o corpo e os livros alimentam a alma. Todas as pessoas com as quais fortaleço vínculos afetivos, me engrandecem com as suas poesias tecidas cotidianamente pelo milagre que chamamos de vida!

Aos (às) companheiros (as) do magistério, pelos aprendizados e pela partilha da esperança.

À amiga Darla, que se faz presente em minha vida diariamente, compartilhando as doces inquietações da vida e construindo uma muralha em torno de mim com o seu cuidado e proteção.

À amiga Fabíola, cuja parceria foi fundamental no momento final da escrita desse trabalho. Dividiu comigo muitas responsabilidades impostas pela dinâmica escolar, para que eu pudesse revisar o trabalho dignamente.

Aos (às) amigos (as) Mabel, Emília, Marciano e Elane, agradeço pelo apoio e incentivo nos momentos mais providenciais para equilibrar os desafios da docência com as demandas no mestrado.

Ao professor Emanuel Rodrigues Almeida, que acolheu a nossa turma com as canções de Belchior e com a tranquilidade que lhe caracteriza. Aceitou o desafio de orientar-me sabendo que a única ideia que ocupava a minha mente e o meu coração era o amor pela literatura e a admiração pelo escritor Lima Barreto. Serei sempre grata!

Ao professor Fabiano Geraldo Barbosa, que foi um importante mediador na compreensão acerca do mundo dos homens, conduziu-me em suas sugestões e incentivos por meio de um verdadeiro engrandecimento intelectual e, sobretudo, humano. Desde a primeira aula, sempre com brilho nos olhos, nos apresentou as possibilidades de sermos maiores e melhores do que éramos antes. Que a fruição da arte lhe persiga incansavelmente sob as notas afinadas nessa poesia que é a vida! Muito obrigada por tudo!

À professora Adele Cristina Braga Araújo, que me privilegiou com a coorientação nessa travessia intelectual. Tecendo uma leitura atenta e generosa sobre esse trabalho, contribuiu lindamente com as suas sugestões. Ao ler os seus textos acerca da estética lukacsiana, em muitos momentos, me surpreendia com o pensamento pueril: “quero ser assim quando eu crescer”.

À professora Lenha Diógenes, cuja presença na banca examinadora desse trabalho foi imprescindível para o meu amadurecimento intelectual em torno do realismo lukacsiano. Senti-me valorizada com a sua leitura sensível sobre a minha escrita e com a disponibilidade em compartilhar algo tão lindo, que é a paixão pela literatura.

À professora Simone César, pelas aulas inspiradoras e pela partilha de lutas e sonhos por um Brasil mais humano.

Aos professores do PPGEF (UNILAB-IFCE), pelas disciplinas ministradas e tantos saberes partilhados.

Aos colegas de turma do mestrado profissional (PPGEF – IFCE/UNILAB), pela convivência amistosa e pela solidariedade em momentos crucias. Aos amigos Tatiana e Eugênio, que foram muito importantes durante a elaboração desse estudo, agradeço-lhes por todo o acolhimento e amizade que se firma a cada momento em que caminhamos juntos.

Aos amigos que a História me deu: Fátima, Cristiano, Raphaela e Zélia. Mariana me presenteia todos os dias com o seu cuidado materializado em uma linda libélula enfeitada com âmbar, que uso como amuleto, lembrando-me da sua preciosa amizade.

Aos companheiros espalhados pelo Brasil, que compartilham conhecimentos no Grupo de Estudos em História e Literatura (GEHISLIT/PUC-MG), devo um agradecimento especial nessa jornada. É muito bom saber que, mesmo distantes geograficamente, estamos unidos no combate pelo diálogo entre a História e a Literatura. Ao Mateus Roque, coordenador do grupo e um estudioso de Saramago, que nos inspira com o seu compromisso, ética e com a doçura mineira que nos incentiva e nos encoraja.

João Félix, Lucas, Emanuele, Lya, Mariana, Bernardo e Gael são a minha família. Agradeço-lhes pelo amor dedicado todos os dias, que me faz suportar esse mundo caótico. Minha mãe, Cláudia, é uma fortaleza inspiradora, dona de uma doçura comovente. Sou muito grata por tê-la como minha protetora e incentivadora.

A todos os meus estudantes, que contribuem diariamente com a minha formação docente e humana. Agradeço por todo o acolhimento depositado diariamente, que me fortalece diante das dificuldades.

“Uma sociedade justa pressupõe o respeito dos direitos humanos, e a fruição da arte e da literatura em todas as modalidades e em todos os níveis é um direito inalienável.” (Antonio Candido)

RESUMO

O filósofo húngaro Georg Lukács, em sua obra *Para uma ontologia do ser social*, analisou a constituição do ser social a partir do trabalho como categoria fundante nesse processo. Por meio do trabalho, o homem transforma a natureza para suprir as suas necessidades e, no desenvolvimento que culmina na produção do novo, o homem também é transformado em um novo ser, que passa a ter novas carências. O trabalho torna-se insuficiente para responder às demandas desse ser social e, nesse processo, surgem outros complexos que têm dependência em relação ao trabalho, mas que possuem relativa autonomia. Nessas mediações ressaltam-se a linguagem, cujo surgimento se deu concomitante ao trabalho; e o complexo da arte que surge tardiamente. Essa dissertação tem como objetivo primordial analisar a categoria trabalho e as suas relações com os complexos da linguagem e da arte, compreendendo a importância da literatura para a formação humana, na concepção lukácsiana. Como objetivos específicos, a pesquisa consiste em: 1) compreender o trabalho como a categoria fundante do ser social e determinante no surgimento de novos complexos sociais; 2) analisar o trabalho e suas relações com os complexos da linguagem e da arte, na constituição do ser social; 3) relacionar os complexos da linguagem e da arte com a literatura, compreendendo sua relevância para a formação humana; 4) elaborar um produto educacional voltado para a formação de clubes literários, para os estudantes do 9º ano do ensino fundamental II, tendo como referência a literatura do escritor Lima Barreto. A pesquisa ancora-se na ontologia marxiana do ser social, proposta pelo filósofo marxista Georg Lukács, consistindo em uma pesquisa de cunho bibliográfico. Para o desenvolvimento desse estudo, tem-se as contribuições dos autores: Lukács (2013, 2023), Tonet (2013) e Lessa (2015). Para as abordagens acerca da literatura e a formação humana, consideram-se os teóricos Candido (1977) e Eagleton (2011) como importantes nessa etapa da investigação. Esse estudo apresenta-se em três momentos, em que o primeiro corresponde à análise acerca do trabalho e o surgimento de novos complexos sociais, como a linguagem e a arte. No segundo momento, discorre-se acerca da relação entre os complexos da linguagem e da arte na constituição do ser social e, o último momento, trata-se sobre a literatura como mediadora da formação humana.

Palavras-chave: Ontologia. Linguagem. Arte. Literatura. Formação Humana.

ABSTRACT

The Hungarian philosopher Georg Lukács, in his work *Toward an Ontology of the Social Being*, analyzed the constitution of the social being based on labour as the underlying category in this process. Through labour, mankind transforms nature to meet its needs, and within the development that culminates in the production of new things, humans themselves are also transformed into new beings, with new needs. Labour becomes insufficient to meet the demands of those social beings, and in this process, other labour-dependent complexes emerge, though possessing relative autonomy. Among those mediations, language stands out, its emergence coinciding with that of labour; while the complex of art arises later. The main objective of this master's thesis is to analyze the category of labour and its relationships with the complexes of language and art, understanding the importance of literature for human formation within the Lukácsian conception. Regarding specific objectives, this research aims to: 1) understand labour as the foundational category of the social being and its pivotal role in the emergence of new social complexes; 2) analyze labour and its relationships with the complexes of language and art in shaping the social being; 3) relate the complexes of language and art to literature, emphasizing their relevance for human formation; 4) devise an educational product aimed at the formation of literary clubs for 9th-grade students in lower secondary education, with the literature of author Lima Barreto as a reference. This research is anchored in the Marxist ontology of the social being, as proposed by the Marxist philosopher Georg Lukács, constituting a bibliographic study. For the development of this study, the contributions of the following authors are considered: Lukács (2013, 2023), Tonet (2013), and Lessa (2015). For approaches concerning literature and human formation, theorists Candido (1977) and Eagleton (2011) are considered important in this stage of the investigation. This study unfolds in three phases, the first of which corresponding to the analysis of labour and the emergence of new social complexes, such as language and art. The subsequent phase delves into the interrelations between the complexes of language and art in shaping the social being, while the final phase examines literature's role as the mediator of human formation.

Keywords: Ontology. Language. Art. Literature. Human formation.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Fotografia de Lima Barreto, datada de 1909.....	87
Figura 2 – Fotografia de Lima Barreto, datada de 1919	95

LISTA DE SIGLAS

IFCE – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará

UNILAB – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira

SBPC – Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	13
2. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	22
3. O TRABALHO E O SURGIMENTO DE NOVOS COMPLEXOS SOCIAIS.....	24
3.1 A relação Homem e Natureza: as esferas inorgânica, orgânica e social	26
3.2 A consciência na constituição do ser social	31
3.3 O surgimento de novos complexos sociais	37
4. O TRABALHO E OS COMPLEXOS DA LINGUAGEM E DA ARTE NA CONSTITUIÇÃO DO SER SOCIAL	41
4.1 O trabalho e a linguagem na constituição do ser social	43
4.2 O complexo da arte e a sua gênese	54
4.3 O complexo da arte no solo do cotidiano	61
5. A MEDIAÇÃO DA LITERATURA NA FORMAÇÃO HUMANA	65
5.1 O realismo na literatura: uma análise lukacsiana	67
5.2 A literatura como um direito	73
5.3 O realismo lukacsiano na literatura engajada de Lima Barreto	82
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS	97
7. REFERÊNCIAS	100

1. INTRODUÇÃO

O filósofo húngaro Georg Lukács, nos anos finais de sua vida, escreveu uma obra publicada postumamente e intitulada *Para uma ontologia do ser social*¹, em que buscou promover uma discussão da teoria marxista pautada na ontologia.²

A ontologia apresentada por Lukács, ressalta o surgimento do ser social a partir da categoria trabalho. Por meio dessa categoria, os homens, para suprirem as suas necessidades transformam a natureza, garantem a sua existência e, na busca incessante pelo novo, garantem também a produção de novos objetos e a constituição de um novo ser, o ser social. Nesse contexto de desenvolvimento humano, tal percepção não pode abster-se do âmbito da história, compreendendo seus processos concretos e reais.

O trabalho surge, portanto, com a produção material humana, cujo processo para Marx (2007, p.32) deve ser historicizado, pois “a produção dos meios para a satisfação dessas necessidades, a produção da própria vida material, e este é, sem dúvida, um ato histórico, uma condição fundamental de toda a história”. É agindo sobre o meio natural para suprir as suas carências e, constituindo-se através do trabalho, que o homem dá respostas às necessidades que lhe são postas.

O primeiro pressuposto de toda a história humana é, naturalmente, a existência de indivíduos humanos vivos. O primeiro fato a constatar é, pois, a organização corporal desses indivíduos e, por meio dela, sua relação dada com o restante da natureza. Naturalmente, não podemos abordar, aqui, nem a constituição física dos homens nem as condições naturais, geológicas, oro-hidrográficas, climáticas e outras condições já encontradas pelos homens. Toda historiografia deve partir desses fundamentos naturais e de sua modificação pela ação dos homens no decorrer da história. (MARX; ENGELS, 2007, p. 87)

A relação do homem com a natureza é sempre determinada pelo trabalho. Pois ele a transforma de acordo com os seus interesses, sendo impulsionado pela necessidade de sobrevivência, o que possibilita a criação do novo, de algo que antes era inexistente no mundo natural. Constata-se que, ao produzirem os seus meios de sobrevivência, o homem acaba produzindo, mesmo que de forma indireta, a sua vida material. Esse dinamismo vai complexificando as etapas do processo do trabalho e, nesse caminho de aperfeiçoamento do ser

¹ O falecimento de Lukács ocorreu em 4 de junho de 1971, e a publicação da primeira edição completa da referida obra, em húngaro, saiu em 1976. Somente após dez anos da morte do filósofo foi publicada a primeira edição integral em alemão, datada de 1984, possibilitando a ampliação das discussões sobre a obra na Europa.

² Sobre a contribuição de Lukács, Netto (1981, p. 51) ressalta que, nos planos filosófico, político e ideológico, “[...]o seu contributo mais notável (e nem por isso menos problemático na sua concretização) foi a tentativa de esclarecimento da natureza mais íntima do marxismo como método de apropriação da ontologia do ser social – a modalidade de apropriação teórica da produção e reprodução da realidade e das relações sócio-humanas”.

biológico, o homem transforma-se em um ser social³.

A passagem da dinâmica de transformar-se no outro – própria da esfera inorgânica do ser – para o movimento de repor-o-mesmo – fundamento de reprodução da esfera orgânica – consiste no ponto inicial de um processo de complexificação do trabalho da nova forma de ser biológico. O aperfeiçoamento do ser biológico – através do processo de desenvolvimento de formas superiores – pode ser compreendido como condição precípua para o surgimento do ser social. (LIMA, 2009, p.24)

O ser social diferencia-se da sua base das esferas orgânica e inorgânica, mesmo mantendo-se vinculado a elas, numa dialética que o permite continuar ligado à natureza e alçar novos saltos, que Lukács denomina de saltos ontológicos. Essas mudanças não seriam possíveis sem a consciência que o homem adquire ao longo do processo de trabalho que o transforma e o complexifica, afastando-o das barreiras naturais e tornando-o mais socializado. É possível afirmar que, “concomitante ao surgimento do ser social, o trabalho também inaugura um processo crescente de complexificação da sociabilidade humana” (LIMA, 2009, p.47).

Dessa forma, é por meio do trabalho que novas necessidades são criadas, impulsionando o ser social para além das suas produções iniciais, pois atinge um maior conhecimento do real. Quanto mais complexo esse processo se torna, mais avanços ocorrem ao homem em termos de sociabilidade. Nesse esteio, a consciência adquire um papel fundamental, pois todo o trabalho humano é realizado de forma consciente. Ao se complexificar, o ser social passa a enfrentar novas demandas e problemas que não podem ser respondidos ou solucionados apenas com o trabalho. A partir daí, surgem outros complexos, como a linguagem, a educação, a arte, a ciência, etc.

Essa pesquisa propõe discutir como a categoria trabalho, ao fundar o ser social, também cria outros complexos sociais que se tornam indispensáveis à construção da reprodução social, tendo como referência a concepção lukácsiana. Dessa forma, inclui-se a discussão para compreender a linguagem como um complexo social em que o homem, em sua existência humano-biológica, ampliou as possibilidades de reprodução social. A linguagem, portanto, permite a fixação de novos conhecimentos, constituindo-se em um complexo imprescindível à convivência entre os homens, possibilitando a comunicação e influenciando as relações sociais.

Enquanto o complexo da linguagem promove um avanço na reprodução social humana, o complexo da arte “cumpre uma função histórica de educar e elevar os sentidos humanos tornando-os cada vez mais social” (PORTÁCIO; MACHADO; SILVA; 2021, n/p). Mesmo com a sua consolidação dada de maneira tardia, a arte caracteriza-se por meio da criatividade e, sobre a sua relação com a linguagem, o filósofo húngaro “inaugura o pensamento e o

³ Na ontologia marxiana, as esferas ontológicas são: a inorgânica, a orgânica e a social.

desenvolvimento da linguagem como antecedentes ao desenvolvimento da arte. As experiências humanas surgem no solo cotidiano e desempenham uma função na vida dos homens possibilitadas pela arte.” (2021, n/p). Compreende-se, portanto, que a arte provoca ao ser social uma nova percepção diante dos problemas do mundo, pois por meio da sua função formativa, os homens passam por um processo de afinação dos seus sentidos.

Georg Lukács é um dos críticos literários mais proeminentes do século XX, constituindo-se como um teórico marxista que analisou a arte considerando o seu contexto social e histórico. No início dos anos 1960, o referido crítico publicou a obra *Estética*, sendo a sua última publicação em vida e, portanto, trata-se de uma obra de grande amadurecimento. Entre as traduções mais relevantes que foram autorizadas para a sua divulgação, tivemos em 1963 para o alemão, em 1965 para o espanhol e, somente em 2023, essa obra teve a sua primeira tradução para a língua portuguesa⁴.

A obra *Estética* é de imensa relevância para a compreensão acerca da constituição do complexo da arte e a sua relação com outros complexos, por exemplo, a ciência, na qual o filósofo tece aproximações. No entanto, esse estudo concentrou-se na abordagem sobre a arte e a sua influência na elevação da consciência sensível do ser social. Como contribuições teóricas, o estudo da pesquisadora Adéle Araújo (2020)⁵, proporcionou uma contribuição norteadora nesse momento da pesquisa, sobre o entendimento acerca da gênese da arte e a sua função social, bem como os estudos de Deribaldo Santos (2017b) referentes à estética lukacsiana⁶.

Nos passos de Lukács sobre a estética marxista, Santos (2017b, p.16) evidencia que,

Para o questionamento sobre se há existência, ou não, de uma estética marxista, o autor responde que essa é uma paradoxal situação: se por um lado existe uma herança deixada pelos clássicos do marxismo, por outro há a necessidade de se conquistar uma proposta estética radicalmente nova; é preciso, inclusive criá-la. Todavia, assegura Lukács, quando a problemática é analisada, levando-se em consideração a iluminação metodológica da dialética materialista, tal paradoxo se dissipa completamente.

Somente por meio da concretização desse método, sob a dialética materialista, cuja consonância busca-se pela aproximação da essência, sem imediatismos e superficialidades, é possível a construção de uma estética marxista. Observa-se, portanto, que o caminho trilhado por Lukács para o desenvolvimento da teoria sobre a estética, desenrolou-se sob a âncora teórica de Marx, cuja “declaração de fidelidade ao marxismo autêntico não elimina da sua estética, em

⁴ A tradução da obra *Estética*, de Lukács, para a língua portuguesa, com referência ao seu primeiro volume, foi efetivada pela Editora Boitempo, em 2023, sob o trabalho de Nélcio Schneider.

⁵ A pesquisa intitulada *A gênese e função social da arte e os desdobramentos no processo formativo-educativo: uma análise fundamentada na estética lukacsiana*, trata-se da tese de doutorado, apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Ceará, 2020.

⁶ Os estudos mencionados foram de grande relevância para a divulgação da *Estética*, de Lukács. Visto a dificuldade de acesso à obra no Brasil, sobretudo pela ausência de traduções para a língua portuguesa.

todos os seus elementos e em sua totalidade, o resultado de uma investigação autônoma” (SANTOS, 2017b, p. 17).

Ainda sobre a discussão em torno da concepção metodológica, pautada na acepção marxista, o esteta ressalta o papel da arte para com a dialética do movimento social. Nesses termos, compreende-se que,

Pela importância dessa esfera para a vida humana, e por sua complexidade teórica, o filósofo sustenta não ser possível defini-la com precisão, tornando-se necessário apreendê-la a partir da aproximação e do distanciamento entre outros complexos sociais como, por exemplo, ciência e religião. Com essas preliminares observações em tela, Lukács define o cotidiano como o campo do qual brotam todas as objetivações superiores da humanidade e para onde retornam, enriquecendo-o. A arte seria a mais privilegiada dessas objetivações, seu processo dialético de nascimento-elevação-assentamento sobre a vida cotidiana registra a autoconsciência da humanidade, comprovando a imanência humana. (SANTOS, 2017b, p. 17)

É, portanto, no cotidiano dos homens, em suas vivências individuais e coletivas que os problemas surgem, demandando as respostas necessárias para as suas soluções. Nesse sentido de desenvolvimento do complexo da arte, o cotidiano se configura num ponto de partida e de chegada que culmina na elevação dos seres sociais e, conseqüentemente, no enriquecimento da sociedade.

No âmbito da literatura, convém salientar que o realismo lukacsiano não se configura em um estilo literário ou a uma escola literária, pois Lukács compreendia o realismo⁷ a partir das relações históricas, das relações de classes sociais, no qual era possível entender os meandros da sociedade e do ser social. O momento em que o filósofo despertou para as questões em torno da arte e da literatura, considerando “as mudanças em seu pensamento político e estético e a maturidade de sua compreensão do marxismo se devem ao contato com os *Manuscritos de 1844* de Marx e os *Cadernos filosóficos* de Lênin” (DUAYER, 2007, p.1).

Segundo Duayer, a partir das experiências com as referidas leituras que produziram um amadurecimento intelectual de Lukács, houve uma ampliação da percepção ontológica em seu pensamento, contemplando discussões em torno da crítica literária e a defesa do realismo como uma forma de manifestação da realidade.

Tomando como referência as discussões suscitadas por Marx e Engels acerca das temáticas da arte e da literatura, Lukács observa a ausência de uma obra específica escrita pelos autores. Porém, o filósofo ressalta as importantes fontes que colaboraram com esses debates,

⁷ Segundo Eagleton, a observação de Lukács em torno do realismo literário, caracterizava-se como: “Uma obra ‘realista’ é dotada de um conjunto complexo e abrangente de relações entre o homem, a natureza e a história; e essas relações personificam e desenvolvem aquilo que, para o marxismo, são as características mais ‘típicas’ de um determinado período histórico” (EAGLETON, 2011, p.57). A partir do realismo seria possível perceber a dinâmica e a estrutura em que se firmava a sociedade.

cujos escritos de Marx e Engels “são constituídos de cartas e anotações de conversas e em parte trechos extraídos de trabalhos dedicados a temas diversos, nos quais Marx e Engels afloram os problemas capitais da literatura” (LUKÁCS, 1965, p. 11).

Dialogando com os escritos de Marx e Engels como sustentáculo para a análise de tais questões, Lukács (1965, p. 13) discorre sobre a gênese da arte e, também, da literatura.

Portanto, a existência e a essência, a gênese e a eficácia da literatura só podem ser compreendidas e explicadas no quadro geral da sociedade. A gênese e o desenvolvimento da literatura são parte do processo histórico geral da sociedade. A essência e o valor estético das obras literárias, bem como a influência exercida por elas, constituem parte daquele processo social geral e unitário através do qual o homem faz seu mundo pela sua própria consciência.

Nesse contexto, as concepções norteadoras no domínio da estética que contemplam a literatura, convergem nos princípios do materialismo histórico. Eles possibilitam a compreensão da origem da arte e da literatura, das orientações decorrentes nesse desenvolvimento, das mudanças empreendidas e das oscilações determinantes nesse processo. Importante salientar que, “as indagações históricas de Marx e Engels no campo da arte e da literatura estendem-se ao inteiro desenvolvimento da sociedade humana” (LUKÁCS, 1965, p. 19). Nesse estudo, cabe ressaltar que a análise acerca desses complexos considerou as suas historicizações, bem como as suas influências na constituição do ser social.

A reflexão produzida em torno da literatura, apresenta-se como um instrumento cuja potência torna-se precípua à formação humana. No contexto em que o homem articula-se à totalidade na qual está inserido, a literatura adquire um importante caráter de mediação entre os homens, visto que “na sociedade capitalista a necessidade estética do indivíduo se faz muito rara e muito rasa. A maioria da população aliena-se de tal necessidade, pois vive em busca da satisfação de necessidades físicas imediatas na luta desigual pela sobrevivência humana”. Nesse quesito, a literatura proporciona engrandecimento ao homem, “à medida que o homem se faz senhor de sua existência e necessita da totalidade das manifestações humanas da vida; ele aproxima-se da verdadeira essência humana-, essência criada pelo homem e para o homem” (FERREIRA; DUARTE, 2010, p. 128-129).

No âmbito da necessidade que o homem possui sobre a fruição da arte e, consequentemente da literatura, o crítico literário Antonio Candido posiciona-se em seu ensaio *O direito à literatura*, tratando-a como um direito fundamental à existência humana. A literatura enquadra-se no rol dos bens incompreensíveis⁸, cuja sobrevivência do indivíduo sofre entraves diante da escassez desses direitos.

⁸ Candido (2011, p. 176), na definição que propõe acerca dos bens incompreensíveis, evidencia que são “não apenas os que asseguram a sobrevivência física em níveis decentes, mas os que garantem a integridade espiritual”.

Torna-se preponderante discorrer acerca da aproximação entre Candido e Lukács, sobretudo no que se refere à análise literária. Na introdução da teoria lukacsiana no Brasil⁹, em meados do século XX, acentua-se um grande avanço no campo da crítica literária, cuja repercussão sobressai nos espaços locais, como também nos circuitos de grande aporte intelectual. Sobre a recepção das ideias lukacsianas, Candido demonstra entusiasmo afirmando que,

[...] com Lukács ela [a análise literária] assume matizes novos, que abrem para outras perspectivas, sobretudo porque ele se interessava não apenas pela transposição do fato em tema, mas pela função deste processo na estruturação da obra. Neste caso, o elemento social se torna fator de constituição da estrutura, não modelo do conteúdo, e o paralelismo se atenua até eventualmente desaparecer. (CANDIDO, 2002, p. 53 *apud* MASSUIA, 2013, p. 24)

Tem-se, nesse contexto, além da forma como a análise literária lukacsiana foi recepcionada entre os intelectuais, a contribuição de Candido nesse cenário de crítica literária que acenava-se no Brasil. Considerando a influência de Lukács sobre as análises desenvolvidas pelo referido crítico brasileiro, avultam-se a amplitude nas discussões acadêmicas, solidificando uma corrente de interpretação revelada à literatura, sob importante relevância.

No entanto, com alusão às observações que Candido tece acerca das ideias de Lukács, “apesar de uma clara inclinação marxista [...] e de existência de diálogo com as concepções do pensador húngaro na obra do crítico e historiador da literatura, o que se constata por menções [...] em textos e palestras no final da década de 1950” (MASSUIA, 2013, p. 24), os aprofundamentos com referenciais na teoria lukacsiana se desenvolveram especialmente pelos seus discípulos¹⁰.

Nesse sustentáculo que oxigena-se as ideias em torno da análise literária, Candido lança posteriormente, na década de 1970, o ensaio *O direito à literatura*, no qual entrelaça a literatura como um bem incompreensível e fundamental à atividade humana. O referido texto foi produzido com o intuito de ser apresentado pelo crítico, em um encontro da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC). Candido, que há muito se configurava em um dos mais importantes intelectuais brasileiros, no contexto de publicação do ensaio, revela-se que,

A condição de intelectual reconhecido quase à unanimidade pela comunidade científica brasileira, em encontro realizado ainda na vigência da Ditadura Civil-Militar brasileira, não pede um texto pesado, duro, rígido em conceitos especializados e em uma metalinguagem hermética: por isso, o texto de Candido pode ser compreendido

⁹ Massuia (2013) ressalta que as primeiras referências das obras de Lukács no cenário intelectual brasileiro têm, como marco temporal, o período entre as décadas de 1950 e 1960.

¹⁰ Segundo Massuia (2013, p. 24), a influência da teoria de Lukács sobre as análises literárias de Candido, foram melhor percebidas por meio dos estudos desenvolvidos pelo seu discípulo Roberto Schwarz, que bem soube alimentar-se do aporte teórico apresentado pelo seu mentor.

por quase qualquer sujeito escolarizado. Ou seja, “O direito à literatura” é um texto de divulgação científica, de convite à aproximação da área, de registro de uma posição político-ideológica no mundo científico – e não propriamente um texto que se lance à discussão cerrada das bases teórico-metodológicas atinentes à produção de um saber novo no campo. Essa particularidade explica a ampla circulação e aceitação do texto. O prestígio de seu autor associado à importância do tema (direitos humanos, humanização etc.) no contexto e à facilidade de compreensão são boas hipóteses para compreendermos sua condição de “quase unanimidade”. (DALVIA, 2019, p. 229)

Na circunstância de cerceamento de direitos elementares que a Ditadura Civil-Militar impunha sobre aquele período nublado da nossa história, Candido era defensor da importância da literatura como mediadora na formação dos seres sociais, tornando explícito em seu texto as possibilidades desse potencial instrumento sobre a vida humana.

Para Candido, a literatura possui uma função humanizadora, visto que as obras literárias desempenham um precípuo papel na sociedade. Assim, ela confirma a humanidade do homem que, de forma consciente, atua sobre o meio em que vive. Nesse viés, a literatura classifica-se dentro das necessidades basilares do homem, compreendendo que “a produção e a fruição desta se baseiam numa espécie de necessidade universal de ficção e de fantasia, que de certo é coextensiva ao homem, pois aparece invariavelmente em sua vida, como indivíduo e como grupo, ao lado da satisfação das necessidades mais elementares” (CANDIDO, 1999, p. 82-83).

A literatura apresenta-se no rol das modalidades que respondem à referida necessidade universal, enfatizando que,

[...] por via oral ou visual; sob formas curtas e elementares, ou sob complexas formas extensas, a necessidade de ficção se manifesta a cada instante; aliás, ninguém pode passar um dia sem consumi-la, ainda que sob a forma de palpite na loteria, devaneio, construção ideal ou anedota. E assim se justifica o interesse pela função dessas formas de sistematizar fantasia, de que a literatura é uma das modalidades mais ricas (CANDIDO, 1999, p. 83)

Defende-se, portanto, que a literatura desempenha funções na sociedade, cuja abordagem abrange a representação de uma realidade social e humana. Nesse quesito, adentramos na esfera concernente ao autor engajador que, entre tantas atribuições, caracteriza-se pela escrita que permeia a realidade social. Nessa fase do estudo, realiza-se uma apresentação da literatura engajada do escritor Lima Barreto, considerando as contribuições das suas obras como representações da sociedade brasileira, durante a Primeira República no Brasil.

As contradições e as desigualdades que marcam a sociedade, estão presentes na escrita de Lima Barreto que, ao observar as anedotas vivenciadas pelos sujeitos históricos que viviam nos bairros dos subúrbios cariocas, trazia para a sua literatura personagens com indagações reais e, muitas vezes, sobrepondo tons de denúncias às precárias condições nas quais estavam inseridos.

O escritor dos subúrbios, como ficou conhecido, em sua prática como autor negro e

oriundo da classe trabalhadora, era conhecedor das dificuldades que lhe cercavam. Ao longo da sua trajetória, alimentou o sonho de publicar as suas obras e de ser reconhecido pela sua capacidade de escrita, mas enfrentou inúmeros desafios pessoais e profissionais, que lhe impossibilitaram de ser aclamado ainda em vida. Nesse estudo, Lima Barreto será apresentado como um escritor engajado¹¹, que imprimiu em sua escrita as ousadias e as contradições do seu tempo, somando as vozes dos sujeitos excluídos em uma sociedade profundamente desigual.

Sob a luz da perspectiva lukácsiana, torna-se imprescindível no desenvolvimento dessa pesquisa, refletir sobre tais questionamentos: como a categoria trabalho, ao fundar o ser social, cria outros complexos indispensáveis à reprodução social, como a linguagem e a arte? De que forma a literatura, produto dos complexos da linguagem e da arte, pode intervir na formação humana?

Tendo como referência a ontologia marxiana do ser social, essa pesquisa tem como objetivo geral analisar a categoria trabalho e as suas relações com os complexos da linguagem e da arte, compreendendo a importância da literatura para a formação humana, na concepção lukácsiana. Como objetivos específicos, pretendemos: 1) compreender o trabalho como a categoria fundante do ser social e determinante no surgimento de novos complexos sociais; 2) analisar o trabalho e as suas relações com os complexos da linguagem e da arte, na constituição do ser social; 3) relacionar os complexos da linguagem e da arte com a literatura, compreendendo sua relevância para a formação humana. 4) elaborar um produto educacional voltado para a formação de clubes literários para os estudantes dos anos finais do ensino fundamental, tendo como referência a literatura do escritor Lima Barreto.

Esse estudo, constitui-se em três capítulos. No primeiro capítulo – O trabalho e o surgimento de novos complexos sociais - , buscou-se compreender o trabalho como uma categoria instituidora na constituição do ser social. É por meio do trabalho que o homem transforma a natureza e garante a sua sobrevivência, nesse processo que envolve articulações categoriais e complexificações, outros complexos tornam-se imprescindíveis à reprodução social. Surgem, então, os complexos sociais que articulam-se e possibilitam as mediações que propiciam aos homens relacionarem-se uns com os outros. Como fundamentação teórica, assinala-se a importância da obra *Para uma ontologia do ser social*, de Lukács (2013), para o estudo das bases ontológicas, bem como Marx e Engels (2007), Tonet (2013) e Lessa (2015).

O segundo capítulo, intitulado como – O trabalho e os complexos da linguagem e da

¹¹ Para o aprofundamento do conceito de “escritor engajado”, sugere-se a leitura de Eagleton (2011), especificamente o capítulo 3 intitulado como *O escritor e o engajamento*, no qual, o crítico norte-americano tece uma discussão acerca do engajamento literário e a crítica marxista.

arte na constituição do ser social - , analisou-se a categoria trabalho e as relações categoriais com os complexos da linguagem e da arte. Discutiu-se acerca da origem desses complexos no processo de desenvolvimento do ser social, considerando a linguagem como um complexo cuja gênese se deu concomitante ao trabalho, propiciando um avanço nas relações sociais. O complexo da arte, cuja origem se assinalou tardiamente, cumpre-se nas necessidades que partem do cotidiano humano. Portanto, é na vida cotidiana que a arte tem o seu ponto de partida e, para ela retorna, produzindo o engrandecimento do homem enquanto indivíduo e partícipe do gênero humano. Nesse momento da pesquisa que fundamentou-se no estudo das referidas categorias e suas articulações, destaca-se como referencial teórico para as suas compreensões os textos de Lessa (2015), Silva (2016), Lima (2009) e Andrade (2016). Para a análise do complexo da arte, a obra norteadora foi *Estética*, de Lukács (2023), atentando-se para o texto de Santos (2017b) e Araújo (2020), que forneceram bases importantes acerca da gênese e da função social do complexo da arte.

Sob o título – A mediação da literatura na formação humana - , no terceiro capítulo realiza-se um debate acerca da influência da literatura sobre a formação humana, inserindo no rol de discussões o amadurecimento intelectual de Lukács em torno das leituras de Marx e Engels, sobre a arte e a literatura. Nesse esteio, salienta-se o realismo literário como gênero preponderante para a representação da realidade, sob a perspectiva de compreensão da sociedade em sua totalidade. Para tratar sobre esses apontamentos relacionados à concepção lukacsiana com a literatura, recorreremos à Lukács (1965, 2016, 2023). Na compreensão sobre a literatura como um direito, encontra-se o seu arcabouço teórico central no ensaio *O direito à literatura*, de Candido (2011), também utiliza-se o texto sobre a crítica literária marxista, o autor Eagleton (2011). O capítulo encerra-se com a apresentação do engajamento literário do escritor Lima Barreto, compondo a sua biografia, bem como o histórico dos seus escritos literários articulados ao realismo lukácsiano. Os trabalhos dos autores Barreto (2010), Barbosa (2012), Schwarcz (2017), foram imprescindíveis para a análise acerca do lugar social do referido escritor e, conseqüentemente, sobre as reverberações sociais presentes em sua literatura.

Destaca-se, portanto, que o desenvolvimento dessa pesquisa tem como solo teórico as leituras e análises ancoradas na concepção da ontologia marxiana, buscando contribuir com o debate acerca da literatura como uma modalidade fundamental para a elevação dos homens. Instrumento esse, que perpassa pelo âmbito dos bens incompreensíveis para a sobrevivência humana, no cerne de uma sociedade capitalista, cuja desigualdade não escoa apenas pela escassez do alimento que abastece o corpo físico, mas do impedimento à fruição artística

sobretudo à classe trabalhadora.

2. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Esse estudo consiste numa pesquisa-bibliográfica, tendo como fundamento teórico a ontologia marxiana posta pelo filósofo Lukács, cuja prioridade se dá por meio da possibilidade do conhecimento do real, articulada à totalidade. Sob a âncora teórica de Marx, a categoria trabalho, bem como a constituição dos complexos sociais devem ser compreendidas considerando as suas historicidades, as suas funções sociais e as suas realidades.

Nesse caminho para a compreensão da realidade, considera-se que “as coisas só o são se existe na materialidade do mundo e como consequência dessa necessária materialidade das coisas para a sua possível análise, temos o processo histórico enquanto lugar adequado para a análise dessas relações” (SILVA, 2016, p. 55-56). Nesse sustentáculo da teoria marxiana, tem-se na concepção lukacsiana, desenvolvida na fase de maior amadurecimento intelectual do filósofo, a tentativa de recuperar o legado dos escritos marxistas, tendo como o fio condutor a ontologia do ser social.

Compreendendo que o conhecimento do objeto deve ter como relevância o seu processo histórico e social, ressalta-se que, “Marx, respondendo às demandas essenciais da classe trabalhadora lançou os fundamentos de um paradigma científico-filosófico radicalmente novo e que este paradigma é o que melhor permite compreender a realidade social” (TONET, 2013, p.10). O estudo do objeto tendo como âncora o materialismo histórico-dialético, deve ser feito para além da sua aparência, articulado à sua essência e considerando os seus fundamentos históricos e sociais.

Para o apoio dos estudos em Marx, tem-se como referências para o desenvolvimento dessa pesquisa as contribuições dos autores: Tonet (2013) e Lessa (2015). Para os estudos acerca do realismo lukacsiano, da literatura e a formação humana, consideram-se os teóricos Lukács (1965, 2016, 2023), Candido (2011) e Eagleton (2011) como importantes condutores para as apreciações e análises.

Para o aprofundamento acerca do escritor Lima Barreto, recorre-se à análise das biografias escritas pelos autores Barbosa (2012) e Schwarcz (2017), para perscrutar suas interpretações acerca das obras e da vida de Lima Barreto e, assim, conhecer o seu lugar social. Por meio da leitura exploratória das obras barretianas, especialmente os contos de Barreto (2010), tem-se a perspectiva de delimitar os apontamentos que podem oferecer bases para a articulação entre o escritor engajado com a concepção do realismo lukacsiano.

Trata-se de compreender sobre como o engajamento literário de Lima Barreto, tão presente em sua escrita, nos oferece possibilidades de refletir acerca de uma sociedade que deseja se configurar nos padrões modernos vigentes, mas que traz em sua concretização os conflitos presentes na desigualdade.

Compreender a importância da literatura para a constituição do ser social é partilhar do entendimento de que,

A crítica marxista faz parte de um conjunto mais amplo de análises teóricas que tem como objetivo entender *ideologias* – as ideias, os valores e os sentimentos por meio dos quais os homens vivem e concebem a sociedade em diversas épocas. E algumas dessas ideias, valores e sentimentos só se tornam disponíveis a nós na literatura. (EAGLETON, 2011, p.10)

A literatura é, portanto, analisada de forma a considerar as condições históricas em que é produzida, pois de acordo com Eagleton (2011), a crítica marxista não deve ser exclusiva aos ensaios acadêmicos ou ficar reduzida aos seus arquivos. É na literatura que a crítica marxiana revela o seu papel preponderante no exercício da tomada de consciência para as transformações humanas.

Nesse ensejo, o produto educacional desenvolvido nesse trabalho, tem como fundamento apresentar uma proposta para a formação de clubes de leitura, voltados para os estudantes do 9º ano, do ensino fundamental II. Por meio do diálogo interdisciplinar entre história e língua portuguesa, o acesso à literatura nas aulas de história torna-se viabilizado através da leitura sistematizada dos contos de Lima Barreto, inserindo debates acerca das temáticas apresentadas, relacionando-as aos conteúdos históricos. A formação de clubes, cujo foco encontra-se permeado pela descoberta da literatura barretiana, colabora para que os estudantes se reconheçam como sujeitos históricos e transformadores em suas práticas de cidadania.

3. O TRABALHO E O SURGIMENTO DE NOVOS COMPLEXOS SOCIAIS.

Em sua obra de maior maturidade, *Para uma ontologia do ser social*, Lukács desenvolve uma teoria que circunda o ser social a partir de ligações categoriais e expõe o trabalho como a categoria fundante deste ser, cujo fenômeno seria o seu modelo originário.

Tal escolha justifica-se pela explicação de que essa categoria é o elemento chave de observação da relação entre o homem e a natureza, pois “o trabalho é, entre outras coisas, a constatação da relação eterna do homem com a natureza e a categoria fundante do ser social, todas as demais categorias já surgem a partir dessa relação social” (SILVA, 2016, p.62-63). Portanto, para compreender como se formam os complexos que se originam do trabalho, convém observar que eles possuem as suas essências pautadas nas relações sociais.

O homem, cuja ação se desenvolve por meio do trabalho, é um ser que responde às suas necessidades, pois todo exercício laborativo é uma tentativa de suprir uma carência que lhe é posta.

[...] o homem torna-se um ser que dá respostas precisamente na medida em que – paralelamente ao desenvolvimento social e em proporção crescente – ele generaliza, transformando em perguntas seus carecimentos e suas possibilidades de satisfazê-los; e quando, em sua resposta ao carecimento que a provoca, funda e enriquece a própria atividade com tais mediações, frequentemente bastante articuladas. De modo que não apenas a resposta, mas também a pergunta é um produto imediato da consciência que guia a atividade. (LUKÁCS, 1978, p. 5-6)

Por meio do trabalho, o indivíduo dá respostas às suas carências através da produção de algo, surgindo a partir daí, novas necessidades, bem como novas perguntas que o impulsionam a produzir novas respostas. Para chegar a essas respostas, o homem, de forma consciente e concreta, produz o enriquecimento do conhecimento, a partir de mediações articuladas.

Nesse contexto, é por meio do trabalho que a práxis social se efetiva e também surgem os demais complexos sociais, pois mesmo que a existência de tais complexos desfrute de certa autonomia, eles perpassam pela influência desta categoria. Lukács constitui, em sua teoria, que o ser social é um ser de “complexo de complexos”, pois sua formação se dá pela articulação categorial fundada pelo trabalho em uma mediação feita pela totalidade social.

A característica do trabalho de apontar para além de si mesmo coloca para o ser social novas possibilidades e necessidades que não podem ser atendidas no ou pelo trabalho. Porém, há uma articulação entre os complexos parciais e o trabalho, uma mediação exercida pela totalidade social. Nesse sentido, Lukács compreende a totalidade social como aquela que executa o papel de momento predominante da relação do trabalho com os demais complexos sociais. (SILVA, 2016, p. 67)

Ressalta-se que, ao longo do processo reprodutivo, o ser social revela-se complexo, heterogêneo e que não se reduz ao trabalho, pois este se desdobra essencialmente em articulação

com outros complexos sociais, pautando suas existências em um contexto de autonomia relativa e, ao mesmo tempo, de dependência para com essa categoria. Na cadeia que liga as bases da reprodução social dos seres humanos, compreende-se que “o trabalho é não apenas a categoria fundante, mas, igualmente, o fundamento de todos os complexos do ser social. Sem o trabalho não há ser social, equivalente dizer, não há reprodução social possível” (ANDRADE, 2016, p. 197).

Na acepção ontológica, o trabalho apresenta-se como possibilidade de elevação do desenvolvimento dos homens que trabalham. Considerando que em seu processo de reprodução cujo mundo que o circunda tem sua transformação de forma ativa e consciente, “o trabalho torna-se não simplesmente um fato no qual se expressa a nova peculiaridade do ser social, mas, ao contrário – precisamente no plano ontológico -, converte-se no modelo da nova forma do ser em seu conjunto” (LUKÁCS, 1978, p. 6). O trabalho, portanto, lança o ser social não em sua individualidade, mas em sua reprodução social.

Essa categoria determinante na reprodução social possui uma dimensão interna que perpassa por uma dialética do incansável processo de aperfeiçoamento do trabalho, tornando-o cada vez mais complexo, ampliando seus campos de conhecimentos num nível e intensidade cada vez maiores. Nesses termos, Lukács salienta que,

O trabalho é um ato por consciente e, portanto, pressupõe um conhecimento concreto, ainda que jamais perfeito, de determinadas finalidades e de determinados meios. Vimos que o desenvolvimento, o aperfeiçoamento do trabalho é uma de suas características ontológicas; disso resulta que, ao se constituir, o trabalho chama à vida produtos sociais de ordem mais elevada. (LUKÁCS, 1978, p. 9-10)

Ao complexificar-se e desenvolver-se de forma cada vez mais elevada, outros complexos sociais surgem sob articulações categoriais com o trabalho, de maneira a contemplar as novas necessidades humanas que aparecem mediante às novas criações.

Nesse sentido, a análise empreendida desenvolve-se em torno da categoria trabalho e o surgimento dos complexos sociais no processo de constituição do ser social, tendo como referencial a concepção lukacsiana. Esse capítulo divide-se em três momentos, nos quais apresentam-se as discussões acerca da relação Homem e Natureza no contexto das esferas orgânica e inorgânica concebidas por Lukács; no segundo momento, analisa-se o papel da consciência na constituição do ser social e, no terceiro e último momento, apresenta-se a influência da categoria trabalho no surgimento de novos complexos sociais.

3.1. A relação homem e natureza: as esferas inorgânica, orgânica e social

Na ontologia marxiana, o principal ponto de observação é o homem em seu contexto histórico e concreto, “cujas forças naturais, objetivas e efetivas produzem objetos igualmente objetivos, frutos da objetivação dos sujeitos” (LIMA, 2009, p.19).

A existência do homem, ou seja, estar vivo, é a condição para que ele se constitua historicamente, apresentando-se na materialização individualizada do ser social. Para se manter vivo, ele precisa suprir as suas necessidades basilares, isso se dá através do trabalho, realizando ações sobre o meio em que tem interação e, conseqüentemente, produzindo ininterruptamente novas necessidades. Encontramos em Marx a explicação que perpassa pela ação humana em busca da sua sobrevivência através do trabalho, na qual o filósofo ressalta que,

Mas, para viver, precisa-se antes de tudo, de comida, bebida, moradia, vestimenta, e algumas coisas mais. O primeiro ato histórico é, pois, a produção dos meios para a satisfação dessas necessidades, a produção da própria vida material, e este é, sem dúvida, um ato histórico, uma condição fundamental de toda a história, que ainda hoje, assim como há milênios, tem de ser cumprida diariamente, a cada hora, simplesmente para manter os homens vivos. (MARX, 2007, p.87)

Ao produzir novas carências, o homem amplia a complexificação da atividade humana, impulsionando-o à ininterrupta criação do novo que não se restringe apenas aos objetos. Compreende-se que, nessa intervenção sobre a natureza, o trabalho modifica o homem que passa do ser biológico para o ser social, adquirindo um caráter transformador de si mesmo e da realidade.

Para Lukács, a estrutura do ser compõe três esferas: a inorgânica, a orgânica e a social. Essas três esferas são explicadas por Lessa (2015) de acordo com as seguintes peculiaridades,

Para Lukács, portanto, existem três esferas ontológicas distintas: a inorgânica, cuja essência é o incessante tornar-se outro mineral; a esfera biológica, cuja essência é o repor o mesmo da reprodução da vida; e o ser social, que se particulariza pela incessante produção do novo, através da transformação do mundo que o cerca de maneira conscientemente orientada, teleologicamente posta. (LESSA, 2015, p.16)

Na esfera inorgânica, não há vida, trata-se de uma dinâmica cujo movimento se cumpre na transformação de um elemento que existe, em outro distinto dele, como o exemplo de uma pedra que transforma-se em terra. Ao ser biológico, ressalta-se que “é o processo de reposição do mesmo da espécie o traço irrevogável do ser biológico, ou seja, a manutenção de uma determinada espécie apenas pode ocorrer com a manutenção da sua reprodução no sentido biológico” (SILVA, 2016, p. 68).

Dentro das esferas ontológicas, a esfera biológica, que é a esfera da vida, justifica-se pela reposição do mesmo na cadeia da reprodução do processo biológico.

É, portanto, na esfera do ser social que encontramos a produção do novo, cujo novo ser, colabora com a transformação do mundo. Nesses termos, o papel do trabalho diante do processo constituinte do ser social, tem como característica definidora a transformação que o homem proporciona à natureza e ao seu entorno, sendo isso o que diferencia o ser biológico do ser social.

É essa propriedade essencial ao trabalho – ser um tipo de reação ao ambiente que produz algo ontologicamente antes inexistente, algo novo – que possibilita ao trabalho destacar os homens da natureza. Em outras palavras, é a capacidade essencial de, pelo trabalho, os homens construir um ambiente e uma história cada vez mais determinada pelos atos humanos e cada vez menos determinadas pelas leis naturais, que constitui o fundamento ontológico da gênese do ser social. E toda essa processualidade tem, no processo de generalização provocado pelo trabalho, seu momento fundante. (LESSA, 2015, p. 51)

Torna-se preponderante acentuar que, entre as esferas inorgânica, orgânica e o ser social, há uma diferenciação ontológica que tem como relevância a sua processualidade social que demonstra-se distinta nos processos naturais. Porém, apesar de apresentarem-se no âmbito de suas distinções, essas esferas sociais articulam-se de forma indivisível, pois na caminhada evolutiva, responsável pela trajetória que vincula entre si as três esferas, compreende-se que sem a esfera inorgânica não há possibilidade de vida e, conseqüentemente, não existe o ser social. Ontologicamente, significa salientar que, “um ser social só pode surgir e se desenvolver sobre a base de um ser orgânico e que esse último pode fazer o mesmo apenas sobre a base do ser inorgânico”(LUKÁCS, 1978, p. 3). Assim, a existência do ser social só ocorre quando este relaciona-se de maneira permanente e contínua com a natureza.

Para se compreender as distinções e as articulações que permeiam as três esferas ontológicas, é importante considerar o que Lukács denominou como momento predominante que, na dinâmica da processualidade evolutiva, também tem a denominação de salto ontológico. Ressalta-se que todo salto, acarreta uma transformação qualitativa e estrutural sobre o ser, havendo a passagem de uma forma mais simples do ser para uma mais complexa que culmina em algo novo, aperfeiçoando uma nova forma de ser.

Para haver o salto ontológico, é necessário que ocorra o rompimento da continuidade do processo, pois ele só acontece mediante uma ruptura. Há, portanto, a negação do salto anterior que leva à interrupção, apresentando-se uma longa dinâmica de desenvolvimento de novas categorias, culminando na formação de um novo ser.

Tal como a *reprodução do mesmo* se constitui em momento preeminente do salto ontológico que deu origem à vida, a *reprodução do novo*, através da transformação conscientemente orientada do real, se constitui no momento predominante do salto que marca a gênese do ser social. (LESSA, 2015, p. 20)

No rol dos desdobramentos que acarretam o desenvolvimento do mundo dos homens, tem-se uma análise que Lukács apresenta, em que “Marx chamou de recuo das barreiras naturais. Isso quer dizer que, por meio do trabalho, um ser originariamente biológico se converte em um ser humano; com isso, o fator biológico não desaparece, mas é transformado” (LUKÁCS, 2013, p.348).

Nesse sentido, o afastamento das barreiras naturais pelo homem não pode ser associado a um rompimento ou separação entre o homem e a natureza, pois no processo do trabalho esse vínculo será sempre ineliminável. A constituição do ser social encontra no afastamento das barreiras naturais um momento imprescindível ao seu desenvolvimento, visto que esse afastamento não ocorre de forma completa.

É nesse sentido que o trabalho mais uma vez desempenha uma função essencial, sendo ele o vínculo inseparável do homem com o mundo natural, por um lado, e por outro põe o ser social num processo histórico marcado justamente pelo afastamento das barreiras postas pela natureza e criando assim leis que regem o mundo social que são completamente distintas das que regulam o mundo natural, seja ele orgânico ou inorgânico. (SILVA, 2016, p. 71)

A existência do ser social se dá, portanto, em articulação com a natureza. Nesse sustentáculo, o trabalho é a forma pela qual o homem continua vinculado à natureza, impossibilitando o seu rompimento com o meio natural.

Nessas relações em que repercutem a formação do ser social, ressalta-se que essa análise deve ser feita considerando a sua historicidade, bem como àquelas vinculadas às questões pertinentes acerca do ser inorgânico e do ser orgânico. Ao compreender esse processo tendo em vista a objetividade histórica e partindo do pressuposto que o desenvolvimento do mundo ocorre a partir da sua materialidade, em seu contexto real e concreto, o filósofo húngaro segue os passos de Marx, afirmando que, “segundo Marx, imagino a ontologia como a verdadeira filosofia baseada na história” (LUKÁCS, 1999, p.145). Ao considerar a historicidade dos seres inorgânico e orgânico, Lukács ressalta que,

[...] historicamente, é indubitável que o ser inorgânico aparece primeiro e que dele [...] provém o orgânico, com suas formas animais e vegetais. E desse estado biológico resulta depois, através de passagens extremamente numerosas, aquilo que designamos como ser social humano, cuja essência é a posição teleológica dos homens, isto é, o trabalho. Esta é a categoria nova mais decisiva, porque compreende tudo em si. (LUKÁCS, 1999, 145)

Considerando o aprofundamento do processo da reprodução humana que perpassa pela transição do ser orgânico para o ser social, convém assinalar que essas transformações sociais não acontecem de maneira repentina, mas ocorrem dentro de um longo espaço de tempo, cujas mudanças culminam nas contradições apresentadas pela sociedade de classes.

Partindo desse atributo de formação do ser social, Lukács compreende que a distinção

entre os seres inorgânico, orgânico e social, ocorre por meio das categorias de valores, “valor e ausência de valor não se apresentam ainda na existência biológica, pois, na verdade, a morte é um processo análogo à vida. Entre uma e outra não há diferença de valor. (LUKÁCS, 1999, p.145). No esteio dessa explicação, o filósofo marxista ressalta uma segunda diferença existente entre os seres supracitados:

A segunda diferença fundamental é do ‘dever ser’, ou seja, as coisas não se modificam por si, não são processos espontâneos, mas por consequência de posições conscientes. A posição consciente significa que a finalidade precede o resultado. Este é o fundamento de toda a sociedade humana. Aquela posição que existe entre valor e não valor, entre ‘ter podido realizar’ e ‘ter sido realizado’ constitui, na verdade, toda a vida humana. (LUKÁCS, 1999, p.145)

Acerca das categorias de valor e de dever-ser, Lukács ressalta que a natureza desconhece essas duas categorias, pois “na natureza inorgânica, as mudanças de um modo de ser para outro não têm, é claro, nada a ver com valores. Na natureza orgânica, onde o processo de reprodução significa ontologicamente adaptação ao ambiente, pode-se já falar de êxito ou de fracasso”(LUKÁCS, 1978, p.7). O dever-ser trata-se de uma categoria que abrange o comportamento humano cuja determinação ocorre não de forma natural ou espontânea, mas se revela pelas finalidades sociais em que o indivíduo está inserido. Convém salientar que, no contexto em que se atende ao trabalho, os homens que o executam são movidos por finalidades que são previamente determinadas.

Entre os seres inorgânico e orgânico não há teleologia, esse processo tem a sua estreia por meio do trabalho. A teleologia só existe no ser social, pois caracteriza-se quando o homem tem a capacidade de antecipar mentalmente uma finalidade para a resolução de um determinado problema. Ressalta-se que, outro caráter que distingue a relação homem-natureza é posto quando o ser social transforma a natureza a partir da produção de algo que, até então, não existia no mundo natural, mas cujo processo foi previamente antecipado em sua mente, prevendo também a sua finalidade. Lukács define esse momento no desenvolvimento do trabalho como teleologia.

A base sócio-ontológica que abrange qualquer acontecimento social que precisa de posições teleológicas individuais, envolve uma característica essencialmente causal. Nesse contexto, a gênese teleológica apresenta consequências que impactam os processos sociais.

Por um lado, podem chegar à condição de determinados objetos, com tudo o que disso decorre, que não poderiam ser produzidos pela natureza; basta pensar, para continuar ainda no campo dos primitivos, no exemplo da roda. Por outro lado, toda sociedade se desenvolve até níveis onde a necessidade deixa de operar de maneira mecânico-espontânea; o modo de manifestação típico da necessidade passa a ser, cada vez mais nitidamente e a depender do caso concreto, aquele de induzir, impelir, coagir etc., os homens a tomarem determinadas decisões teleológicas, ou então de impedir que eles o façam. (LUKÁCS, 1978, p. 12)

O processo que circunda a sociedade é sobretudo causal, pois em suas articulações, não se limita unicamente à realização de finalidades, visto que os homens, individual ou coletivamente, concretizam suas finalidades cujos resultados repercutem em algo distinto ao que haviam pretendido anteriormente.¹² As consequências da divergência entre as posições teleológicas e os seus efeitos causais “aumenta com o crescimento das sociedades, com a intensificação da participação sócio-humana em tais sociedades” (LUKÁCS, 1978, p, 12).

Pelo trabalho, o indivíduo ao transforma a natureza, oferta ao mundo um novo produto que foi previamente idealizado em sua mente para que, posteriormente, pudesse ser constituído de maneira concreta no mundo dos homens, sendo objetivado. Essa dinâmica ocorre por meio da relação entre teleologia e causalidade, em que a prévia-ideação e a objetivação configuram-se em momentos constituintes do trabalho.

Nesses termos, o processo teleológico realiza-se em uma causalidade dada compreendida entre conexões causais, cujo movimento possibilita a concretização da finalidade delineada previamente, desde o início. Entende-se que “a contínua realização de posições teleológicas atua sobre a causalidade dada, tornando-a posta. Tornar posta a causalidade significa que novos nexos e cadeias causais foram inaugurados pela objetivação” (LIMA, 2009, p. 33).

No caminho percorrido por via da processualidade evolutiva em que se constitui o ser social, resultando na acumulação do conhecimento dos homens que passam a se reconhecerem como seres em construção, reconhecendo-se também em suas próprias historicidades, a consciência que os elevam possui um papel fundamental. Considera-se que, nessa processualidade, configura-se na

“(...) base ontológica do incessante acréscimo de novos conhecimentos, ao longo do tempo, acerca da natureza e da sociedade. E que, através desse processo de acumulação, os homens podem se elevar a uma consciência do seu em-si, do que de fato são, o que possibilita algo inédito: um ser que se reconheça na sua própria história. Em outras palavras, um gênero que se reconhece enquanto gênero em processo de construção.” (LESSA, 2015, p. 15)

O trabalho, em sua essência, nos permite realizar uma reflexão para além do que mantém os seres vivos em seu ambiente, inserido numa competição biológica. A consciência, portanto, atua em um momento que separa o homem de sua mera reprodução biológica e passa a ser um sujeito que transforma o meio em que vive.

¹² Como reflexão a esse argumento, Lukács destaca como exemplo “que o desenvolvimento das forças produtivas, na Antiguidade, destruiu as bases da sociedade; ou no modo pelo qual, num determinado estágio do capitalismo, esse mesmo desenvolvimento provocou crises econômicas periódicas etc.” (1978, p.12)

No plano ontológico que abrange o mundo dos homens, é atribuído à consciência um papel ativo e decisivo na constituição do ser social, cuja discussão perpassa-se no item seguinte.

3.2 A consciência na constituição do ser social

O ser social só pode reproduzir-se por meio da sua articulação com a natureza, ou seja, a sua existência é concebida através da sua relação com o meio natural, que o transforma para suprir as suas necessidades. É importante frisar que, mesmo por meio da ação humana transformando a natureza para prover as suas carências, a natureza nunca deixará de ser natureza, por mais que hajam transformações sociais profundas. Mesmo alterando a natureza, atribuindo-lhe outras formas e utilidades, a natureza “continuará sendo portadora de qualidades naturais, de determinações advindas do mundo da natureza” (LESSA, 2015, p. 30).

Nesse processo em que se constitui o ser social, a consciência tem papel fundamental, pois permite que o homem responda às intercorrências que surgem e que exigem novas produções para suprir outras carências. Salienta-se que as demandas da sociedade influenciam a prévia-ideação que, para ser concebida, confronta-se com a consciência, com o processo de acumulação do conhecimento, com as temporalidades que perpassam a necessidade do presente e os anseios para com o futuro.

Nesse sentido, compreende-se que a singularidade da prévia-ideação “não apenas incorpora o patamar de desenvolvimento sócio genérico já alcançado pela humanidade, como também generaliza a situação presente ao confrontá-la com o passado e com o futuro” (LESSA, 2015, p. 50).

A prévia-ideação tem uma função fundamental nesse contexto da vida humana, pois mesmo sendo abstrata, é nesse momento que os homens confrontam-se em suas temporalidades e, idealmente, projetam os resultados das suas ações. Portanto, a prévia-ideação perpassa pelo planejamento que antecede e orienta a ação do homem, cujas consequências “são antevistas na consciência, de tal maneira que o resultado é idealizado (ou seja, projetado na consciência) antes que seja construído na prática” (LESSA, 2015, p. 22). Assim, evidencia-se que a prévia-ideação só se constitui se for objetivada, ou seja, se for concretizada na prática.

As relações existentes entre a consciência empreendida na prévia-ideação e a objetivação compreendem que, sem o planejamento que o antecedeu, o objeto não teria a sua existência. Trata-se, portanto, que o objeto é resultado de uma ideia objetivada, ou seja, uma ideia que foi planejada e transformada em objeto.

Nesse caminho percorrido entre a prévia-ideação e a objetivação do objeto, a

subjetividade do homem passa por uma alteração, pois ao empreender mudanças na natureza, o homem também passa a enfrentar mudanças. Nesse trajeto, o ser social adquire novos conhecimentos e habilidades que culminam em novas necessidades até então não existentes. Esse processo, na concepção lukacsiana, é o fundamento ontológico da exteriorização.

Observa-se, portanto, que a objetivação/exteriorização garantem a existência do sujeito, pois, em Lukács, o ser humano “significa uma crescente capacidade de objetivar/exteriorizar – isto é, transformar o mundo segundo finalidades socialmente postas” (LESSA, 2015, p. 25).

Diante da compreensão que transita entre o pôr teleológico orientado pela consciência, ressalta-se que,

[...] o homem opera posições teleológicas, ou seja, que ele antecipa mentalmente o que pretende fazer objetivamente. Isso leva o ser social a escolher entre alternativas ainda no processo mental, antes de efetivar tal ação. Quando essa escolha mental se faz, cabe então ao ser social tentar efetivá-la, ou seja, proceder de acordo com o que antecipou mentalmente, transformando assim a natureza e o mundo a sua volta. (SILVA, 2016, p.72)

Tais transformações na natureza não modificam apenas o mundo, mas o próprio ser social também é impactado pelas mudanças empreendidas ao longo desse processo de reprodução social, que é caracterizado pela produção do novo. Na acepção ontológica de Lukács, o trabalho é a categoria “capaz de despertar novas capacidades e necessidades no homem, as consequências do trabalho ultrapassam aquilo que nele foi posto de modo imediato e consciente, elas trazem ao mundo novas necessidades e novas capacidades para a satisfação destas” (LUKÁCS, 2013, p. 302).

Ressalta-se que a reprodução social compreende várias atividades humanas que não especificam-se somente no trabalho, porém, essas atividades que repercutem sobre o homem e a sociedade não existiriam se não fosse pelo trabalho. Nesses termos, o trabalho propicia o surgimento e a permanência de várias ações desenvolvidas pelo homem em sociedade. A motivação do processo de reprodução social dado pela necessidade material, estabelece ao trabalho uma dinâmica de maior complexificação, cuja cadeia de mediações posiciona-se em virtude do suprimimento dessas satisfações materiais. Conclui-se que,

[...] tal satisfação só possa ter lugar com a ajuda de uma cadeia de mediações, as quais transformam ininterruptamente tanto a natureza que circunda a sociedade, quanto os homens que nela atuam, as suas relações recíprocas, etc., e por isso porque elas tornam praticamente eficientes forças, relações, qualidades etc., da natureza que, de outro modo, não poderiam exercer essa ação, ao mesmo tempo em que o homem liberando e dominando essas forças – põe em ser um processo de desenvolvimento das próprias capacidades no sentido de níveis mais altos. (LUKÁCS, 1978, p.6)

O desenvolvimento de criação de novas objetivações que não existiam na esfera natural, conduz o ser social à “posição teleológica que põe em funcionamento séries causais, alterando

as funções das leis naturais que estão na base imanente do meio do trabalho” (SILVA, 2016, p. 62). A partir desse processo a consciência é um importante complexo que propicia o salto entre o ser biológico para o ser social.

De maneira concomitante com o desenvolvimento do trabalho, bem como de sua divisão, um novo tipo de posição teleológica vai adquirindo relevância. Nesse caso, a posição teleológica secundária ganha importância, pois influencia os indivíduos em suas decisões diante da escolha entre alternativas, persuadindo-os a atuarem em uma direção em detrimento de outra.

Lukács denomina posições teleológicas primárias aquelas voltadas à transformação da natureza, no processo de troca orgânica entre os homens e o ser natural. O segundo tipo de posição teleológica, aquela voltada à persuasão de outros indivíduos para que ajam de uma determinada maneira, é denominada posição teleológica secundária. (LESSA, 2015, p. 42)

Considerando que o trabalho será o motor propulsor da existência de outros complexos, convém evidenciar que as posições teleológicas fundamentais à sociabilidade são as posições teleológicas secundárias. Enquanto que a posição teleológica primária relaciona-se à transformação da natureza, a posição teleológica secundária tem a consciência humana como objeto, atuando internamente nas relações sociais.

A objetivação alcançada pela prévia-ideação, transforma o que já existe nos âmbitos material e social, proporcionando resultados e consequências até então inexistentes, que resultam em novas carências e possibilidades para atender às novas demandas humanas.

Ao se alterar o existente, pela objetivação de uma prévia-ideação, advêm consequências e resultados inesperados que resultam em novas necessidades e em novas possibilidades para atender a estas necessidades. Lukács se refere a um “período de consequências”. Os indivíduos, então, operam novas prévias-ideações tendo em vista as novas exigências e possibilidades que surgiram, e efetuam novas objetivações, dando origem a novos objetos que, por sua vez, desencadeiam novos nexos causais. (LESSA, 2015, p. 28)

Nesse sentido, a essência do trabalho está na relação dialética entre a teleologia, que projeta prévia e idealmente a finalidade de uma ação, e a causalidade, que articula nexos causais no mundo objetivo.

Na acepção lukacsiana, no que transcorre ao ato do trabalho, tem-se o momento ideal que se define entre a finalidade e a necessidade. O homem articula a sua práxis de acordo como reage às suas necessidades. Enfatiza-se que, as finalidades são construídas socialmente, não se tratando de uma necessidade natural, mas de necessidades sociais que levam à objetivação. Assim, “para a objetivação dessa finalidade, são necessárias a seleção e a busca dos meios materiais mais adequados entre os meios disponíveis” (2015, p. 30), sendo a finalidade a procura e a escolha dos meios.

Compreende-se que, numa sociedade, as atividades que são empreendidas colocam a

totalidade em movimento por meio de articulações causais. Ressalta-se que a práxis é uma escolha entre alternativas, “já que todo indivíduo singular, sempre que faz algo novo, deve decidir se o faz ou não. Todo ato social, portanto, surge de uma decisão entre alternativas acerca de posições teleológicas futuras” (LUKÁCS 1978, p.7). A necessidade social afirma-se pelo impacto que põe sobre os homens, submetendo-os a uma orientação.

Nesse jogo dialético, a necessidade se configura em uma pergunta à consciência humana, na qual o homem a transforma numa finalidade, ou seja, em uma resposta quando visa satisfazê-la, pois,

[...] a própria ação de responder e a resposta produzida são capazes de gerar novas necessidades e implicar num movimento crescente de complexificação da atividade humana, ou seja, o trabalho tem na sua essência a capacidade de lançar o homem para além da sua própria efetivação. A transformação da natureza através do trabalho possibilita a criação de algo novo, completamente inexistente no âmbito natural biológico. O processo de criação do novo, inaugurado pelo trabalho, não se restringe à produção de objetos, pois, ao transformar o meio natural, o trabalho age sobre o próprio homem, transformando de ser biológico em ser social. Desta forma, da atividade vital do homem origina-se uma nova esfera do ser. (LIMA, 2009, p.22-23)

Portanto, é por meio do trabalho que o homem supera os limites da sua função de reprodução biológica, sendo impulsionado à constituição da esfera social. As suas respostas sobre o mundo objetivo passa por transformações, pois o que antes era intrinsecamente biológico, a consciência humana passa a ser ativa, com reações conscientes e fundamentais ao ser social.

Nesse sentido, o papel da consciência atribui-se ao rompimento entre as atividades desenvolvidas pelos animais e o trabalho realizado pelo homem. O animal atua diante dos impulsos biológicos, de forma instintiva à sua sobrevivência, enquanto que o homem produz de forma consciente, idealizando o produto antes de materializá-lo, justificando que,

A diferença fundamental, portanto, entre o trabalho especificamente humano e a ação empreendida pelos animais para garantir sua sobrevivência consiste na participação ativa da consciência no trabalho humano, enquanto que, entre os animais, a consciência, em sentido ontológico, não passa de um epifenômeno. Mesmo quando o trabalho humano se realiza de forma mecânica, automática, isso não significa ausência de consciência. (LIMA, 2009, p. 27)

Pelo viés ontológico, a nova configuração em que se firma a consciência transcorre em caráter indissolúvel com a realidade, pois entre os animais, o elemento natural sobressalta ao papel da consciência, não rompendo com o seu aspecto biológico. As transformações interna e externa que perpassam o ser social, em que “o homem deixa a condição de ser natural para tornar-se pessoa humana, transforma-se de espécie animal que alcançou um certo grau de desenvolvimento relativamente elevado em gênero humano, em humanidade” (LUKÁCS, 1978, p.15). Tais alterações impulsionaram o ser social a um desenvolvimento cujas ações

tornaram-se conscientes e ativas.

No trabalho humano, a consciência possui a essência fundamental, pois em sua constituição, essa atividade apresenta-se nos momentos de prévia-ideação e objetivação, nas quais antes de materializar o produto, o homem já havia idealizado a sua produção em sua mente. Dessa forma, por meio “da atividade livre e consciente, o homem cria um mundo objetivo, ao transformar a natureza conforme a sua vontade, e produz a si mesmo como ser genérico” (LIMA, 2009, p.28).

O trabalho é fundamental na superação dos limites do homem quando age no intuito de suprir as suas necessidades, sendo impelido para a esfera do ser social, alcançando a transformação da consciência humana. As reações do homem tornam-se conscientes e desejadas e, conseqüentemente, “a consciência humana sobrepuja o seu caráter epifenomênico natural transformando-se assim num fator ativo e decisivo do ser social” (ANDRADE, 2016, p.184). Ressalta-se que as respostas do homem sobre o mundo objetivo passam por transformações, pois o que antes era intrinsecamente biológico que conduzia a ação humana, a sua consciência passa a ser ativa, com reações conscientes e imprescindíveis ao ser social.

Para satisfazer a sua necessidade, ou seja, executar uma finalidade, é preciso que o homem produza um conhecimento objetivo. No processo de trabalho, ele precisa obter conhecimento acerca do sistema causal dos objetos, nos quais na busca dos meios, seja possível transformar a causalidade natural em causalidade posta.

Segundo Lukács, para descobrir aquelas ‘novas conexões’, as ‘novas possíveis funções’ existentes nos objetos naturais e então organizá-las em ‘novas combinações’ úteis à sua vida, o ser humano deve, pois, ao confrontar-se com o objeto natural, reconhecer corretamente as propriedades naturais no mesmo modo a identificar neles as possibilidades do seu uso concreto. A pensar mediante este procedimento é possível ter as bases para a transformação da causalidade natural em algo útil à satisfação da sua necessidade. (ANDRADE, 2016, p.186).

Para alcançar a finalidade de um determinado objeto, é preciso identificar as suas potencialidades de uso concreto, por meio da observação das suas propriedades, complexos, relações naturais, reconhecendo os seus elementos. Os conhecimentos que são desenvolvidos sobre o objeto, devem ter relevância acerca da sua essência para que a causalidade natural se torne causalidade posta, sendo, desse modo, a finalidade alcançada.

Nesse esteio, só é possível alcançar a finalidade quando, na busca dos meios, há um reconhecimento dos elementos e das conexões do objeto para verificar as possibilidades concretas de seu uso. Para que o conhecimento produzido na transformação da causalidade natural se torne uma objetividade social, é preciso que este se confirme como um objeto útil, posto ao homem e à sociedade para suprir as suas necessidades, como também, transformá-la.

Toda objetivação, já vimos, implica alguma transformação do ambiente em que se realiza. Por isso, todo objeto que vem a ser pela objetivação é imediatamente inserido na malha de relações e conexões existentes e que, de alguma forma, ele alterou. A história do objeto, ao alterar o existente (não importa quão infimamente), ganha uma dimensão, e agora parte de um todo (uma totalidade) e dele sofre influências, bem como de cada uma de suas partes. Concomitantemente, o novo objeto tem uma influência não menos concreta sobre a totalidade da qual é parte. (LESSA, 2015, p. 50)

A objetivação proporciona transformações no meio em que se concretiza, sendo inserida no rol das relações e articulações existentes que, em alguma medida, ajudou a transformar. Constitui-se, portanto, no plano da consciência, um produto como possibilidade não materializado e, no plano da realidade objetiva, tem-se a materialização do novo. Nesse entremeio, a objetivação trata-se do processo percorrido como uma mediação entre a finalidade, a busca dos meios e o produto do trabalho.

Para dar novas possibilidades de usos e criar novas conexões aos produtos da causalidade natural, os sujeitos deparam-se com as escolhas entre alternativas que podem ser feitas de forma individual ou em coletiva. A escolha entre alternativas permite que o indivíduo se aproxime do conhecimento correto em torno da causalidade natural, que deve se transformar em causalidade posta, porporcionando mudanças na sociedade em que vive.

O sujeito tem consciência da sua escolha e questiona-se acerca dos objetos que melhor lhe permitem realizar a sua finalidade, devendo ser executada de forma continuamente repetida, dentro de um processo com alternativas novas a serem escolhidas ou não.

No processo de trabalho, pois, a escolha-alternativa é, segundo Lukács, o ato de uma pessoa (ou de um coletivo de pessoas) requerido para pôr o conhecimento produzido acerca das conexões causais nas novas conexões, nas novas possíveis funções desejadas. São as escolhas-alternativas do sujeito que põem em movimento o processo do trabalho. (ANDRADE, 2016, p.190).

Na concepção lukacsiana, é no ato de escolher que o homem pode discernir conscientemente as possibilidades de uso dos objetos que lhe circundam, apontando-lhes as devidas condições que podem lhe fornecer para chegar à sua finalidade. Dessa forma, toda escolha está envolta ao ato consciente que não se limita a uma única escolha, mas constitui-se em um processo ininterrupto que envolve alternativas sempre novas, permitindo ao sujeito uma aproximação do conhecimento em torno das conexões causais que deseja transformar. Nessa reflexão acerca da mudança do gênero humano, ressalta-se que a

Tarefa de uma ontologia materialista tornada histórica é, ao contrário, descobrir a gênese, o crescimento, as contradições no interior do desenvolvimento unitário; é mostrar que o homem, como simultaneamente produtor e produto da sociedade, realiza em seu ser-homem algo mais elevado que ser simplesmente exemplar de um gênero abstrato, que o gênero - nesse nível ontológico, no nível do ser social desenvolvido - não é mais uma mera generalização à qual os vários exemplares se liguem “mudamente”; é mostrar que esses, ao contrário, elevam-se até o ponto de

adquirirem uma voz cada vez mais claramente articulada, até alcançarem a síntese ontológico-social de sua singularidade, convertida em individualidade, com o gênero humano, convertido neles, por sua vez, em algo consciente em si. (LUKÁCS, 1978, p.16)

Ontologicamente, o trabalho é posto como a categoria fundante do ser social, que impulsiona esse novo ser “para além de si mesmo e provoca o surgimento de outros complexos sociais capazes de responder às necessidades inauguradas pela dinâmica de criação do novo” (LIMA, 2009, p. 47).

Assim, a sociabilidade humana surge em um processo de contínua complexificação que se desenvolve paralelamente ao surgimento do ser social, em que cada ato de trabalho direciona para uma evolução nas formas de sociabilidade do homem. Considerando a criação de novos complexos, cuja análise apresenta-se no próximo item, a sociabilidade destaca-se por proporcionar avanços sobre o conhecimento do real, cujo papel de grande importância dessa evolução é desempenhado pela consciência.

3.3 O surgimento de novos complexos sociais

Ao fundar o ser social, o trabalho propicia a origem dos complexos sociais, culminando na complexificação da sociabilidade que busca suprir as necessidades postas pela dinâmica dessa categoria, inserida em um processo de criação do novo. O fundamento ontológico que procura dar um sentido à vida, encontra o seu sustentáculo na relação com a natureza sob a mediação do trabalho. Sobre esse aspecto, nota-se que,

[...] o trabalho impulsiona o ser social para além do próprio trabalho, dando origem a necessidades e relações sociais que não mais podem ser reduzidas ao trabalho enquanto tal. A busca de uma vida plena de sentido é um complexo problemático que gera necessidades que não podem ser atendidas apenas pelo complexo do trabalho, dando origem a novos complexos sociais (moral, ética, religião, ideologia, filosofia, arte, etc.) que apenas muito mediadamente se relacionam à troca orgânica do homem com a natureza. (LESSA, 2015, p. 37)

O trabalho impulsiona o homem para além das suas atividades, nas quais as necessidades postas pelas relações sociais ditam como ele irá se relacionar com a natureza. Importa ressaltar que apesar das atividades complexas terem sua dependência ontológica em relação ao trabalho, a sociabilidade humana não se restringe a ele, pois tem-se na “totalidade social a instância definidora dos limites da ação humana: é ela que apresenta tanto as necessidades quanto as possibilidades com as quais os homens se deparam cotidianamente” (LIMA, 2009, p. 50).

Na análise lukacsiana, o ser social realiza um salto ontológico por meio do trabalho, afastando-se da sua constituição biológica sem eliminá-la. Nesses termos, a distinção

ontológica entre o ser social e a natureza dá-se quando o ato humano, por meio do trabalho, modifica o real pela produção do novo. A partir daí, o homem altera as suas relações com toda a composição social a qual pertence, constituindo novos objetos e, conseqüentemente, novas relações sociais e complexificações. Sobre a discussão em torno do salto ontológico e as novas complexificações, salienta-se que,

Como produto de um salto ontológico, também é próprio das duas esferas a efetivação de um crescente processo de complexificação e aperfeiçoamento. Com o salto, [...] emerge uma nova esfera. Mas, o salto em si, embora realiza uma ruptura em relação à esfera anterior, criando determinações completamente novas, apenas inaugura uma nova esfera do ser, cujo desenvolvimento implica que suas categorias tornem-se a essência do complexo. (LIMA, 2009, p. 56)

A sociabilidade apresenta-se como oriunda da complexificação do ser social, sendo organizada em momentos que circundam a reprodução social, cujo desenvolvimento não se denota pela linearidade, mas pela contradição e desigualdade. No âmbito da reprodução social, os novos complexos que surgem a partir do trabalho, o agente produtor dessas especificidades, realizam o salto ontológico para a esfera social, caracterizando-se como complexos marcadamente sociais. A sociabilidade, portanto, adquire um caráter estritamente humano-social, pois “por mais primitiva que seja a sociabilidade, o trabalho impulsiona o indivíduo a desenvolver relações sociais e habilidades que estão para além do ato do trabalho em si” (LESSA, 2015, p. 42).

Na constituição do ser social, Lukács (2013) apresenta dois momentos que são predominantes nesse processo. O primeiro tem relação entre o trabalho e o surgimento dos demais complexos, denominando-se como salto ontológico. O segundo, já anteriormente exposto, é o afastamento das barreiras naturais, que salienta a totalidade evidenciada na formação do ser social. De acordo com essa explicação,

[...] no processo de humanização do homem, novas questões são colocadas e essas não mais podem ser respondidas pelo trabalho, cabendo assim ao ser social a criação de diversos complexos sociais que não são mais trabalho, mas que são de enorme importância para a reprodução humana. Lukács usa como exemplos a arte e a ciência enquanto complexos que não são derivados diretamente do trabalho e que possuem o que o filósofo marxista chama de autonomia relativa em relação ao trabalho, mas que, em certo sentido, só puderam existir graças a uma determinada efetivação das forças produtivas, as quais permitiram o ser social passar do estágio de pura sobrevivência no mundo, para o de vivenciar o mundo. (SILVA, 20016, p. 65)

O filósofo marxista reitera a necessidade de compreender o salto ontológico como o momento predominante nesse processo de constituição do ser social, observando que é a partir do trabalho que a práxis social encontra a sua origem. Nesse sentido, também é por meio do trabalho que outros complexos sociais surgem, incluindo nessa discussão que tais complexos desfrutam de autonomia, mas que perpassam pela sua articulação categorial.

Com o avanço do processo de sociabilização e o desenvolvimento contínuo dos complexos sociais, “temos o complexo econômico, complexo social derivado do trabalho, exercendo o papel de prioridade ontológica na efetivação da reprodução material do mundo dos homens” (LIMA, 2016, p.79). Como momento predominante nesse processo, a economia estabelece a orientação e o sentido de avanço do ser social, considerando o desenvolvimento econômico como aquele que,

[...]determina as relações de forças de classes e, desse modo, também o desfecho das lutas de classe, mas apenas em última instância, pois [...] quanto mais desenvolvidas são as classes no sentido social, quanto mais o seu ser social faz afastar as barreiras naturais. (LUKÁCS, 2013, p. 270)

O filósofo húngaro volta a sua reflexão para a análise de que “o desenvolvimento econômico, produz constantemente novas formas do mais-trabalho, novas formas de sua apropriação (e de suas garantias jurídicas), novas formas de sua distribuição entre os diferentes grupos e estratos de apropriadores” (LUKÁCS, 2013, p. 268-269). Nessa reflexão em torno do desenvolvimento econômico, defende-se que mesmo a luta de classes se configurando pela disputa que perpassa pela posse do trabalho excedente, esse aspecto não pode ser apontado como único para determinar o desenvolvimento das formações sociais.

Compreende-se que, com o avanço da sociabilidade também ocorre de forma contínua o desenvolvimento do complexo social da economia, articulado com a especificidade que o trabalho apresenta na sua constituição do ser social. O trabalho, portanto, vai além da satisfação das necessidades humanas, pois “ao produzir objetos, meios, conhecimentos, etc. que servem diretamente à reprodução biológica [...], ele produz também, indiretamente, complexos, processos, relações sociais” (ANDRADE, 2016, p.220).

Nesse contexto entre o trabalho e sua influência acerca da sociabilidade, evidencia-se que, “como criador de valores de uso, como trabalho útil, é o trabalho, por isso, uma condição de existência do homem, independente de todas as formas de sociedade (MARX, 1983, p.50 *apud* ANDRADE, 2016, p.220). Na acepção lukacsiana, o trabalho garante a sua influência sobre todos os demais complexos sociais, sendo ele o mais elementar de todos.

O trabalho, que pela função que cumpre no interior do processo reprodutivo social – mediar o metabolismo entre o ser humano e a natureza-, satisfaz as necessidades imediatas de reprodução da existência humano-biológica indo, todavia, além dela; é o complexo ao mesmo tempo fundante de todos os outros complexos que formam a totalidade que é o ser social. (ANDRADE, 2016, p.221)

No domínio da esfera social, as mudanças concretas e conscientes são produzidas pelo homem através do trabalho. Na medida em que o ser humano transforma, ele também é transformado e essas alterações repercutem em novas relações sociais e em novos complexos.

Nesse processo de reprodução social, a gênese da linguagem articula-se à gênese do trabalho, possuindo a linguagem o caráter imprescindível à origem da sociabilidade, pois com o trabalho os homens passaram a ter necessidade de comunicarem-se entre si. Conforme salienta Lukács,

Este novo conteúdo e em correspondência a ele e a nova forma, o novo médium da comunicação, são exatamente adequados àquele novo complexo da relação do ser humano com a realidade, ao seu novo modo de reagir a ela que, primeiramente, nos referimos dizendo que o ser humano é um ser que responde. (LUKÁCS, 1986, p. 339 *apud* ANDRADE, 2016, p.197)

No âmbito da esfera social, o trabalho proporciona ao homem a produção material do novo, enquanto que a linguagem fundamenta a sua função como um instrumento de transmissão do conhecimento. A linguagem, nesse processo de formação do ser social, permite a fixação de novos aprendizados, constituindo-se em um mecanismo relevante para a interação social, favorecendo a comunicação e, conseqüentemente, as relações humanas.

Apresentadas essas questões em torno do trabalho e a formação de novos complexos na constituição do ser social, faz-se necessário adentrar nos complexos da linguagem e da arte, considerando suas influências na sociabilidade e em suas manifestações no mundo dos seres sociais.

4. O TRABALHO E OS COMPLEXOS DA LINGUAGEM E DA ARTE NA CONSTITUIÇÃO DO SER SOCIAL

No processo de construção do mundo dos homens, o trabalho é posto como elemento propiciador das dinâmicas que impelem o ser humano à transformação da natureza, fundando uma nova esfera para além dos limites orgânico e inorgânico, que é a esfera do ser social. A constituição desse novo ser, que contempla novas necessidades e anseia por uma busca incessante na produção do novo, tem a necessidade de socializar-se com a comunidade que lhe circunda. Surgem, portanto, em articulação categorial com o trabalho, outros complexos que possibilitam essa interação, como o complexo da linguagem.

Nesse momento da investigação, discutiremos a origem da linguagem enquanto um complexo que surge de forma concomitante ao trabalho, analisando suas relação no processo de constituição do ser social. Acentua-se que, a existência do trabalho não teria ocorrido sem a mediação da linguagem, pois

No processo de tornar-se humano, é a articulação do complexo da linguagem com o trabalho que efetiva dois momentos de extrema importância para efetivação do devir-humano do homem em seu processo de continuidade social. Estamos falando do processo de acumulação do ser social, o qual permite que em sua articulação com a natureza não reinicie sempre do zero, ou seja, de ter como ponto de partida o apreendido desde então. [...] Outro ponto essencial dessa relação entre trabalho e linguagem é o processo de generalização, ou seja, o ato de nomear o novo, produto de trabalho e suas consequências ontológicas. (SILVA, 2016, p.82)

Nesses termos, no cerne da esfera social, o trabalho e a linguagem fincam suas existências para suprirem as demandas oriundas do processo reprodutivo social. O trabalho tem a função de suprir as carências do homem por meio da intervenção que este provoca na natureza, propiciando também a mudança na sociedade. A linguagem, por sua vez, apresenta-se com a função de possibilitar a comunicação entre os seres humanos, fazendo com que eles consigam transmitir conhecimento uns aos outros.

Enfatiza-se que, “as diferentes funções que ambos os complexos cumprem no interior do processo reprodutivo social revela o caráter complexo e heterogêneo do ser social, revela ainda que ele não se reduz ao trabalho” (ANDRADE, 2011, p. 198). Dessa forma, o trabalho articula-se em sua essência com os demais complexos sociais, relacionando-se de forma dependente, porém com autonomia relativa¹³.

¹³ “Para Lukács, portanto, que a relação de dependência e a autonomia relativa dos complexos sociais em relação ao complexo fundante do trabalho seja uma relação ontológica insuperável aparece demonstrada na impossibilidade de inversão desta relação.” (ANDRADE, 2011, p.198)

Na relação entre trabalho e linguagem, acrescenta-se:

O salto ontológico realizado pelo trabalho, ao dar origem ao ser social, possibilitou ao homem o desenvolvimento de funções especificamente humanas, as quais permitiram o desenvolvimento da linguagem e do pensamento conceitual. Nesse sentido, a linguagem é um complexo fundado pelo trabalho. Mas, ao mesmo tempo, ela é condição para a sua realização, enquanto elemento fundamental para o atendimento das necessidades postas por ele. (LIMA, 2009, p. 68)

No processo em que se efetiva o trabalho, a linguagem funciona como instrumento de transmissão do conhecimento produzido que, por sua vez, encontra nesse complexo um recurso para a sua fixação e reprodução. Dessa forma, por ser um complexo fundado pelo trabalho, a linguagem não somente adquire nessa interação uma dependência ontológica, como também uma autonomia relativa pautada em uma relação dialética. É possível afirmar que a linguagem também exerce influência sobre o trabalho, “impulsionando seu processo de complexificação e desenvolvimento, ao mesmo tempo em que é influenciada e tende a se tornar mais rica e elevar-se a níveis superiores para atender às necessidades postas pelo trabalho” (LIMA, 2009, p. 69)

Ao surgir de forma concomitante ao trabalho, a linguagem tem sua origem anterior ao desenvolvimento da arte. Lukács aborda o complexo da arte tendo o cotidiano como elemento crucial, evidenciando que o surgimento desse complexo apontou para as experiências humanas manifestas por meio do solo cotidiano. Portanto, é a partir da vida cotidiana que podemos compreender as sensações expressas pelo ser social no mundo.

Na análise ontológica, a arte trata-se de um dinamismo que parte do cotidiano, culminando em um movimento que engrandece o ser social enquanto gênero humano. No entanto, tal complexo também precisa ser analisado em sua historicidade, pois “é o resultado de determinações sociais realizadas num longo processo de evolução histórica e seu fortalecimento se deu quando grandes crises sociais começaram a ameaçar o domínio das classes que costumavam se apoiar ideologicamente na magia e na religião” (PORTÁCIO; MACHADO; SILVA; 2021, n/p). Convém ainda destacar que, “por meio da arte, os homens se humanizam, se educam, evocam sentimentos e estes se voltam para a elevação da consciência dos sujeitos. O complexo artístico é resultado do desenvolvimento histórico da objetividade e da subjetividade humana” (2021, s/p).

Nessa etapa da investigação, buscaremos compreender o complexo da linguagem e da arte, tendo como referencial a ontologia lukacsiana e seus desdobramentos na constituição do ser social. A análise será desenvolvida considerando um aprofundamento teórico acerca da articulação entre o trabalho e os complexos da linguagem e da arte, de forma a compreender suas manifestações no mundo dos homens.

4.1 O trabalho e linguagem na constituição do ser social

Na ontologia de Lukács, o trabalho apresenta-se como a categoria fundadora do ser social e, em sua origem, também funda outros complexos sociais cuja importância se dá no processo de reprodução social. Na relação entre linguagem e trabalho, ressalta-se que, de maneira distinta de outros complexos sociais que efetivam-se de forma a manterem uma independência do trabalho¹⁴, a linguagem, por sua vez, surge como uma demanda ao ser social de responder às necessidades postas pelo trabalho em seu processo de transformação da natureza.

É na articulação que se firma entre a linguagem e o trabalho que efetua-se os momentos de importância fundamental para o devir-humano do indivíduo no desenvolvimento de continuidade social. Nesse caso, evidencia-se o “processo de acumulação do ser social, o qual permite que em sua articulação com a natureza não reinicie do zero, ou seja, de ter como ponto de partida o apreendido desde então” (SILVA, 2016, p. 82). Outro momento que se constitui diante da mediação da linguagem no processo do trabalho dá-se na ação de nomear o novo, daquilo que é produzido pelo homem por meio do trabalho. No que refere-se ao trabalho, explica-se que,

[...] é a articulação entre necessidade, busca de alternativas e finalidades no processo de transformação da natureza (articulado por Lukács como teleologia e causalidade), a linguagem tem sua efetivação naquele processo já dito: acumulação contínua do ser social, já que o processo de aprendizagem necessário para que o desenvolvimento do ser se efetive a partir de um ponto e não seja necessário o retorno à estaca zero. Ela implica na generalização no novo produzido, com o ato de nomear os produtos de trabalho que desencadeia o processo de apreensão subjetiva do ser social. (SILVA, 2016, p. 83)

Nesse percurso de constituição do ser social, em que a relação entre trabalho e linguagem fundamenta-se na compreensão do surgimento do trabalho na esfera social, recorre-se às posições teleológicas secundárias que são necessárias ao desenvolvimento da sociabilidade, cujo processo é imprescindível ao trabalho. Diferente das posições teleológicas primárias que agem exclusivamente na transformação do meio natural, essas posições teleológicas cujo objeto é a consciência humana, atuam internamente nos complexos sob formas diversas, como também nas relações sociais.

Com a linguagem, o ser humano, em sua existência humano-biológica, recorre à necessidade de amplitude desse fato social, visto que tal complexo em consonância com a categoria trabalho, permite a fixação de novos conhecimentos. Esse complexo vai se

¹⁴ Importante ressaltar que tal independência explicitada no texto é sempre relativa, pois, de acordo com Lukács (2013) os complexos sociais possuem uma dependência ontológica ao trabalho.

constituindo-se em um instrumento de grande relevância para a interação social, que promove um impacto favorável à comunicação entre os homens e, conseqüentemente, às relações humanas.

Lukács salienta que, mediante o trabalho, o indivíduo demonstra capacidade de produzir os recursos para as demandas à sua sobrevivência e,

[...] na linguagem, ele encontra o “órgão e médium necessário” para tornar tal reprodução um fato social cada vez mais amplo, na medida em que a linguagem cumpre não apenas a função de, no processo de trabalho, ser o “instrumento para fixar conhecimentos e exprimir a essência dos objetos em-si, através de pontos de vista que se fazem sempre mais verdadeiros”, mas, revela-se, também, “um instrumento para comunicar as múltiplas e mutáveis formas de relacionamentos dos seres humanos entre si”. (ANDRADE, 2016, p. 180)

Nesse contexto, no qual a linguagem proporciona uma amplitude nas formas de socialização entre os homens para além da fixação de novos conhecimentos, a reprodução social passa por uma complexificação. Para Lukács, a compreensão em torno dos fundamentos ontológicos que regem a relação entre o trabalho e a linguagem, perpassa pelo próprio trabalho, cuja dinâmica primordial se desenvolve em meio à transformação do meio natural.

A gênese da linguagem está ligada à gênese do trabalho, porém as suas origens exercem determinações diferentes no processo de reprodução social. Embora possuam suas origens concomitante, o trabalho e a linguagem, na essência da esfera social, adquirem atribuições diferentes na dinâmica da reprodução social. O trabalho não se caracteriza apenas como uma categoria fundante do ser social, mas também se posiciona enquanto sustentáculo de todos os complexos sociais que agem como mediadores na constituição do ser social. Sem o trabalho, portanto, não é possível a existência do ser social e, conseqüentemente, não tem-se a possibilidade dos indivíduos se reproduzirem socialmente.

A função destinada ao trabalho, segundo Andrade (2016, p.197), é a de “mediar a troca material do ser humano (sociedade) com a natureza”, enquanto que a função da linguagem é ser “um instrumento para fixar os conhecimentos e exprimir a essência dos objetos em-si”. Nas distinções entre o trabalho e a linguagem, bem como os demais complexos sociais, pontua-se que,

As diferentes funções que ambos os complexos cumprem no interior do processo reprodutivo social revela o caráter complexo e heterogêneo do ser social, revela ainda que ele não se reduz ao trabalho, e mais, que o trabalho somente pode desdobrar a sua essência em articulação com outros complexos sociais que, por conseguinte, apenas existem numa relação de dependência e autonomia relativa para com ele. (ANDRADE, 2016, p. 198)

Nessa relação cujo caráter consiste em sustentar uma dependência e uma relativa autonomia, a acepção lukacsiana compreende o trabalho como o fundamento ontológico do

complexo da linguagem. Nesse sentido, a linguagem vincula-se categorialmente ao trabalho e torna-se a condição fundamental para o surgimento da sociabilidade e, nessa dialética, o trabalho se configura como momento predominante.

A linguagem possui a sua gênese simultaneamente ao trabalho, como uma exigência posta pelo processo do mesmo. Lukács ressalta que, a linguagem surgiu pela necessidade posta pelo próprio trabalho quando os homens, ao desenvolvê-lo, tinham algo a comunicar. Ao tratar especificamente da linguagem e do seu surgimento vinculado ao trabalho, à medida que o homem produz o novo, “surgem, na consciência, novos e múltiplos conteúdos que exigem essa comunicação de novo tipo, tomada possível apenas por esse médium, esse intercâmbio humano na nova generidade, ou seja, a linguagem” (SILVA, 2016, p. 100). Apresenta-se, portanto, um esquema articulado entre a posição teleológica e as suas mediações ao trabalho produzido, materializado pelo homem.

[...] na posição teleológica do trabalho, mediante o reflexo, estrutura-se na consciência uma “imagem da realidade objetiva” que, mediada pela escolha-alternativa do sujeito, converte-se numa objetivação do trabalho, numa causalidade posta. Para que esta se efetive, de acordo com o filósofo, atos analíticos e sintéticos são elaborados na consciência do sujeito no momento da preparação do trabalho. (ANDRADE, 2016, p. 206)

Essas ações efetivadas pelos homens no processo do trabalho fixam no pensamento imagens reais do que está sendo materializado e que necessitam ser traduzidas, nomeadas. Nesse sentido, a linguagem não se limita a uma imagem mental da objetividade, mas proporciona aos homens uma capacidade de expressarem suas relações com os objetos concretos “e, além disso, suas relações com os demais seres humanos, possui uma pré-história nas formas de comunicação por sinais que se desenvolve entre os animais superiores (ANDRADE, 2016, p. 206).

Salienta-se que, no ser orgânico, a comunicação por meio de sinais corre em situações que demandam uma necessidade de sobrevivência, como na alimentação ou mediante uma alerta de um perigo iminente. Sendo comum aos animais superiores que, diante de tais circunstâncias, consigam transmitir sinais uns aos outros, tecendo uma comunicação, sendo tais sinais limitados dentro de situações peculiares e determinadas.

Ao relacionar o processo comunicativo nos âmbitos animal e social, Lukács (2013) demonstra que tal função não apresenta-se apenas no início do desenvolvimento da socialização, mas que vincula-se a uma socialização contínua, permanecendo uma socialização cada vez mais abrangente do ser social. Assim, ressalta-se que, “o advento da linguagem, por ser categoria exclusivamente social, oferece ao novo homem novas possibilidades de vivenciar o mundo, antes impossíveis no ser anterior, o ser puramente biológico” (SILVA, 2016, p. 85).

Sendo o ambiente a parte orgânica para o animal e, por isso impossível de desvincular do seu processo biológico, ele desenvolve comunicações que não significa que tenham desenvolvido algum tipo de consciência para tal. Ao produzirem seus sinais, os animais não possuem uma intencionalidade, pois o fazem de forma espontânea, expressando a adaptação biológica ao ambiente e garantindo a sua sobrevivência.

Nesse contexto, “para o animal, tanto a comunicação em-si, quanto seu conteúdo estão relacionados a situações específicas de sua vida e a sua reação não pode ir além do que é determinado pela situação restrita” (ANDRADE, 2016, p. 207). O animal, portanto, no esteio da comunicação que desenvolve em seu meio, não tem condições de criar designações acerca do objeto com o qual interage. Quando essa discussão perpassa pelo âmbito do ser social, Lukács salienta que,

Nas sociedades desenvolvidas, surgem sinais para áreas especificamente particularizadas de cada atividade da mesma espécie, nas quais os momentos que divergem do curso mecanizado normal, mas que se repetem com frequência são sinalizados por tais meios de sinais específicos. (Via de mão única no trânsito de automóveis). Dessa função dos sinais decorre que também eles apareçam só em intervalos e jamais poderão ser interligados numa continuidade. Portanto, nos dois casos, o sinal está vinculado a uma situação que se repete com frequência, mas que é sempre singular e que exige uma reação bem determinada; ou seja, a observação exata e, por isso, exitosa desses sinais não pressupõe nenhuma apreensão real dos componentes reais da situação, nenhuma reação diferenciada a ela. No caso dos animais, esse “automatismo” surge da adaptação biológica ao ambiente; no caso dos sinais na sociedade, trata-se de que determinados tipos de reação são fixados com exatidão de uma vez por todas no interesse da regulação simplificada do trânsito. (LUKÁCS, 2013, p. 213)

Os homens, por sua vez, também utilizam sinais em suas formas de comunicação, porém, tem-se uma distinção acerca desses sinais no mundo orgânico e no ser social. Pois “enquanto na esfera orgânica, a comunicação por sinais é a forma predominante, no ser social, como demonstra Lukács, eles são apenas uma forma auxiliar de comunicação” (ANDRADE, 2016, p. 208).

Sendo a linguagem um complexo cuja composição se desenvolve no cerne da reprodução social, há uma mudança qualitativa nas formas comunicativas entre os animais e os humanos. Nesse sentido, os seres humanos, de forma distinta dos animais, ao se comunicarem, atuam para além das suas consciências.

No processo do trabalho, para exprimir linguisticamente “o objeto como algo concreto” é absolutamente necessário que o sujeito vá além da mera ideia na consciência. O salto ontológico propiciado pelo trabalho e pela linguagem põe as bases desta superação. Com o salto, destaca Lukács, puderam ser criados meios de expressão, designações, conceitos etc. acerca dos objetos e, igualmente, a respeito do próprio sujeito, das suas ações, relações etc. (ANDRADE, 2016, p. 208)

O processo do trabalho propicia um salto ontológico em que o sujeito rompe a ideia da consciência e, com a linguagem, supera-se. Com o trabalho e com a linguagem, criaram-se conceitos, denominações, expressões sobre os objetos, impactando em suas ações em suas relações. Compreende-se que, para o ser social assimilar mentalmente de forma conceitual os fenômenos da realidade, tem-se a mediação da linguagem, “para que assim possa ser realizada tanto as posições teleológicas, quanto a distância sujeito-objeto, ou seja, que não há identidade entre o pensado e o objeto fruto de tal prévia-ideação, assim como não há identidade entre o objeto em si e em sua nomeação” (SILVA, 2016, p.86).

Não existindo identidade entre o objeto produzido e a sua nomeação, nesse processo torna-se imprescindível o surgimento da linguagem, pois é a partir dela que a generalização do objeto construído se efetiva. Acerca do ato de nomear algo, tem-se a reflexão de que “o ser social objetiva um signo e este, a partir daquele ato, possui uma história própria, diferente e não relacionada, necessariamente, pela história do ser social que o nomeou” (SILVA, 2016, p.87). O ser social, nos atos linguísticos que lhe propiciou um desenvolvimento a partir da linguagem, age de maneira que o signo criado no ato de nomeação de um objeto se constitua para além do próprio objeto, transcendendo-o.

Nesse processo de ausência de identidade entre o objeto, Silva (2016, p. 87) exemplifica,

Pensemos em um machado. Ao construirmos a imagem de um machado em nossas mentes, esse signo não representa um machado específico, mas sua universalidade. Se tentássemos construir um machado, este seria também diferente daquele que idealizamos. E se essa experiência for levada a duas ou dez pessoas, tanto a ideação do machado será diferente em cada uma delas, quanto a materialização também será diferente. Ao construir o machado, agora esse ente diferente daquele que foi ‘construído’ mentalmente possui uma história própria, independente de quem o fez.

No rol da constituição das palavras, Lukács salienta que são expressões da vida cotidiana e, se tratando de uma abstração, ela pode existir sem estar vinculada ao contexto prático de sua origem. Tem-se, portanto, a diferença entre nomear objetos e submetê-los a uma comunicação que os remeta às peculiaridades, especificações que exigem elaboração de um ensaio linguístico que permita manifestar as especificidades do objeto e, ao mesmo tempo, aproximando-se da sua singularidade.

Lukács enfatiza que, no processo de trabalho, o sujeito domina a sua subjetividade (paixões, opiniões, instintos, etc.) para produzir o novo e alcançar a finalidade. Nesse caso, o sujeito desempenha uma função ativa diante do objeto que o circunda, pois, assim, pode fazer as análises e sínteses que o objeto demanda. Ele deverá, portanto, abrir mão de uma mera postura de contemplação em relação ao objeto e o meio em que o cerca, pois passa a elaborar os seus conhecimentos acerca dos objetos, de forma heterogênea, porém, isto não modifica a

totalidade complexa do ambiente. Ao reproduzir uma imagem na consciência, elaborada em seleção e classificação, o indivíduo, em sua ação, torna essa imagem cada vez mais próxima ao seu ser social, promovendo um vínculo entre o ser em si e a realidade.

Nesse sentido, a linguagem passa a desfrutar de uma aplicabilidade universal, tornando-se superior às simples formas de comunicação, como no exemplo dos sinais. Salienta-se que, nos ditames do processo de reprodução social, a linguagem configura-se como elemento fundamental nesse desenvolvimento, pois ela “é fruto da distinção entre o objeto em si e o signo produzido por sua generalização, e, ao mesmo tempo, o elo entre os seres sociais de determinada comunidade, no processo de conhecimento da realidade e autoconhecimento no contínuo desenvolvimento do devir humano do homem” (SILVA, 2016, p. 87-88).

A linguagem, como complexo mediador que auxilia no trabalho, configura-se como um destaque fundamental na nova forma adquirida pelo ser social e o desenvolvimento das suas práticas de sociabilidade.

A ferramenta como processo de trabalho, a palavra como frase são momentos dinâmicos do processo no qual o ser humano – sem, por esta razão, perder a determinação biológica de sua vida – constrói para si uma nova forma de ser, aquela da sociabilidade. (LUKÁCS, 1986, p. 339 *apud* ANDRADE, 2016, p.211)

Ao tornar-se social, o ser humano é único em desenvolver e produzir suas próprias condições de sobrevivência no meio em que interage. Pois, através da sua práxis, ele afasta as barreiras naturais de forma contínua em dinâmica com as cadeias causais, culminando no surgimento de novos complexos sociais. Pode-se entender o surgimento da linguagem como uma necessidade advinda pelo social que, no sentido ontológico “das relações do ser social com o meio natural e com outros homens e que nesse duplo movimento de captar e fixar o singular e universal em formas linguísticas tal complexo se realiza na prática” (SILVA, 2016, p. 88).

A linguagem, teria uma função social que abrangeria “transformar, em portadora da relação viva entre os homens, a consciência dinâmica e progressiva do processo de reprodução social como um todo, ela acolhe ‘em si todas as manifestações humanas’” (LESSA, 2012, p. 188 *apud* SILVA, 2016, p.88). Nesse sentido, a linguagem caracteriza-se como um complexo social universal, visto que nenhuma atividade da práxis humana ocorre sem a sua mediação. Ela faz-se presente nas mediações do homem com a natureza, dos homens consigo mesmos e nas interações dos homens entre si.

Não há como desvindular a origem do complexo da linguagem à necessidade advinda pelo processo de reprodução social, pois são essas necessidades dos homens que vivem em sociedade que orientam a linguagem e o seu desenvolvimento enquanto um complexo social.

Observa-se que, quanto mais desenvolvida for uma sociedade, mais complexas são as suas mediações sociais e, tratando-se das suas estruturas linguísticas, terão uma maior flexibilidade para abranger as complexidades dos seres sociais e dos ambientes que interagem. Convém acentuar que, “é o desenvolvimento humano que gera os sentimentos e sensações do mundo dos homens, criando assim todas as leis internas específicas do complexo da linguagem, onde estes podem se efetivar” (SILVA, 2016, p. 89). Nesse sentido que abarca o desenvolvimento das sociedades, enquanto complexo social, a linguagem compreende-se cada vez mais articulada, complexificando-se cada vez mais.

Nesse percurso, a sociabilidade é a construção dessa nova forma de ser, adquirida em momentos de dinamismo nas maneiras de se comunicar e no processo de trabalho. O surgimento do complexo da linguagem se dá mediante a produção do novo que, nesse viés, o trabalho torna-se o pressuposto ontológico da linguagem, fazendo com esta assuma um papel importante.

Assim, a linguagem assume o papel de comunicar ao mundo, respondendo às relações de produção do novo e de descoberta do novo, sendo este ato não apenas aquilo produzido pelo homem, mas tudo o que existe no mundo e ele desconhece, ou seja, o ato de nomear o mundo enquanto atividade puramente social. Percebemos então a linguagem enquanto ponto central, não apenas do processo de conhecer, mas no estabelecimento de esquemas memorativos, de construção da história. (SILVA 2016, p. 12)

No vínculo que se firma entre linguagem e trabalho, algumas consequências surgem apresentando necessidades que só podem ser atendidas pelo complexo da linguagem. Trata-se da divisão do trabalho que exige um comportamento específico para o exercício de uma atividade que desafia o indivíduo em relação ao meio em que está inserido. Nesse contexto, no momento em que origina o ser social de forma concomitante à divisão do trabalho, a linguagem passa a ser o único complexo capaz de atender essas novas demandas e, nesse sustentáculo, tem-se as posições teleológicas secundárias articuladas nesse processo.

Hoje nós sabemos que uma forma particular de divisão do trabalho, a cooperação, surge já em estágios muito primitivos; pense no caso da caça no período paleolítico. A sua simples existência, mesmo que a um nível muito baixo, faz surgir do trabalho uma posterior decisiva determinação do ser social, a comunicação precisa entre os humanos reunidos tendo em vista um trabalho: a linguagem. (LUKÁCS, 1986, p. 339 *apud* ANDRADE, 2016, p.211)

Por intermédio da linguagem, adota-se um novo comportamento no processo do trabalho, podendo transmitir aos sujeitos uma nova adequação ao exercício que eles devem cumprir para chegarem a uma determinada finalidade¹⁵. Nesse sentido, a linguagem passa a ser

¹⁵ Como um exemplo ainda voltado ao período paleolítico, Lukács (2013) ressalta que, na cooperação efetivada por meio da linguagem, os homens se preparam para a caça com a dimensão dos perigos que cada animal apresenta para o grupo. Dessa forma, é possível distribuir funções específicas ao grupo, tornando o processo eficaz.

um complexo imprescindível na distribuição de atividades no desenvolvimento interior da divisão do trabalho e, por conseguinte, proporciona o contato comunicativo entre os homens.

Entre o trabalho, a linguagem e a divisão do trabalho, há uma interrelação recíproca diante de uma articulação desses diferentes complexos. A divisão do trabalho configura-se em um instrumento que tem como atribuição organizar a cooperação entre os indivíduos que executam uma atividade voltada para o desenvolvimento do trabalho. Lukács salienta como característica da linguagem que a sua reprodução se dá de maneira espontânea na qual,

[...] ela se realiza sem que a divisão social do trabalho isole a partir de si certo grupo humano cuja existência social se baseie no funcionamento e na reprodução dessa área, cuja posição na divisão social do trabalho experimenta certa institucionalização. Mesmo ocorrendo que certas instituições, como academias etc., almejam exercer certa influência sobre a evolução da linguagem e por vezes até obtenham certos resultados nesse tocante, essa interferência, se examinarmos a totalidade de reprodução da linguagem, é ínfima: a linguagem se renova espontaneamente na vida cotidiana, guiada pelas mais diversas necessidades reais que a regem. Assim sendo, a reprodução da linguagem, em contraposição aos demais complexos sociais, não tem um grupo humano como portador; portadora é a sociedade toda, na qual cada um de seus membros – querendo ou não, ciente ou não – influencia, por meio do seu comportamento na vida, o destino da linguagem. (LUKÁCS, 2013, p. 229)

A linguagem, por sua vez, busca manifestar a essência dos objetos, indo além da fixação dos conhecimentos, pois ela exerce a função de mediar a comunicação entre os homens, possibilitando uma abrangência em suas relações e vivências coletivas. A articulação que se firma entre a divisão do trabalho, a linguagem e o trabalho, ontologicamente só efetiva-se corretamente se a necessidade for manifesta de forma coletiva, para a comunidade e não individualmente. Considerando a totalidade, o ser social parte de uma processualidade cujas demandas são coletivas, embora continue integrado à dinâmica de escolha entre alternativas que são individuais, sendo a linguagem partícipe dessa articulação. Sobre essa função específica da linguagem, o filósofo húngaro destaca que,

[...] ao cumprir essa função, a linguagem se articula de modo inseparável ao trabalho e à divisão do trabalho. Esta articulação inseparável implica que à medida que o trabalho e a divisão do trabalho progridem, simultaneamente, também a linguagem deve se desenvolver. E para que isto aconteça é uma exigência do ser-precisamente-assim do ser social que a linguagem se eleve a níveis sempre superiores, que se torne cada vez mais rica, flexível, diferenciada etc., a fim de que, com isso, não apenas os novos objetos e conexões do ser social, mas, também, as relações humanas, possam se tornar comunicáveis. (ANDRADE, 2016, p. 213)

Na ontologia lukacsiana, é por meio da articulação entre esses complexos imprescindíveis para a constituição do ser social que originam-se, conectadas à posição teleológica primária que se desenvolve na transformação da natureza, as posições teleológicas secundárias que têm como objeto a consciência.¹⁶ O processo da sociabilidade e a sua relação

¹⁶ Há uma distinção qualitativa entre as posições teleológicas primárias e secundárias, a começar pelo próprio

com a fala, põe a reflexão de que “sem o desenvolvimento da fala, é impossível a elevação à consciência, bem como a comunicação das novidades que incessantemente surgem no fluxo da práxis social. Por outro lado, são as novas necessidades postas pela reprodução que direcionam o desenvolvimento da fala.” (LESSA, 2012, p. 188 *apud* SILVA, 2016, p.90). Nesse processo, o desenvolvimento da fala propiciou, também, a elevação da consciência humana, tornando o ser social um complexo total em movimento contínuo.

Para essa discussão acerca da relação entre trabalho e linguagem, voltemos à reflexão sobre as posições teleológicas secundárias, visto que, ontologicamente, elas também possuem sua origem como uma consequência do próprio caráter social do trabalho. Portanto, para a dinâmica posta pela transformação da natureza pelo trabalho, as posições teleológicas exibem suas funções de forma complexa e mediada, pois surgem quando o trabalho torna-se social, a partir de uma demanda de cooperação entre os indivíduos.

As posições teleológicas secundárias suscitam nos seres humanos um conhecimento para além das demandas biológicas e que possui um caráter social. Elas também perpassam pelo âmbito dos sentimentos, das emoções e concepções de mundo dos indivíduos, pois age em suas consciências, cujas referências circundam em suas vidas cotidianas, em circunstâncias reais sob constantes movimentos. Deve-se enfatizar a historicidade desse processo que não é imutável, mas que se detém ao movimento humano que é articulado historicamente às suas ações e às suas necessidades.

Aborda-se, nesse contexto, como os conhecimentos e as relações se constituem em sociedades cujo desenvolvimento das forças produtivas são distintos. Nas sociedades singulares com limitados progressos das forças produtivas, os relacionamentos entre as pessoas caracterizam-se pelas interações de caráter biológico. Nessas sociedades, os indivíduos mais velhos, sob o acúmulo das vivências e experiências, elaboram um conhecimento acerca dos indivíduos e, conseqüentemente, exercem influência sobre as suas consciências realizando uma ação afetiva sobre eles.

Nas sociedades nas quais as forças produtivas se desenvolveram de forma elevada, as relações sociais foram experimentadas de maneira diferente do processo que se legitima nos indivíduos mais velhos. Mas, nesse contexto, “mediante generalizações, determinadas instituições assumem a função de poder social que age e regula a ação sobre a consciência das pessoas” (ANDRADE, 2016, p. 215). Na constituição do mundo dos homens, o conhecimento se complexifica, não comportando mais a dinâmica dos momentos iniciais.

objeto. Na ontologia lukácsiana, as posições teleológicas primárias apresentam como objeto os complexos da natureza, enquanto que a consciência humana se destaca como objeto das posições teleológicas secundárias.

As posições teleológicas secundárias apresentam-se como incertas, pois agem no solo cotidiano cujas circunstâncias reais não são apenas as produções individuais do sujeito, mas também são produções que abrangem a totalidade social em que este está inserido. A vida cotidiana dos indivíduos perpassa por um movimento contínuo e, dessa forma, as suas práxis são influenciadas em um contexto da totalidade social que vivenciam, que cooperam em sua constituição e, conseqüentemente, em sua incessante renovação.

Lukács defende que o trabalho é a categoria de maior relevância, pois não se limita a suprir as necessidades humanas, mas imbrica-se nos processos, nas relações sociais, fundando outros complexos que colaboram na constituição do ser social em sua totalidade.

A forma biológica que é o ser humano, no seu processo de vida, conservando-se como ser biológico, reage de um modo tão especial, único às determinações do ambiente concreto sob sua vida que termina por produzir as condições de sua reprodução de uma forma inédita e sempre particular. Ressalta o filósofo, que o trabalho é o complexo originário, primário que está na base desta reação que originou a forma genuinamente humana de reprodução da vida. (ANDRADE, 2016, p.220)

Em termos ontológicos, o trabalho é a própria condição de existência do indivíduo, sendo o instrumento prioritário da reprodução biológica humana e, por meio dessa categoria, acrescenta-se a sua função primordial no processo de gênese do ser social. Pela práxis desse novo ser que se constitui, alguns mecanismos de mediações são criados para satisfazerem as demandas humanas que se complexificam cada vez mais. Nesse sentido, cada indivíduo é também transformado pela sua práxis, passando por processo de socialização do seu ser biológico, tornando-se um ser social. É importante enfatizar que, o ser social, na reprodução biológica da vida, sofre determinações sociais em seus momentos biológicos, porém, jamais perde as suas determinações naturais. Esse processo constitui-se de forma dialética e histórica, considerando os sujeitos em sua totalidade.

Para Lukács (2013), à medida em que o trabalho e a divisão do trabalho se desenvolvem se complexificam em suas relações, em seus movimentos concretos e reais na vida humana, mais o ser social se forma como complexo dos complexos. Nesse processo de tornar-se humano, afastando-se das suas barreiras, mas não rompendo com elas, houve um aumento das habilidades e capacidades humanas, bem como das suas forças produtivas. Portanto, entende-se que, é no desenvolvimento concomitante do trabalho e da divisão do trabalho que outros complexos surgem no cerne da reprodução social. Sendo estes complexos fundados pelo trabalho e ligados a ele de forma categorial, resultando no crescimento das relações sociais e do mundo dos objetos e dos seus movimentos e compreendendo a totalidade social.

A relação entre a sociabilidade, a fala e o trabalho em Lukács é de tal ordem que nenhuma das categorias existe sem a outra ; contudo, é no trabalho que encontramos as conexões e as relações ontológicas que impulsionam o ser social em direção a

formações crescentemente complexas e, desse modo, que impulsionam o desenvolvimento da fala enquanto complexo social parcial. Que o desenvolvimento da fala (e do pensamento conceitual, como argumenta Lukács com frequência) exerça uma ação de retorno sobre o trabalho é, depois de tudo o que afirmamos, uma obviedade. (LESSA, 2012, p. 188 *apud* SILVA, 2016, p.94)

É como articuladora entre o trabalho e os demais complexos sociais que a totalidade social atua. Assim, a linguagem, mesmo se constituindo como um complexo social oriundo da necessidade do trabalho, sua articulação se dá de forma mediada à totalidade social. Ou seja, a articulação entre o trabalho e os demais complexos sociais, incluindo a linguagem, ocorre pela mediação da totalidade social.

A reprodução social destaca o indivíduo e a sociedade como dois caracteres ontologicamente diferentes, pois, de forma positiva ou negativa, orientam a dinâmica do processo reprodutivo social.

Enquanto, por um lado a reprodução da sociedade compõe-se do desenvolvimento extensivo e intensivo daqueles objetos, complexos, relações, processos etc. que também constituem a totalidade social, por outro lado, a reprodução do indivíduo singular é não apenas o processo de reprodução das singularidades humanas, mas, também, e ao mesmo tempo, a base ineliminável de ser da reprodução social como um todo. (ANDRADE, 2016, p.227)

Nesse sustentáculo, o indivíduo singular que alicerça sua construção enquanto ser humano, torna-se, ao mesmo tempo, mais consciente de si como pertencente do gênero humano. Mesmo que se configurem como polos ontologicamente distintos, o indivíduo e a sociedade também são polos que possuem uma dependência recíproca, pois as bases de suas existências e reproduções são dependentes umas das outras.

Ainda assim, Lukács identifica uma das características basilares do complexo da linguagem que, em seu processo de reprodução, há uma identidade predominantemente espontânea. Ressalta que, tal espontaneidade,

[...] não quer dizer que sujeitos singulares não tenham tomado decisão entre alternativas específicas, ou seja, não se trata de uma negação do processo decisório do sujeito. Significa apenas que a capacidade de interferência racionalmente orientada para fins de tomada de decisão dos rumos dos processos linguísticos tem um peso relativamente pequeno na constituição das línguas. (SILVA, 2016, p. 95)

Nesse sentido, a linguagem apresenta-se continuamente de forma espontânea, orientada pelas necessidades manifestas na vida cotidiana dos homens de formas objetiva e concreta. Na acepção lukacsiana, entende-se que o surgimento dos complexos colaboram com a categoria do trabalho no desenvolvimento da reprodução humana, não se limitando à abrangência do indivíduo singular, como também na reprodução social. Nesse contexto de formação do ser social, a linguagem constitui-se como um complexo auxiliar no desenvolvimento de todos os demais complexos sociais.

Ao refletir sobre o contexto de formação do ser social, Lukács é assertivo quando defende que o ser social deve ser compreendido no contexto de uma totalidade, e não observado de forma compartimentada, mas atentando para a articulação processual que decorre do trabalho.

[...] no ser social, esse aspecto de ser só existe de fato não enquanto um processo abstrato, reflexivo. Mas sim em articulação com uma série de mediações, em um processo de constante desenvolvimento, no qual apenas o trabalho não é capaz de responder de em si constituir o novo tipo de ser, o ser social. É nesse sentido, que aquele terceiro aspecto aparece, ou seja, o ser social enquanto uma totalidade objetiva, naquilo que Lukács chamou de complexo de complexos. (SILVA, 2016, p. 98)

Nessa perspicácia de atentar para a constituição do ser social, considerando esse processo em sua totalidade e percebendo esse novo ser em sua historicidade, compreende-se que a linguagem efetivou-se enquanto uma necessidade das relações estabelecidas entre o ser social e o meio que o circunda. A linguagem torna-se, portanto, uma importante mediação nessas relações do homem com a natureza e dos homens uns com os outros, contemplando o ser caráter de complexo social universal.

4.2 O complexo da arte e a sua gênese

O surgimento dos complexos que articulam as mediações das relações do ser social e que possibilitam a sua constituição, possui uma vinculação à categoria trabalho, visto que este torna-se a categoria prioritária na existência desse novo ser e da sua vida em sociedade. O desenvolvimento do gênero humano cuja formação tem as suas bases fincadas socialmente, encontra no trabalho seu o complexo central.

Ao definir-se como uma atividade essencialmente humana, o trabalho vai nortear o ser social por meio do reflexo da realidade objetiva, produzindo mudanças qualitativas nas vivências dos homens em seus cotidianos. Dessa forma, o que caracteriza o trabalho como algo especificamente humano é a capacidade do homem em antecipar aquilo que ele irá produzir, por meio do princípio da teleologia.

Diante da observação em seu cotidiano das necessidades impostas à sua sobrevivência, o homem obriga-se a intervir na natureza e, por meio do trabalho, busca suprir tais carências imediatas num processo sob determinações históricas. Na perspectiva ontológica, o complexo da arte é uma forma do indivíduo compreender o desenrolar da vida na natureza e na sociedade, pois esse complexo se configura como um fenômeno social.

A gênese da arte tem a sua intervenção no mundo social de maneira tardia e, ao fundamentar o seu objeto na existência social do gênero humano, o trabalho não pode ser desvinculado desse processo, pois é por meio dele que o homem constitui-se socialmente.

Dessa forma, constata-se, segundo Araújo e Rabelo (2021, p. 1416), uma dialética nas relações de individualidade e generalidade humanas, que se desenvolvem no ato do trabalho, “todo e qualquer resultado do trabalho dos indivíduos terá seu imo cravado nas necessidades objetivas histórico-sociais e, desse modo, será parte da generalidade dos seres sociais”. Reconhece-se que o trabalho realizado pelo homem de forma individual, propicia riqueza ao gênero humano, pois “a generalidade humana – ou seja, aquilo que se estabelece como herança do gênero humano – torna-se cada vez mais engrandecida”.

Existe uma dificuldade de situar a origem da arte dentro de um recorte específico, principalmente no delineamento que se refere à divisão entre formação pré-artística e arte. A justificativa deve-se à ausência de material histórico que ajude na ampliação dos conhecimentos em torno da gênese desse complexo.

Ao abordar acerca das atividades e produções desenvolvidas pelo homem primitivo, Marx destaca a importância da arqueologia para a análise dos meios de trabalho por meio da cultura material, dos vestígios produzidos pelos homens primitivos. Ao colocar a importância dos fósseis para a compreensão acerca das espécies de animais extintos, ressalta-se que a mesma relevância “os restos mortais dos meios de trabalho têm para a apreciação de formações sócioeconômicas desaparecidas. Não é o que se faz, mas como, com que meios de trabalho se faz, é o que distingue as épocas econômicas” (MARX, 1983, p. 151 *apud* ARAÚJO; RABELO, 2021, p.1418).

O homem primitivo, ao produzir as suas ferramentas dando formas às pedras, buscava apenas usá-las como utensílios para suprir a sua necessidade imediata. Frisa-se que, mesmo nesse período histórico, tem-se a dificuldade de estabelecer um indício de produção artística. Seria fundamental que, ao trabalhar com a pedra em lascas ou polida, era necessário que, ao transformá-la manualmente, o homem dispensasse uma intenção estética. Nesse sentido, torna-se impossível pensar acerca do desenvolvimento de uma ação artística pelo homem nesse período, pois “embora na Idade da Pedra o ser social tivesse pouco discernimento para o desenvolvimento da técnica, ele era capaz de escolher e conservar pedras apropriadas a determinadas atividades” (ARAÚJO; RABELO, 2021, p. 1423).

A esse nível concebe que é impossível pensarmos em arte, pois falta em primeiro lugar, que a pedra seja talhada ou polida, para ser transformada em ferramenta pelas mãos humanas, e nem mesmo isto, [...] será suficiente, pois faltará a técnica de uma escultura ou de um polimento relativamente desenvolvido para que a pedra cobre a forma que deseja. (SIDOU; ARAÚJO; SANTOS, 2013, p. 105)

A atuação do homem primitivo tem as suas limitações de consciência e, nesse processo, há uma mudança qualitativa quando ele passa a fazer escolhas. Ao observar as pedras disponíveis de acordo com as suas formas, suas resistências às operações que precisavam executar, o homem passa a fazer a escolha dos materiais, as pedras eram escolhidas sob critérios cabíveis para serem usadas em cada situação. Nesse momento, ele passa a agir conscientemente nesse processo de produção e manuseio de materiais. Dessa forma, os seres sociais, “atuam e reagem, nos estágios primitivos, com finalidades imediatas e urgentes da vida cotidiana, gerando uma produção material e espiritual, acumulando o conhecimento que vai se constituindo na historicidade do gênero humano” (ARAÚJO; RABELO, 2021, p. 1419).

Diante dessa complexificação no processo de trabalho, que perpassa pela acumulação de conhecimentos, pela produção do novo e surgimento de novas necessidades, considerando também as complexificações em suas relações sociais, outros complexos foram necessários para mediar o mundo dos homens.

Nesse sentido, o surgimento do complexo da arte deve-se ao auxílio de muitas mediações. Considera-se que, alguns fatores foram imprescindíveis nesse processo, como o tempo livre, ou seja, o tempo dedicado ao ócio seria fundamental para a fruição criativa, o avanço da técnica, a relação entre o útil e o agradável e, por último, o desenvolvimento de uma autoconsciência humana sobre a prática cotidiana. Acerca desses fatores, importa ressaltar que não devem ser compreendidos de maneira isolada, mas analisados numa totalidade.

Nessa sistematização que transcorre sobre o surgimento do complexo da arte, discute-se que o tempo livre se configura em um momento para que o homem tenha a possibilidade de dedicar-se às atividades mais elevadas. Pois, segundo Marx,

O tempo livre, que é tanto tempo de ócio quanto tempo para as atividades mais elevadas, naturalmente, transformou o seu possuidor em outro sujeito, e é inclusive como este outro sujeito que ele então ingressa no processo de produção imediato. Esse processo é disciplina, no que se refere ao ser humano em formação, e ao mesmo tempo experiência prática, ciência experimental e ciência materialmente criativa e que se objetiva, no que se refere ao ser humano já formado, em cujo cérebro existe o saber acumulado da sociedade. (MARX, 1983, p.594 *apud* ARAÚJO; RABELO, 2021, p.1421)

Lukács (2023) reforça que, as raízes sociais que ajuda-nos na compreensão da necessidade social da arte, não encontram-se no campo da obviedade. Reflete-se sobre o tempo para o ócio, que ganha caráter fundamental no desenvolvimento da atividade artística. Entretanto, o esteta pontua uma observação acerca do tempo livre e a elevação das habilidades humanas, não no âmbito da arte, porém no esteio da ciência¹⁷:

¹⁷ Muitos estudos sobre a arte, na perspectiva lukacsiana, são realizados de maneira a estabelecerem comparações com outros complexos, especialmente a ciência. Optou-se, nesse momento da pesquisa, a concentração da análise

Esse tipo de ócio pressupõe também os primeiríssimos primórdios da ciência, em absoluto reconhecidos conscientemente. Contudo, a conexão mais estreita e mais evidente desta com a conexão do dia a dia torna forçoso em dois sentidos o ócio necessário a ela. Em primeiro lugar, no momento em que a força imperativa desses postulados cotidianos incide sobre a comunidade e impõe uma divisão do trabalho, por mais primitiva que seja (dotada de ócio para refletir sobre tais problemas); em segundo lugar, na medida em que o conhecimento que se origina daí viabiliza o início de um domínio sobre o entorno, sobre as coisas etc. e, sobretudo, sobre o próprio homem. Com isso, surge certa técnica do trabalho e com ela certa elevação do próprio homem trabalhador acima de seu nível de domínio de suas capacidades físicas e intelectuais. (LUKÁCS, 2023, p.348)

O avanço das competências humanas em níveis até então não vistos, no campo da técnica também ocorre no âmbito do exercício artístico, mesmo que considerados simplórios esteticamente. Para isso, compete o tempo livre destinado ao homem para o exercício também da abstração.

O tempo de ócio, portanto, propicia ao homem o desenvolvimento de novas habilidades, bem como um salto qualitativo nas produções de artefatos que só foram viabilizadas pela evolução do trabalho. Junto ao ócio, a técnica possibilita ao ser social um crescimento das suas potencialidades, à medida em que desenvolve-se de forma dialética ao trabalho.

A ampliação de novas técnicas progredidas pelo ser social proporciona a elevação deste a um estágio superior, devido ao ócio permitido pela evolução do trabalho. A partir de novas necessidades, o ser social acrescenta novas capacidades ao seu desenvolvimento. Ainda que na ação da vida cotidiana o produto do trabalho aparentemente esteja condicionado ao indivíduo, com seus anseios e suas intenções, essa relação se torna mais ampla devido ao proveito posterior para o gênero humano. (ARAÚJO, 2020, p. 35)

No processo de trabalho, cujo desenvolvimento de novas técnicas permitem o tempo livre para a fruição de novas possibilidades criativas, compreende-se que o ser social é impulsionado a outro salto de grande relevância no âmbito da estética que é o aprimoramento dos sentidos. Além do aprimoramento, os sentidos humanos passam por uma diferenciação, que não se limita a um progresso fisiológico, mas os sentidos humanos vão se aperfeiçoando por meio da experiência do trabalho, que alteram-se qualitativamente, refinando-se nesse processo.

Ressalta-se que, no aprimoramento dos sentidos humanos, “cada qual com a sua especificidade, tem pontos e fontes de constituição da arte necessariamente distintos, os quais surgem das relações qualitativamente diversas dos órgãos receptivos em seu desenvolvimento histórico-social” (ARAÚJO; RABELO, 2021, p. 1419). Assim, o ser social complexifica-se no âmbito das suas sensibilidades por meio dos cinco sentidos elementares que são a audição, o olfato, o paladar, o tato e a visão¹⁸.

em torno do complexo da arte.

¹⁸ Araújo ressalta que os cinco sentidos humanos fundamentais, baseiam-se na teoria aristotélica, sob a explanação de que “a multiplicidade dos cinco sentidos tem sua razão em facilitar o conhecimento das qualidades comuns a

Nesse contexto, a gênese do complexo da arte deve ser abordada, considerando o aperfeiçoamento dos cinco sentidos humanos, de acordo com o seu processo histórico-social. Segundo Lukács,

A divisão de trabalho dos sentidos, a facilitação e o aperfeiçoamento do trabalho por meio deles, a relação recíproca de cada sentido com os demais por meio da cooperação cada vez mais diferenciada por essa relação, a crescente conquista do mundo exterior e interior dos homens em consequência dessas sutis cooperações, tendo a disseminação e o aprofundamento da imagem do mundo como consequência - tudo isso cria, por um lado, os pressupostos materiais e psíquicos para o surgimento e o desenvolvimento das diversas artes; cria em cada uma, por outro lado, assim que nascem, a tendência de conferir uma forma cada vez mais peculiar às suas propriedades imanentes, bem como de emprestar-lhes universalidade e capacidade de apreensão tais que – sem prejuízo à autonomia de cada arte individual – gradativamente toma forma o comum a todas. (LUKÁCS, 2023, p. 374)

Lukács, na reflexão posta, problematiza os sentidos humanos em sua historicidade. Os sentidos possui um dos fundamentos elementares para o desenvolvimento da arte. Entretanto, esse processo ocorre de maneira concomitante ao desenvolvimento da técnica e à divisão de trabalho. Ancorando-se em Marx, Araújo (2020, p. 41), acerca das sensibilidades enfatiza que, “o encadeamento do ser social com a natureza e com os outros indivíduos, por meio da sensibilidade humana, abarcando os sentidos fundamentais em todas as suas potencialidades e, assim, demonstra a existência da profusão humana”. Nesse esteio, há uma relação entre os sentidos humanos e as relações humanos-sociais, considerando a práxis do homem.

Os sentidos só se desenvolvem quando o ser social desfruta do tempo de ócio para cultivar o deleite estético. Cabe enfatizar que, além dos sentidos, as atividades mentais humanas também são constituídas em um processo histórico-social, pois “o princípio estético nasce das relações qualitativamente diversas, com base na unidade objetiva e na diversidade qualitativa dos órgão receptivos e seu desenvolvimento histórico-social” (ARAÚJO, 2020, p. 42).

Compreende-se, portanto, que o deleite estético ocorre por meio do desenvolvimento dos sentidos humanos vinculados a uma sociabilidade que permita a fruição e a sensibilização criativa no mundo da arte. Destaca-se que,

[...] no processo da divisão social do trabalho, homens que dispunham de tempo livre, de ócio, teriam condições para refletir sobre as “coisas” reais, e assim superarem a compreensão da realidade para além da espontaneidade da vida cotidiana, isto é, nesse processo essa camada ociosa tinha possibilidades cada vez maiores de superar a compreensão do mundo. (SIDOU; ARAÚJO; SANTOS, 2013, p. 104)

Sendo a importância do tempo livre fundamental para a fruição estética, entende-se que, em um contexto de criação histórica-social do complexo da arte em meio a uma sociedade capitalista, o gênero humano possui acessibilidade limitada, muitas vezes até excludente à

todos os sensíveis, tais como o movimento, a grandeza ou o número” (BRÉHIER, 1977, p.187 apud ARAÚJO, 2020, p. 41)

fruição estética. Nesse contexto, a divisão social do trabalho é um elemento fundamental para a compreensão do surgimento do ócio.

Aquela divisão, mesmo em seus momentos incipientes, ao possibilitar aos magos primitivos algum tipo de ócio, potencializa neles a função de pensar, enquanto os outros membros da tribo trabalham para sustentar as castas. A divisão social do trabalho e o consequente surgimento da sociedade dividida em classes distintas, em um momento de baixo poder das forças produtivas, autorizam àquele momento histórico apreender o mundo de um forma idealista; os homens não tinham como compreender o seu entorno, em um momento de produção precária da vida material, a não ser pela separação entre mente e mãos, pensar e fazer. (SANTOS, 2017, p. 345)

O tempo para as atividades mais elevadas, caracteriza-se em Marx como o tempo propício ao ócio, que proporcionou ao novo uma mudança gradual oriunda do trabalho. Desse modo, a divisão social do trabalho permitiu ao ser social refletir sobre si mesmo e sobre o entorno em que vive. A partir dessa tomada de reflexão, atentou-se para dar respostas às suas necessidades imediatas e, ao produzir novas técnicas de trabalho, proporcionou-lhe uma elevação em seu domínio sobre a natureza. Com a ampliação do ócio e, conseqüentemente, das atividades mais elevadas, o homem promoveu intensas intervenções na sua relação com a natureza.

Segundo Araújo (2020, p. 39), “todo esse avanço não foi automático, sendo acidentado e ocorrendo de modo distinto nos indivíduos e nas sociedades, especialmente quando a sociedade ganhou um caráter classista.” Na acepção lukacsiana, o tempo condizente ao ócio e às atividades de elevação humana, “manifestam exclusiva ou quase exclusivamente nas classes dominantes, enquanto entre os explorados não se produz durante séculos ou talvez milênios nenhuma alteração de tais relações com a natureza” (LUKÁCS, 1967b, p. 315 *apud* ARAÚJO, 2020, p. 39).

No contexto do surgimento da arte, que coloca o tempo livre como fator preponderante para a produção artística, as classes dominantes mativeram seus privilégios no usufruto da elevação das suas sensibilidades humanas, em detrimento das classes exploradas.

Em síntese, compreendemos que a classe explorada, diante da situação de não poder desfrutar integralmente do tempo livre para desenvolver atividades mais elevadas e se apropriar do ócio para criar, fica obstaculizada de desenvolver potencialmente os sentidos humanos nas artes e se apropriar do conjunto de fruição artística criado pelo próprio gênero humano, já que o processo de trabalho, no modo de produção capitalista, se dá de modo alienado. (ARAÚJO, 2020, p. 40)

Nesse esteio, em uma sociedade capitalista em que o tempo de trabalho da classe explorada converte-se em lucro continuamente para a classe que detém os meios de produção, a possibilidade dos explorados de terem o tempo livre e desfrutar do ócio é escassa. Em Marx, tem-se uma reflexão acerca da rudeza dos sentidos no homem cujas atividades são limitadas pela escassez:

O homem carente, cheio de preocupações, não tem nenhum sentido para o mais belo espetáculo, o comerciante de minerais vê apenas o valor mercantil, mas não a beleza e a natureza peculiar no mineral; ele não tem sentido mineralógico algum; portanto, a objetivação da essência humana, tanto do ponto de vista teórico quanto prático, é necessária tanto para fazer humanos os sentidos do homem quanto para criar sentido correspondente à riqueza inteira do ser humano e natural. (MARX, 2004, p. 110-111 *apud* ARAÚJO, 2020, p. 42-43)

Compreende-se que, à classe trabalhadora tem-se a negação tempo livre, visto que o trabalho consome a sua inspiração material e espiritual, cujo maior impasse encontra-se na contagem do seu tempo de produção. Na condução do debate acerca da essência humana, ao homem cujo deleite estético lhe é inacessível, resta-lhe a rigidez dos seus sentidos, tornando-se embrutecido, rude, diante da fluidez estética. É necessário, portanto, possibilitar-lhe a elevação dos sentidos humanos.

No processo em que se determina o surgimento do complexo da arte, além da sensibilização dos sentidos humanos, a atividade artística exige uma capacidade de abstração, sendo esta possibilitada pelo tempo de ócio. Somente o desenvolvimento da técnica não é capaz de permitir a fruição da arte, mas tem-se, nesse conjunto, além do ócio, a relação entre o útil e o agradável e o desenvolvimento da atividade estética de forma consciente.

Segundo Araújo (2021), a autonomia da arte e o sustentáculo do estético perpassam pelo processo do agradável. Em Lukács, sem o agradável e toda a sua função que desempenha como parte essencial na produção da arte, o surgimento desse complexo não seria possível.

O fato de apresentar uma reação positiva ou negativa diante do agradável vai imperar categoricamente na gênese do complexo da arte, pois além de transpor a variedade caótica das experiências postas na cotidianidade, influencia no desenvolvimento do complexo da arte, positivamente ou negativamente, como obra histórico-social. (ARAÚJO; RABELO, 2021, p. 1423)

Compreende-se que o complexo da arte se constitui como uma atividade genuinamente humana, já que a sensibilização dos sentidos, a abstração e a percepção para o agradável fazem parte da composição do desenvolvimento da estética. Sob o âmbito em que circunda o agradável, possibilita-se um nível relativamente alto de satisfação ou que varia considerando o “contentamento ocasionado pelo trabalho, estabelecido através do ritmo; pela ornamentação cometida nos instrumentos do trabalho; pela própria agilidade no processo de desenvolvimento das objetivações humanas” (ARAÚJO, 2020, p. 50).

Na acepção lukacsiana, a ornamentação de ferramentas é um exemplo concreto em que o agradável revela-se diante da produção do homem, pois trará o agradável ao produto que, até então, só possuía o valor de uso.

Nessa perspectiva, o ser social, ao produzir o novo, “objetiva novas urgências e novas alternativas, exterioriza novas aptidões e novos saberes. Nesse processo também evidencia a expressão artística, produzindo universalmente” (ARAÚJO, 2020, p. 44).

Sendo uma atividade essencialmente praticada pelos seres sociais, a arte origina-se no solo do cotidiano dos homens, agregando as suas historidades, perpassando pelo campo das ações e das consciências dos indivíduos. Nesse sentido, será discutido no próximo item a constituição do complexo da arte no cotidiano vivenciado pelos seres sociais.

4.3. O complexo da arte no solo cotidiano dos seres sociais

Para o entendimento acerca do surgimento do complexo da arte, enfatizou-se a dificuldade em estabelecer um recorte específico acerca da sua gênese, devido a carência de vestígios que permitissem um aprofundamento desse estudo. Contudo, alguns fatores foram elencados como fundamentais para a produção artística no mundo dos homens. Entre esses fatores, destacam-se o desenvolvimento da técnica que ambienta-se no processo de trabalho, o tempo de ócio, a relação entre o útil e o agradável e a consciência da atividade estética.

A arte, no contexto em que perpassa a sua origem, configura-se em uma atividade primordialmente humana, pois o seu desenvolvimento ocorre no cotidiano dos homens e passa a ter um caráter cismundano, consolidado em terreno humano. Segundo Araújo (2020, p. 45), o conceito cismundano é utilizado por Lukács para diferenciar a arte de qualquer aspecto religioso, mas aproximando-a do real que revela-se no cotidiano, cuja “posição de quem está aqui, refere-se a vida no mundo (com os pés e pensamentos terrenos), por conseguinte, não sagrado, não serve ao sagrado”. Para Lukács, o cotidiano,

[...] por sua vez, significa aquilo que é habitual ao ser humano, que está presente no seu dia-a-dia. O filósofo húngaro, como materialista que era, partia do cotidiano, do locus das ações humanas, para compreender a realidade que o circundava, a cotidianidade como locus onde se desprende a necessidade do homem em ir além dos seus limites, além da esfera da mediação pura e simples, para através de mediações superiores refletir a realidade e suas relações. (SIDOU; ARAÚJO; SANTOS, 2013, p. 103)

É importante compreender o complexo da arte, desde a sua gênese, relacionando-o à vida cotidiana do ser social, pois o cotidiano apresenta um importância fundamental para o entendimento acerca das atividades humanas. É na vida cotidiana que todos os problemas do homem se manifestam e tem-se a necessidade de dar respostas para essas problemáticas.

Dessa forma, ao delimitar a estética, Lukács salienta que é no solo cotidiano dos homens que presenciam-se o começo e o fim de todas as atividades dos seres sociais, ou seja, que iniciam e finalizam todas as objetivações humanas.

Na concepção Lukacsiana, a palavra estética¹⁹, que possui origem grega e significa sensação, percepção, tem o estudo dos fundamentos da arte e do belo como objeto. Nesses termos, sob a análise ontológica, o complexo estético é estudado considerando o desenvolvimento da autoconsciência sobre a prática estética.

A gênese do estético é endossada pelo processo de autoconsciência do ser social sobre a prática cotidiana. O construto do complexo da arte se desenvolve no cotidiano em um constante processo de interações, assumindo uma configuração especificamente estética, deliberando-se esteticamente de acordo com tais interações. (ARAÚJO, 2020, p. 51)

A gênese do estético ocorre mediante a autoconsciência desenvolvida pelo ser social por meio da prática cotidiana que vivencia em sociedade, nas interações compartilhadas entre os homens e entre o meio que os circunda. Dessa forma, compreende-se que a arte origina-se na ação propriamente humana, cujo princípio antropomorfizador auxilia na descoberta de um novo mundo para o ser social. Caracteriza-se que, nesse reflexo antropomorfizador no qual desenrola-se a estética, tem como eixo referencial a “realidade esteticamente refletida nas obras de arte, quanto em relação às novas aptidões cultivadas no ser social diante desse reflexo, concentra-se no desenvolvimento da autoconsciência” (ARAÚJO, 2020, p. 51).

Ao fundamentar-se no materialismo dialético para compreender os reflexos reais e sua estrutura básica sobre o cotidiano humano, Lukács atenta que eles surgem por meio das interações do homem com o mundo externo.

Para o filósofo de Budapeste esse materialismo é próprio do homem primitivo que não tendo elementos para entender a realidade para fora de si mesmo a concebe como algo externo. O homem precisa observar e compreender objetivamente a realidade para então agir sobre ela, assim é que, por exemplo, o homem primitivo já sabia intuitivamente que precisava escolher dentre as pedras a mais adequada para determinada operação, mostrando assim que o homem é mais ou menos consciente de sua atuação num mundo externo que existe independente dele. (SIDOU; ARAÚJO; SANTOS, 2013, p. 103).

Portanto, argumenta-se que, ao ser social, importa a compreensão da realidade objetiva para, nesse processo, poder entendê-la e, finalmente, transformá-la. Tais transformações são processadas no solo cotidiano, sendo o campo em que as indagações humanas são manifestadas, culminando na criação da linguagem artística, que “tem sua necessidade expressa no cotidiano

¹⁹ Importante ressaltar que a criação do termo estética, foi atribuída pelo filósofo alemão Baumgarten que, em sua obra *Meditações Filosóficas Sobre as Questões da Obra Poética*, apresentou o tempo sob a perspectiva de compreendê-la enquanto uma “ciência que estuda o conhecimento sensorial para apreensão do belo, que se expressa através das imagens de arte” (SIDOU; ARAÚJO; SANTOS, 2013, p. 103).

do ser social, uma vez que o construto superior foi produzido pelo gênero humano no que tem maior importância alçado nos problemas no campo cotidiano” (ARAÚJO, 2020, p. 52).

A arte possui o caráter antropomorfizador, pois é realizada pelo ser social que, sob interação com o meio homogêneo, tem a capacidade de recriar o real. Nesses termos, salienta-se que a arte antropomorfiza o real, pois ao se exteriorizar, a consciência humana entra em contato com a matéria e dá origem a um mundo homogêneo.

[...] Lukács separa duas formas distintas de comportamento. A arte, ao contrário da vida cotidiana, oferece-nos um *mundo homogêneo*, depurado das “impurezas” e acidentes da heterogeneidade próprias do cotidiano. Na fruição estética, o indivíduo depara-se com a figuração homogeneizadora, mobilizando toda a sua atenção para adentrar-se nesse mundo miniatural, despojado dos acidentes e variáveis que geram as discontinuidades do cotidiano. Essa concentração da atenção, essa mobilização das forças espirituais, produz uma *elevação do cotidiano*. Nesse momento, segundo Lukács, o indivíduo supera a sua singularidade e é posto em contato com o gênero humano. O exemplo mais claro é o fenômeno da *catarse*, que permite restabelecer o nexo do indivíduo com o gênero. Esse nexo fica esmaecido na cotidianidade onde os homens encontra-se fragmentados e entregues à resolução dos problemas pessoais de sua vida privada. (FREDERICO, 2000, p. 305, grifos do autor)

Diante da origem de um mundo homogêneo, o ser social tem a possibilidade de adentrar em sua singularidade, sob mediações dessa particularidade e alcançar à universalidade, tornando-se parte do gênero humano. Nesse esteio, o indivíduo passa por um processo de elevação para retornar ao cotidiano e, dessa forma, proporcionar um enriquecimento ao interagir com o seu gênero.

Para Frederico (2000, p. 305), “a elevação não é uma fuga, um devaneio inconsequente. Após a fruição estética, o homem mobilizado pela arte volta a defrontar-se com a fragmentação do cotidiano”. Contudo, a experiência na qual desfruta em contato com o seu gênero, quando retorna ao cotidiano enriquecido, sob o fenômeno da catarse, esse homem passa a olhar o mundo com outros olhos.

A arte, portanto, *educa* o homem fazendo-o transcender à fragmentação produzida pelo fetichismo da sociedade mercantil. Nascida para refletir sobre a vida cotidiana dos homens, a arte produz uma “elevação” que a separa inicialmente do cotidiano para, no final, fazer a operação de retorno. Esse processo circular produz um contínuo enriquecimento espiritual da humanidade. (FREDERICO, 2000, p. 35, grifo do autor)

Ao possibilitar a passagem da heterogeneidade para a homogeneidade do cotidiano, a arte proporciona ao indivíduo um momento de elevação em que passa a se constituir partícipe do gênero humano, enriquecendo a sua espécie. Salienta-se que, “a origem da arte se deu a partir de anseios heterogêneos para depois se estabelecer em um meio homogêneo e, desse modo, expandir-se para o mundo dos seres sociais” (ARAÚJO, 2020, p. 55).

O mundo próprio da arte, portanto, não se ergue entre os fluidos da imaginação, mas nos sustentáculos das situações concretas, pois sendo uma criação do ser social, perpassando as

suas carências objetivas e subjetivas, esse mundo se efetiva na concretude das coisas. Araújo (2000, p. 56) enfatiza que, “o ser social transforma o mundo externo e se transforma, criando o novo, criando novas possibilidades, criando um mundo próprio para arte”.

Acerca da cotidianidade no mundo dos homens, Lukács faz uma analogia para explicar o movimento do comportamento cotidiano do ser social.

Lukács retoma a imagem do rio de Heráclito, imagem cara aos dialetas: o cotidiano é visto como um rio em seu permanente fluxo, dentro do qual tudo se movimenta, se transforma, se espalha e retorna ao seu leito: “dele (do cotidiano) se depreendem, em formas superiores de recepção e reprodução da realidade, a ciência e a arte; diferenciam-se, constituem-se de acordo com as suas finalidades específicas, alcançam a sua forma pura nessa especificidade – que nasce das necessidades da vida social – para logo, em consequência de seus efeitos, de sua influência na vida dos homens, desembocar de novo na corrente da vida cotidiana”. (LUKÁCS, 1974, p. 11-12 *apud* FREDERICO, 2000, p. 303)

É a partir da vida cotidiana que surge a necessidade do ser social objetiva-se, ultrapassar os limites que o circunda e ele já reconhece para criar o novo, transformando a natureza e a si mesmo. Com isso, a vida cotidiana passa a ser enriquecida e o homem passa por um processo de elevação, pois as objetivações adquiridas, conquistadas, retornam ao solo do cotidiano. Nesse sentido, a vida cotidiana do ser social, torna-se o ponto de partida e o ponto de chegada para a compreensão em torno do complexo da arte.

Após a discussão acerca da gênese dos complexos da linguagem e da arte, bem como estabelecendo uma abordagem de como esses complexos relacionam-se com a categoria do trabalho na constituição do ser social, na acepção lukacsiana. Nesse contexto, pretende-se expor no capítulo seguinte, como a literatura, oriunda dos complexos da linguagem e da arte, pode exercer a função de mediadora na formação humana.

5. A MEDIAÇÃO DA LITERATURA NA FORMAÇÃO HUMANA

A trajetória de Georg Lukács como político e como homem das letras, foi permeada de experiências que envolveram lutas e resistências que percorreram um caminho político-histórico de atuações²⁰. Nessa jornada em que buscava o equilíbrio entre uma vida política e acadêmica, Lukács tornou-se um dos mais importantes críticos literários do século XX²¹, cuja contribuição intelectual dialogou profundamente com os acontecimentos do seu tempo.

Na esteira de Marx, o filósofo húngaro atenta para a importância do “desvelamento do real para a superação da ordem vigente, sendo importante, nesse sentido, compreender as desigualdades históricas do modo de produção capitalista enquanto universalidade que funda caminhos particulares de objetivação” (DIÓGENES, 2019, p. 119). No âmbito da literatura, Lukács pontuou que o realismo era a arte que compreendia a totalidade da sociedade, cuja discussão deve apresentar os problemas advindos de uma época histórica. Nesse sentido, a arte autêntica,

[...] se aprofunda na busca daqueles momentos mais essenciais que se acham ocultos sob a superfície dos fenômenos, mas não representa esses momentos essenciais de maneira abstrata, ou seja, suprimindo os fenômenos ou contrapondo-os à essência; ao contrário, ela apreende aquele processo dialético vital pelo qual a essência se transforma em fenômeno, se revela no fenômeno, mas figurando ao mesmo tempo o momento no qual o fenômeno manifesta, na sua mobilidade, a sua própria essência. Por outro lado, esses momentos singulares não só contêm neles mesmos um movimento dialético, que os leva a se superarem continuamente, mas se acham em relação uns aos outros numa permanente ação e reação mútua, constituindo momentos de um processo que se reproduz sem interrupção. A verdadeira arte, portanto, fornece sempre um quadro de conjunto da vida humana, representando-a no seu movimento, na sua evolução e desenvolvimento. (LUKÁCS, 2010c, p. 26 *apud* DIÓGENES, 2019, p. 121)

Essas são as características e a relevância de uma obra realista, pois Lukács analisava uma obra literária com a perspicácia de atentar para o seu contexto social e histórico, considerando sua totalidade. Discorre ainda que uma literatura que reflete o modo de vida de uma sociedade, deve basear-se na dialética entre fenômeno e essência, em que o cotidiano dos homens ocupe o eixo central nesse processo.

Nesse sustentáculo, o realismo destaca-se na crítica marxista, cuja dinâmica ocorre por meio de um processo histórico que vincula a vida do indivíduo à coletividade. Porém, atenta-se para a compreensão de que uma obra literária trata-se de uma manifestação artística e não

²⁰ Para um maior aprofundamento acerca da trajetória intelectual de Lukács, intrinsicamente ligada à sua atuação política, consultar a tese de doutorado de Lima (2014) e Silva (2016).

²¹ Já na primeira metade do século XX, Lukács apresenta seus primeiros escritos acerca da crítica literária. Ressalta-se a importância da obra *A teoria do romance*, publicada em 1916, permanecendo como forte influência entre os pesquisadores de estudos literários.

pode ser concebida como uma cópia da realidade. Observa-se que, “Lukács buscava a compreensão e o entendimento da sociedade e do ser social a partir das relações históricas, sociais e de classe” (PORTÁCIO; MACHADO; SILVA, 2021, s/p).

Na concepção ontológica de Lukács, a literatura enquanto fenômeno artístico é um movimento que tem na vida cotidiana o seu principal elemento, produzindo um efeito que eleva a sensibilidade humana. A relação entre o cotidiano e os reflexos da realidade que culminam nas manifestações artísticas, como a literatura, apresenta os momentos em que na criação de uma obra literária,

[...] criadores e receptores envolvidos nesta objetivação buscam superar a relação imediata com o objeto, sendo estes extraídos da própria vida, isto distingue um homem inteiro de um homem inteiramente no processo de formação humana, visto que o homem inteiramente estará suspenso temporariamente na continuidade da vida para fruir a obra, seu pensamento estará concentrado evocando emoções, sentimentos que serão traduzidos na prática, no retorno a vida normal e como ser social suas ações expressarão sua verdadeira essência. (PORTÁCIO; MACHADO; SILVA, 2021, s/p).

Dessa forma, o mundo dos homens faz-se presente na literatura, refletido na realidade de uma sociedade permeada de contradições, cujos anseios e lutas são históricos. Ao se fazer presente no mundo dos homens, a literatura influencia na formação humana e, é nesse contexto que compreendemos a importância da arte literária como imprescindível ao ser social, tanto em sua individualidade, como em suas vivências coletivas.

O renomado crítico literário brasileiro Antonio Candido, apresenta uma reflexão acerca da literatura como um direito elementar à vida humana, inserida no rol de reivindicações postas pelos direitos humanos. Os direitos reivindicados para uns, enquanto indivíduos com acesso ao universo letrado e às artes como um todo, também deveriam ser indispensáveis para os outros, que não possuem tais acessibilidades. Nesse intuito, Candido elabora uma provocação acerca dos indivíduos que,

[...]afirmam que o próximo tem direito, sem dúvida a certos bens fundamentais, como casa, comida, instrução, saúde, coisas que ninguém bem formado admite hoje em dia que sejam privilégios das minorias, como são no Brasil. Mas será que pensam que o seu semelhante pobre teria direito a ler Dostoiévski ou ouvir os quartetos de Beethoven? Apesar das boas intenções no outro setor, talvez isto não lhes passe pela cabeça. E não por mal, mas somente porque quando arrolam os seus direitos não estendem todos eles ao semelhante. Ora, o esforço para incluir o semelhante no mesmo elenco de bens que reivindicamos está na base da reflexão sobre os direitos humanos. (CANDIDO, 2011, p.175)

O referido crítico literário expôs essa reflexão no texto *Direito à literatura*, abrangendo a discussão dessa pauta desde a década de 1970, sendo importante contextualizá-la ao tempo presente. Na sua defesa, a literatura apresenta-se como um direito básico a ser ofertado ao homem e fundamental à sua sobrevivência de forma digna, assim como a moradia, a comida, a

vestimenta, a saúde e, até mesmo, os direitos mais abrangentes como, a liberdade individual, o acesso à justiça e à segurança.

Nesse contexto, a literatura assume um papel social importante na formação dos homens, exercendo uma função para além da educação, mas, sobretudo, humanizadora.

Nesse momento da pesquisa, tem-se o objetivo de, por meio da ontologia lukácsiana, analisar a literatura como mediadora na formação do ser social. Nesse viés, será desenvolvido um estudo que busca compreender a literatura como imprescindível à formação humana, que eleva o ser social em sua consciência sensível, propiciando a sua percepção enquanto sujeito histórico, crítico, atuante na sociedade de forma concreta.

5.1. O realismo na literatura: uma análise lukácsiana

Por meio da acepção lukácsiana, analisamos as categorias trabalhos, linguagem, arte, compreendendo seus processos e relações na constituição dos seres sociais. Nesse momento da pesquisa, tem-se uma abordagem acerca da concepção estética de realismo, em Lukács.

Como princípio norteador da sua teoria, o referido esteta busca em Marx e Engels, as colaborações essenciais para o embasamento teórico acerca dos estudos e da crítica literária, cujas primeiras escritas surgiram na obra *A ideologia alemã*. Nessa obra, segundo Lukács, Marx e Engels já manifestavam-se declarando que “não compete aos domínios ideológicos específicos – e, portanto, à arte e à literatura – um desenvolvimento autônomo, pois eles são decorrência e formas fenomênicas do desenrolar das forças produtivas e da luta de classes” (LUKÁCS, 2016, p. 63).

Os escritos de Marx e Engels, serão a inspiração de Lukács para o desenvolvimento das análises da arte e da literatura, sendo esta última tratada pelos referidos autores em um contexto histórico-sistemático, cujos fenômenos vinculam-se às dinâmicas da luta de classes. A literatura, portanto, não está alheia ao movimento da história. Acerca das atividades de Marx e Engel no campo da literatura, Lukács (2016, p. 64) ressalta que,

Marx e Engels elaboraram o materialismo dialético na luta contra as diversas tendências da ideologia burguesa de seu tempo, contra as correntes presentes no interior do incipiente movimento dos trabalhadores, que ainda não tinham como se libertar da influência burguesa. Desde o início, seu embate no campo da teoria da literatura, voltou-se contra o aburguesamento da consciência de classe do proletariado. Por terem reconhecido desde o começo o influxo extraordinariamente profundo e amplo da literatura sobre a consciência dos homens, os autores jamais subestimaram a importância das orientações corretas na literatura e em sua teoria.

Salienta-se que a concentração de estudos acerca da teoria e da crítica literária, em Marx e Engels, constituiu-se sob uma defesa da vertente proletária nos âmbitos econômicos, políticos

e ideológicos. Consolidava como linha de suas críticas literárias, “a oposição aos resquícios burgueses na consciência dos trabalhadores e ao aburguesamento de sua consciência” (LUKÁCS, 2016, p. 65).

Nesses termos, convém assinalar que, o filósofo húngaro, em um momento de exílio, acessou às obras²² marxistas que serviram-lhe de fundamento teórico para refletir sobre a literatura e, solidificar os caminhos para pensar o realismo. Fundamentamento na teoria lukacsiana, o realismo torna-se compreendido,

[...] como herdeiro de uma perspectiva literária antirromântica, que se empenha na elucidação do movimento do real. A criação artística precisa ir além da superfície imediatamente percebida do mundo exterior, ultrapassando os fenômenos eventuais, casuais e momentâneos. Enquanto autêntico reflexo estético da realidade, o realismo não se limita à produção literária de um determinado período histórico, nem se enquadra dentro da definição de escola literária. (DIÓGENES; ARAÚJO; CARMO, 2022, p. 26)

O realismo não se restringe a um estilo artístico ou define-se em uma escola literária específica. A concepção de realismo desenvolvida por Lukács, relaciona-se com a reprodução artística da realidade e, segundo Frederico (2000, p. 302), “ele sempre defendeu apaixonadamente o método realista enquanto critério para o crítico julgar a obra de arte e também o caminho para o artista revelar a verdade em sua criação”. Nessa perspectiva, conclui, ressaltando que “a arte afirma-se em sua irreduzível especificidade, como uma intensificação do drama humano que na vida cotidiana se apresenta de forma descontínua, rarefeita.”

A estética de Lukács, portanto, enraiza-se na vida cotidiana dos seres sociais e, como já esboçado, não limita-se a uma escola literária ou a um período histórico específico. Apesar disso, o realismo não se detém na imediatez do cotidiano dos homens, mas “entende-se que a representação da realidade deve surgir de forma dialética, unindo essência e fenômeno, partindo do primeiro para o último, bem como abrangendo a totalidade dos fatos, não privilegiando apenas fragmentos e/ou recortes” (ARAÚJO; RUFINO; MARTINS, 2017, p. 183)

Acerca das questões do realismo em Lukács, torna-se imprescindível analisá-lo sob a observação do movimento histórico que, além do âmbito social, também perpassa pelo processo de desenvolvimento econômico que provoca mudanças no mundo dos homens. Compreende-se, nesse rol de discussões, que “a economia vulgar é prisioneira da aparência, uma vez que transpõe para o nível do pensamento os fenômenos que estão presos à superfície da vida social, sistematizando, desse modo, vulgarmente a linguagem da vida cotidiana” (GILENO, 2013, p.19).

²² As obras que influenciaram o pensamento lukacsiano no campo literário, foram: Manuscritos econômico-filosóficos de Marx, cartas inéditas de Marx e Engels, Cadernos filosóficos de Lenin (DIÓGENES; ARAÚJO; CARMO, 2022, p. 26).

No âmbito econômico, cuja restrição pairava na simples reprodução dos fenômenos em sua mera superficialidade, compreende-se que a “decadência ideológica se inicia efetivamente no momento de consolidação do capitalismo enquanto modo de produção, da dominação burguesa do poder político e do acirramento das contradições da luta de classes entre burguesia e proletariado” (GILENO, 2013, p.19).

À medida em que a burguesia destaca-se como a classe que efetivou as transformações no mundo medieval para além do modo de produção, mas orientando as produções artísticas seja no renascimento ou no iluminismo, tem-se uma compreensão da realidade centrada no imediatismo que despreza a totalidade das relações sociais.

Neste aspecto, a literatura e a arte também ficam impossibilitadas de representar, de uma maneira verdadeiramente universal, as suas épocas históricas particulares. A literatura e a arte se limitam, dentro do quadro da decadência ideológica a obterem um reflexo deformado da realidade objetiva, uma vez que realizam apenas a figuração de “homens singulares” e “vivências singulares”, esquecendo-se de relacionar esses “homens” e essas “vivências” ao conjunto das relações sociais. De fato, em György Lukács, a literatura e arte da decadência perdem a noção da totalidade, pois além de provocar a dissociação da literatura e da arte da compreensão das contradições do desenvolvimento social, despoja igualmente ambas do seu mais profundo conteúdo, abrindo caminho para uma estéril experiência formalista, como a literatura e a arte da decadência descrevendo apenas o cotidiano do capitalismo moderno. (GILENO, 2013, p. 21, aspas do autor)

Nesses termos, um fundamento essencial defendido por Lukács é que a literatura realista reflete a totalidade da vida e combate a superficialidade sobre a realidade, bem como a sua representação voltada para o imediatismo. As obras, cujos autores preocupam-se com a literatura autêntica, compreendem os movimentos e as contradições presentes na realidade social, tecendo aproximações entre as problemáticas sociais e estéticas. Esses autores, portanto, não limitam-se à superficialidade da vida cotidiana, mas descortinam o que está na essência dessas relações, representando a realidade em sua totalidade plena.

Acerca da processualidade histórica, salienta-se que a teoria sobre o realismo lukacsiano compreende “que o devir humano é representado por um processo histórico que aproxima a vida de cada indivíduo à vida da coletividade” (DIÓGENES; ARAÚJO; CARMO, 2022, p. 27). Portanto, nesse viés literário, não encontra-se mais “os homens singulares” em suas “vivências singulares”, mas cada homem cujo cerne abrange a sua vivência em coletividade.

Em linhas gerais, não é possível compreender a obra literária como mera fotocópia da realidade, mas sim como algo capaz de explicar os fenômenos sociais de um momento particular da história [...] Independente do processo histórico, a obra de arte se encontra em dívida com os grandes conflitos morais da existência humana, que devem ser refletidos enquanto par dialético essência e aparência, conteúdo e forma. O realismo, na perspectiva da estética marxista, é um caminho para a representação do mundo dos homens. (DIÓGENES; ARAÚJO; CARMO, 2022, p. 27)

No sustentáculo lukacsiano, o artista sob a égide do realismo, capta a essência da realidade, reproduzindo-a tal como ela é. Não pode, portanto, ser indiferente ao mundo em que vive, mesmo que, no sistema capitalista alimentem-se a hostilidade acerca do universo da arte e ampliem o progresso das forças produtivas em detrimento do desenvolvimento da literatura e da arte. Diógenes (2022, p. 28) ressalta que, “ao artista, cabe uma tomada de posição ante à vida, apresentando a essência dos fenômenos sociais e, mesmo não tendo nenhum posicionamento político, tomar partido contra as forças da reificação humana”.

Tem-se, portanto, na literatura realista defendida por Lukács, um combate à liberdade moderna, cujo artista que dela se vincula, não interessa-lhe a compreensão da realidade, nem dos problemas da sociedade. Sobre os aspectos que permeiam a liberdade moderna, Gileno (2013, p. 23), tece alguns apontamentos:

Pode-se dizer por conseguinte, que a liberdade moderna da arte, perde de vista o fundamental, isto é a dinâmica das forças sociais que movimentam a sociedade, pois sua liberdade abstrata, mesmo quando visa reproduzir a vida social, perde-se na dimensão subjetiva do artista, que fixa a sua interpretação na imediatez, representando o mundo a partir de suas experiências meramente individuais. Em György Lukács, a liberdade moderna da arte faz com que o artista perca de vista a concepção dialética da realidade – que se funda na contradição – pois os homens “lutam lado a lado na sociedade, um pelo outro ou um contra o outro”. Logo, a medida que o artista se volta para as suas próprias impressões, isola-se do complexo de forças que compõem o real, empobrecendo o conteúdo das suas obras, “já que se limita a girar no círculo fechado da própria subjetividade.

Os escritores realistas, por vivenciarem e, em certa medida, atuarem nas mudanças sociais de suas épocas, não dedicavam em suas escritas um conformismo diante da superficialidade da vida cotidiana. Em suas produções literárias, proporcionaram um abrangente panorama da totalidade da vida social de suas épocas.

Considerados exemplos de escritores realistas, Goethe, Balzac, Stendhal e Tolstói, tinham as suas perspectivas sobre o mundo no esteio das transformações engendradas pela burguesia, com suas crises e contradições. O drama vivido pelas personagens criadas por esses autores, incorpora os processos históricos e sociais que conectam-se com as relações individuais e coletivas. Eles, “não apenas observam, mas vivem o nascimento do ‘novo mundo’ proporcionado pelo capital” (GILENO, 2013, p. 26). Além de observadores dessa realidade, os referidos escritores da autêntica literatura, viveram nesse novo mundo que acenava a sua origem sob a áurea do capitalismo. Ainda assim, dedicaram em suas escritas a desenvoltura de atear-se às características essenciais de sua época, negligenciando a superficialidade e a imediatez.

O papel do autor e o seu engajamento²³ à literatura realista, são questões abordadas por Eagleton (2011), tendo como fonte duas cartas escritas por Engels²⁴ a romancistas que pediam-lhe avaliações dos seus textos. Engels posiciona-se em relação à ficção como uma tendência política, mas se contrapõe ao escritor que apresenta-se como partidário de maneira tão explícita. Para o parceiro intelectual de Marx, “a tendência política de surgir de maneira discreta a partir das situações dramatizadas; apenas de forma indireta pode a ficção revolucionária influenciar a consciência burguesa dos leitores” (EAGLETON, 2011, p.86).

Seguindo os apontamentos de Engels, o crítico norte-americano continua:

[...] um engajamento político manifesto é desnecessário (não, é óbvio, inaceitável) na ficção, pois a escrita verdadeiramente realista dramatiza as forças significativas da vida social, indo além tanto que pode ser observado fotograficamente tanto na retórica imposta de uma “solução política”. Esse é o conceito do assim chamado “partidarismo objetivo” que a crítica marxista viria a desenvolver mais tarde. O autor não precisa impingir suas opiniões políticas à obra, porque, se revelar as forças reais e potenciais em operação ele já está sendo partidário. O partidarismo é, em outras palavras, inerente à própria realidade; ele surge de um método de tratar a realidade social em vez de uma atitude subjetiva em relação a ela. (EAGLETON, 2011, p. 87)

Marx tinham predileções por “escritores realistas, satíricos e radicais, e [...] era hostil ao romantismo, que ele considerava uma mistificação poética da dura realidade política” (p. 85). Sabe-se que, em muitas oportunidades, Marx citava as obras de Balzac com admiração, pois “apesar dos seus preconceitos católicos e legitimistas, Balzac possuía uma consciência profundamente imaginativa dos movimentos marcantes da sua própria história” (p.89).

Um autor realista deveria, portanto, atentar-se para a sociedade em que está inserido, atentando-se igualmente para as problemáticas de sua época. A literatura realista, faz mediação entre as personagens e as relações sociais que comungam, desprendendo-se da superficialidade da realidade cotidiana, posicionando o homem como um ser social.

As personagem que compõem a autêntica literatura, não encontram-se meramente descritas em seus cenários, mas mediadas entre as relações sociais.

A grande literatura, verdadeiramente realista, jamais se atém à descrição dos destinos singulares das personagens. As personagens típicas que esta literatura produz estão indissolivelmente ligadas à unidade contraditória da vida social – suas caracterizações psicológicas e morais, por exemplo, refletem uma articulação enérgica com uma totalidade dinâmica e viva. Não representam, pois, o homem como uma “natureza morta” e inanimada: valoriza as relações sociais no sentido mais amplo e profundo, uma vez que o aspecto psicológico do homem tem a ver com a sua história concreta, com a sua vida objetiva. (GILENO, 2013, p, 28)

²³ Ressalta-se que o artista não precisa ser necessariamente engajado, pois no realismo lukacsiano, importa ao artista tocar nos meandros que envolvem os dramas humanos.

²⁴ As referidas missivas citadas por Eagleton (2011, p. 85-86) como fontes são: Carta de 1885, a Minna Kautsky; Carta de 1888, a Margaret Harkness.

Dessa forma, ao construir as personagens, o escritor cria tipos, assim, reflete a realidade de maneira mais expressiva, pois o personagem típico dispõe o caráter pessoal, que perpassa pelo processo histórico nos vieses singular e universal. A psicologia da personagem não é manifesta no âmbito individual isoladamente, mas posta em uma individualidade histórica, processual, no esteio das suas relações. Eagleton (2011, p. 83) ressalta que o conceito da tipicidade, “é compartilhado por Marx e Engels; no entanto, em seus próprios comentários literários, o conceito é raramente ou mesmo nunca acompanhado pela insistência de que as obras literárias devem ser politicamente prescritivas”.

No arcabouço da ontologia marxiana sobre o surgimento do complexo da arte, evidencia-se que,

É clara a coerência do pensamento do filósofo húngaro Georg Lukács ao considerar a teoria marxiana como uma teoria assentada no trabalho como componente fundante de todos os outros complexos da vida social. O nascimento da arte é moroso em relação ao trabalho, uma vez que o desenvolvimento estético nos faça conjecturar certa elevação do desenvolvimento dos sentidos humanos, além do sentimento do agradável no processo de criação e recepção. Nesse sentido, a arte, no sentido ontológico, é o modo do homem entender a própria vida na natureza e na sociedade. (ARAÚJO; RUFINO; MARTINS, 2017, p. 177-178)

Para que um homem se torne partícipe do gênero humano, é imprescindível que ele desfrute da arte produzida pela humanidade nos mais variados tempos históricos. Pois, a sua experiência histórico-social vincula-se aos conhecimentos, habilidades e comportamento que esse sujeito foi adquirindo ao longo dos tempos. O cerne da literatura realista, portanto, apresenta-se na existência da totalidade, pois, para Lukács, é por meio do realismo que chegamos à totalidade social. Araújo (2017, p. 183), evidencia que, para o referido esteta, “é por meio do realismo que se pode configurar artisticamente a realidade da sociedade e é através deste, e não de outro método, que se pode julgar a produção artística verdadeiramente”.

De acordo com Gileno (2013, p. 21), o triunfo do realismo, para Lukács, estaria em “compreender, do modo mais fiel possível, a realidade em sua totalidade dinâmica e contraditória”, que promove a mediação entre as personagens individuais e as tensões sociais que as circundam. Nesse sustentáculo ontológico, a literatura realista,

[...] pode representar os contrastes, as lutas e os conflitos da vida social tal como eles se manifestam no espírito, na vida do homem real. Portanto, a literatura oferece um campo vasto e significativo para descobrir e investigar a realidade. Na medida em que for verdadeiramente profunda e realista, ela pode fornecer, mesmo a mais profundo conhecedor das relações sociais, experiências vividas e noções inteiramente novas, inesperadas e importantíssimas. (LUKÁCS, 2010, p. 80 *apud* ARAÚJO; RUFINO; MARTINS, 2017, p. 176)

Na concepção marxista, como toda arte, sempre produzida pelo homem, vem-se carregada de produção histórico-social. Na produção da literatura realista, o artista não expressa

como relevância os seus interesses particulares, mas como o realismo caracteriza-se pela representação do real que manifesta a totalidade, o artista a ele se alinha, aborda as questões reais e concretas existentes nas relações humanas.

Nesse contexto, teria a literatura realista um caráter transformador e mediador na formação humana. Seria, portanto, o destino da arte, “valorizar o homem, as suas lutas dentro da sociedade, transformando-o num elemento vivo e dinâmico inserido na rica e complexa totalidade das suas relações sociais” (GILENO, 2013, p. 29).

Refletir sobre o realismo na literatura, numa abordagem marxiana, é compreender que as produções literárias produzidas pelos homens, podem revelar a realidade humana e, ao apresenta a vida cotidiana, contribui também em suas relações e vivências coletivas. Nesse sentido, a literatura autêntica, combate à superficialidade no trato dos problemas humanos.

A literatura colabora para a formação integral da pessoa, pois fornece a base cultural necessária ao indivíduo para viver plenamente sua subjetividade integrada à sua vida prática. Nutrindo-se da tradição ou da inovação, ela atravessa, expressa e interpreta o real, gerando inquietações filosóficas, existenciais e sociais, além de questionar as ações humanas, libertando o homem de suas amarras naturais, religiosas e sociais. A literatura, podemos afirmar, tem uma função emancipatória, no sentido de que a compreensão do mundo repercute também em suas formas de comportamento social e sendo humanista, revelará a realidade e a essência humana. (DIÓGENES; ARAÚJO; CARMO; 2022, p. 29-30)

A literatura, portanto, surge como um importante instrumento mediador na formação humana. Devendo ser acessível à sociedade, sobretudo à classe trabalhadora, pois entre tantos direitos que lhe são negados, tem-se a dificuldade em apropriar-se do patrimônio histórico, seja no âmbito material, seja no âmbito espiritual. O direito à literatura, nesse viés, está na luta pelos direitos humanos, pois “negar a fruição da literatura é mutilar a nossa humanidade” (CANDIDO, 2011, p. 188).

Nesse debate, acrescenta-se que a forma como a sociedade é organizada, pode haver tanto a restrição como a ampliação desse bem humanizador que é a literatura.

Em princípio, só numa sociedade igualitária os produtos literários poderão circular sem barreiras, e neste domínio a situação é particularmente dramática em países como o Brasil, onde a maioria da população é analfabeta, ou quase, e vive em condições que não permitem a margem de lazer indispensável à leitura. Por isso, numa sociedade estratificada desse tipo, a fruição da literatura se estratifica de maneira abrupta e alienante. (CANDIDO, 2011, p. 189)

Compreende-se a importância da literatura como instrumento imprescindível à elevação dos seres sociais. A sua relevância na sociedade perpassa pela reivindicação de tê-la como um direito fundamental à vida humana. Nesse contexto, no próximo item, trataremos do ensaio *O direito à literatura*, do Antonio Candido, compreendendo a importância da repercussão desse debate que se propagou na segunda metade do século XX.

5.2. A literatura como um direito

O ensaio *O direito à literatura*, de Antonio Candido, apresenta a literatura no campo dos direitos fundamentais a todo cidadão. No rol dos direitos humanos, para esse importante crítico literário, seria fundamental reconhecer tudo aquilo que deveria ser considerado imprescindível para nós e para o próximo. Nesse sentido, Candido apresenta uma provocação acerca da recusa diante desse reconhecimento:

Esta me parece a essência do problema, inclusive no plano estritamente individual, pois é necessário um grande esforço de educação e autoeducação a fim de reconhecermos sinceramente este postulado. Na verdade, a tendência mais funda é achar que os nossos direitos são mais urgentes que o do próximo. (CANDIDO, 2011, p. 174)

Desse modo, ao elencar os direitos aos bens considerados fundamentais como, alimentação, moradia, educação, saúde, há o questionamento: “Mas será que pensam que o seu semelhante pobre teria direito a ler Dostoiévski ou ouvir os quartetos de Beethoven?” (CANDIDO, 2011, p. 174). Assim, encontramos no referido ensaio as classificações entre os “bens compreensíveis” e os “bens incompreensíveis”²⁵.

Os bens incompreensíveis seriam os direitos elementares que não deveriam ser negados à sociedade, como a comida, a moradia, enquanto que os bens compreensíveis, estaria no âmbito do não emergencial ou do supérfluo. O autor, entretanto, pondera acerca da dificuldade de estabelecer fronteiras entre ambos, visto que cada época, de acordo com os seus encargos culturais, fixam os seus apontamentos acerca do que seria indispensável à vida. Salienta-se, também, a importância de haver critérios para a discussão em torno dessa problemática que adentrariam no arcabouço dos bens incompreensíveis, tanto do ponto de vista individual quanto do ponto de vista social.

Por isso, a luta pelos direitos humanos pressupõe a consideração de tais problemas, e chegando mais perto do tema eu lembraria que são bens incompreensíveis não apenas os que asseguram a sobrevivência física em níveis decentes, mas os que garantem a integridade espiritual. São incompreensíveis certamente a alimentação, a moradia, o vestuário, a instrução, a saúde, a liberdade individual, o amparo da justiça pública, a resistência à opressão etc.; e também o direito à crença, à opinião, ao lazer e, por que não, à arte e à literatura. (CANDIDO, 2011, p. 176)

A literatura, ao ser inserida no rol dos bens incompreensíveis dos direitos humanos, ela passa a corresponder às carências profundas do indivíduo. Nesse sentido, cabe nessa discussão,

²⁵ Segundo Candido (2011, p.175), essa classificação é apresentada pelo sociólogo francês Louis-Joseph Lebret, fundador do movimento Economia e Humanismo.

uma breve reflexão acerca do surgimento do complexo do direito sob à luz da ontologia marxiana.

O complexo do direito não possui a sua origem fundamentada na necessidade universal do gênero humano, mas surgiu com a necessidade de atender as demandas específicas da sociedade de classes. Com base na compreensão lukacsiana sobre esse complexo, acentua-se que,

[...] a tese de que o direito se constituiu como complexo social particular no momento em que surgiu a exploração do homem pelo homem, em que surgiram as classes sociais. O surgimento das classes assinalou uma mudança qualitativa na processualidade social: os conflitos se tornaram antagônicos. Por isso, diferentemente das sociedades sem classes, as sociedades mais evoluídas necessitam de uma regulamentação especificamente jurídica dos conflitos sociais para que estes não terminem por implodi-las. (LESSA, 2015, p. 64)

Com a sociedade de classes, inicia-se uma intensificação dos conflitos sociais, cuja necessidade culminou na formação de grupos específicos de indivíduos para atuarem no mundo das leis, mediante ações voltadas para a repressão. Entre juízes, carceceiros, torturadores, etc., esses indivíduos “que, na crescente divisão do trabalho, se especializaram na criação, manutenção e desenvolvimento de um órgão especial de repressão a favor das classes dominantes”, encontra-se o direito (LESSA, 2015, p. 64). Nesse sentido, o complexo do direito nasce com a sociedade de classes, sob a necessidade emergencial de leis que garantisse a perpetuação do poder para as classes mais privilegiadas.

Portanto, além de não ter sua gênese vinculada à necessidade universal do gênero humano, o direito também não surge de forma espontânea na vida cotidiana dos seres sociais. Em sua gênese, esse complexo social também apresenta-se como contraditório, pois estabelecer uma ordem jurídica que alcance igualitariamente situações concretamente diferentes, seria impraticável.

Ao explicar acerca dessa contraditoriedade que caracteriza o complexo do direito, Lessa (2015, p. 65) evidencia que, “a universalidade da lei só pode, por isso, ser abstrata e estar sempre em contradição com os casos concretos, particulares”. No entanto, ainda tratando sobre o âmbito da contraditoriedade dos complexos sociais, nesse momento embasado especificamente o direito, compreende-se que na totalidade social, cada complexo social se desenvolve e possibilita a mediação entre tais complexos e o trabalho.

Se o trabalho é a categoria fundante do devir-humano dos homens, o desenvolvimento de cada sociedade [...] é determinado, *também*, pelas particularidades de cada sociedade. Entre o desenvolvimento social global e a evolução da categoria do trabalho enquanto tal, há um conjunto de mediações que compõe a totalidade social concretamente existente a cada momento histórico. Expressão da particularidade dessa totalidade é a forma histórica concreta que assume a reprodução social em cada caso, a cada momento. (LESSA, 2015, p. 68 – grifos do autor)

Mesmo no contexto das suas contradições, os complexos devem ser compreendidos de maneira a considerar as suas historicidades, considerando as formas como eles se desenvolvem dentro das peculiaridades que cada sociedade apresentada em uma dada temporalidade específica.

Nesse sentido, voltemos ao diálogo com o Antonio Candido acerca do que seria indispensável ou não para determinadas camadas da sociedade, no âmbito dos bens compreensíveis e incompreensíveis.

O fato é que cada época e cada cultura fixam os critérios de incompressibilidade, que estão ligados à divisão da sociedade em classes, pois inclusive a educação pode ser instrumento para convencer as pessoas de que o que é indispensável para uma camada social não o é para a outra. Na classe média brasileira, os da minha idade ainda lembram o tempo em que se dizia que os empregados não tinham necessidade de sobremesa nem de folga aos domingos, porque não estando acostumados a isso, não sentiam falta... Portanto, é preciso ter critérios seguros para abordar o problema dos bens incompreensíveis, seja do ponto de vista individual, seja do ponto de vista social. (CANDIDO, 2011, p. 175)

Numa sociedade comprometida com a organização justa dos bens incompreensíveis, privar o indivíduo de desfrutar das criações artísticas, seria condená-lo à frustração. Nesse sentido, retomamos à discussão acerca da afinação dos sentidos humanos no desenvolvimento do complexo da arte.

Araújo (2020, p.117) ressalta que, “o processo de formação humana se concebe também na educação dos sentidos humanos, através da apropriação, da fixação e da cristalização da produção do que foi sistematizado pelos antepassados”. A arte, só existe entre as relações dos seres sociais, por meio da humanização dos sentidos humanos, cuja atividade ocorre de maneira dialética entre os seres sociais e que possibilita a elevação do gênero humano no âmbito da formação humana.

Entretanto, já ressaltamos que para a sensibilização dos sentidos humanos para o desenvolvimento da arte, é necessário o avanço da técnica e o tempo de ócio. A função social da arte, tem a sua compreensão “na dialética, que a função social da educação atenda o conjunto dos indivíduos, de modo que estes eduquem os sentidos humanos, apropriem-se da técnica e dos elementos que compõem o sensível” (ARAÚJO, 2020, p. 116).

O ser social, ao passar pelo processo de educação dos sentidos humanos, colabora para a fruição e a produção artística e, dessa forma, constitui-se enquanto sujeito histórico. Porém, para que o homem desenvolva suas capacidades artísticas, é necessário que o mesmo desfrute de tempo livre. Nesse sentido, voltemos à frustração a qual o indivíduo é condenado diante da inacessibilidade aos bens incompreensíveis e, conseqüentemente, à literatura.

Discutimos acerca das dificuldades da classe trabalhadora em desenvolver suas habilidades nos âmbitos artísticos, seja na fruição ou na produção. Nesse contexto, Araújo (2020, p. 41) ressalta que, na “sociedade capitalista, apesar do avanço da técnica, evidenciamos obstáculos à classe trabalhadora para que esta se aproprie do tempo livre, sendo explorada continuamente ao longo da história da luta de classes”.

O avanço da técnica deveria favorecer a classe trabalhadora na conquista de ampliação do tempo livre para vivenciar de uma forma efetiva as suas experiências artísticas. Nesse contexto da evolução técnica que o progresso proporciona, Candido lança uma reflexão acerca da contradição que essa condição apresenta:

Começo observando que em comparação a eras passadas chegamos a um máximo de racionalidade técnica e de domínio sobre a natureza. Isso permite imaginar a possibilidade de resolver grande número de problemas materiais do homem, quem sabe inclusive o da alimentação. No entanto, a irracionalidade do comportamento é também máxima, servida frequentemente pelos mesmos meios que deveriam realizar os desígnios da realidade. Assim, com a energia atômica podemos ao mesmo tempo gerar força criadora e destruir a vida pela guerra; com o incrível progresso industrial aumentamos o conforto até alcançar níveis nunca sonhados, mas excluimos dele as grandes massas que condenamos à miséria; em certos países, como o Brasil, quanto mais cresce a riqueza, mais aumenta a péssima distribuição dos bens. Portanto, podemos dizer que os mesmos meios que permitem o progresso podem provocar a degradação da maioria. (CANDIDO, 2011, p. 171)

Nesse sentido, o progresso que permite avanços antes nunca vistos, não contempla as classes, cujas necessidades diante das desigualdades se intensificam. Nesse sentido, a exploração do homem pelo homem, que caracteriza a sociedade de classes, afasta da classe trabalhadora a experiência de desfrutar do tempo livre e, conseqüentemente, a fruição da arte. Candido salienta que essa problemática está ligada aos problemas dos direitos humanos, principalmente sobre “o esforço de incluir o semelhante no mesmo elenco de bens que reivindicamos que está na base da reflexão sobre os direitos humanos” (CANDIDO, 2011, p. 175).

A criação artística, portanto, não deve ser privilégio para poucos, mas deve corresponder a uma proporção mais ampla da vida humana. Nesse contexto de desenvolvimento do complexo da arte, “é necessário o ócio para aprender e/ou aprimorar uma técnica. A formação estética humana, portanto, deveria alcançar o conjunto da humanidade, para que pudéssemos aprimorar dons e talentos, ou melhor, simplesmente criar e fruir” (ARAÚJO, 2020, p. 119).

O deleite em torno da criação e da fruição na literatura, é defendido como um direito porque se configura numa carência humana, pois, “ninguém pode passar vinte e quatro horas sem mergulhar no universo da ficção e da poesia, a literatura concebida no sentido amplo [...] parece corresponder a uma necessidade universal (CANDIDO, 2011, p. 177).

Candido vai além quando posiciona a literatura em um patamar poético que conduz os homens em suas manifestações universais e atemporais.

Vista deste modo a literatura aparece claramente como manifestação universal de todos os homens em todos os tempos. Não há povo e não há homem que possa viver sem ela, isto é, sem a possibilidade de entrar em contato com alguma espécie de fabulação. Assim como todos sonham todas as noites, ninguém é capaz de passar as vinte e quatro horas do dia sem alguns momentos de entrega ao universo fabulado. O sonho assegura durante o sono a presença indispensável desse universo, independentemente da nossa vontade. E durante a vigília a criação ficcional ou poética, que é a mola da literatura em todos os seus níveis e modalidades, está presente em cada um de nós, analfabeto ou erudito, como anedota, causo, história em quadrinhos, noticiário policial, canção popular, moda de viola, samba carnavalesco. Ela se manifesta desde o devaneio amoroso ou econômico no ônibus até a atenção fixada na novela de televisão ou na leitura seguida de um romance. (CANDIDO, 2011, p. 177)

Ao elevar a literatura como uma necessidade elementar à sobrevivência humana, como um bem precioso que deve ser acessado pelo homem e por ele alimentado cotidianamente, Candido ressalta que ela produz um efeito humanizador, atuando no consciente e no subconsciente dos indivíduos que caminham em sociedade. Nesse sentido, o autor afirma que as sociedades criam suas expressões “ficcionalis, poéticas, dramáticas de acordo com os seus impulsos, as suas crenças, os seus sentimentos, as suas normas, a fim de fortalecer em cada um a presença e atuação deles” (CANDIDO, 2011, p. 177).

Por isso, a literatura torna-se um instrumento de grande potência nos esteios da sociedade, pois os valores por ela enaltecidos ou combatidos fazem-se presentes nas diversas manifestações artísticas, sejam elas ficcionais ou poéticas. Por isso, Candido (2011, p. 177) afirma que, “a literatura confirma e nega, propõe e denuncia, apoia e combate, fornecendo a possibilidade de vivermos dialeticamente os problemas”. Nesse contexto, convém ressaltar que a literatura não possui um caráter inofensivo, pois desempenha um papel formador na personalidade dos indivíduos.

Candido (2011, p.178), portanto, atenta à ambivalência da sociedade diante da potência que a leitura de um livro pode desencadear, “suscitando por vezes condenações violentas quando ele veicula noções ou oferece sugestões que a visão convencional gostaria de proscriver”. Entre os aspectos paradoxais que um livro pode desempenhar, considerando os seus efeitos sobre a sociedade, o referido autor discorre acerca do papel da literatura na formação do homem²⁶, afirmando que, o

[...]conflito entre a ideia convencional de uma literatura que *eleva e edifica* (segundo os padrões oficiais) e a sua poderosa força indiscriminada de iniciação na vida, com uma variada complexidade nem sempre desejada pelos educadores. Ela não *corrompe* nem *edifica*, portanto; mas trazendo livremente em si o que chamamos o bem e o que

²⁶ Em seu ensaio, Candido ressalta que essa passagem foi declarada em uma palestra proferida na Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência, quinze anos antes da publicação do ensaio *O direito à literatura*.

chamamos o mal, humaniza em sentido profundo, por que faz viver. (CANDIDO, 2011, p. 178 – grifos do autor)

Segundo Candido (2011), toda obra literária, deve ser compreendida como uma espécie de objeto, cuja potência produz um efeito humanizador em sua construção.

Na concepção lukacsiana, compreende-se que o complexo da arte, bem como o sentido artístico, são oriundos de uma necessidade histórico-social da humanidade. Araújo (2020), evidencia que a formação-educativa no âmbito do estético, possibilita o aperfeiçoamento dos indivíduos seja no campo da criação ou da recepção do complexo da arte. No contexto em que engloba esse complexo, discute acerca do efeito da catarse²⁷ como sendo o ápice de todo o processo estético, ressaltando que, “a catarse, nesse processo de formação do indivíduo, é o ponto de culminância da apropriação estética, que orienta o próprio desenvolvimento humano”(2020, p. 122).

Entretanto, as experiências catárticas não são as mesmas para todos os indivíduos, cuja receptividade “influem nessa direção, exercendo efeitos ora tênues, quase imperceptíveis, outras vezes visivelmente abaladores do mais essencial, no centro e na periferia do ser humano inteiro” (LUKÁČ, 1972, p. 538 *apud* ARAÚJO, 2020, p. 122). Nesse sentido, acerca das emoções humanas diante da recepção das obras artísticas,

Vale realçar que nem sempre uma comoção diante da obra de arte é permitida ou assistida. Vivemos em uma sociedade de classes que carrega muitas formas de opressão. Nesse sentido, chorar e se expressar, muitas vezes, significa ser fraco. Por outro lado, podemos ser taxados de insensíveis, por não apresentar um sobressalto diante de determinada obra, por simplesmente não ter tido a possibilidade de compreender o deleite estético. Repetimos que a forma como é constituída a obra se orienta pelas experiências sociais que o artista ou o apreciador aprenderam no curso da vida. A obra de arte manifesta-se aos receptores como obra singular – ainda que guarde a sua generalidade, como substância única, uma vez que o complexo da arte é antropomórfico, portanto, chegará aos receptores de modo distinto. (ARAÚJO, 2020, p. 122)

O efeito catarse, no contexto do deleite estético experimentado pelo indivíduo, relaciona-se com a sociedade que o circunda. Nesse debate, adentramos na função da literatura esboçada por Candido, em que esta vincula-se à complexidade da sua natureza que, apesar de apresentar contradições, caracteriza-se também pelo seu efeito humanizador. Ao analisar a função da literatura, Candido (2011, p.178-179) apresenta três aspectos distintos:

(1) ela é uma construção de objetos autônomos como estrutura e significado; (2) ela é uma forma de expressão, isto é, manifesta emoções e a visão do mundo dos indivíduos e dos grupos; (3) ela é uma forma de conhecimento inclusive como incorporação difusa e inconsciente.

²⁷ Segundo Araújo (2020), sob uma indicação do autor Nicola Abbagnano, o termo catarse vem do grego, sendo Aristóteles o pioneiro no uso dessa denominação no âmbito da arte, cujo significado seria “uma espécie de libertação ou serenidade que a poesia e, em particular, o drama e a música provocam ao homem” (1979, p. 245 *apud* ARAÚJO, 2020, p. 111).

A atuação da literatura sobre o homem, perpassa simultaneamente pelos três aspectos acima citados. A maneira como o autor estrutura a obra literária, sugere um modelo de coerência que se potencializa com a palavra organizada. Candido salienta que, o efeito das produções literárias sobre os homens, sofre influência direta da forma como a obra foi estruturada, decidindo, portanto, se uma obra é de fato literária. Nesse intuito, o teórico exemplifica:

Se fosse possível abstrair o sentido e pensar nas palavras como tijolos de uma construção, eu diria que esses tijolos representam um modo de organizar a matéria, e que enquanto organização eles exercem papel ordenador sobre a nossa mente. Quer percebamos claramente ou não, o caráter de coisa organizada da obra literária torna-se um fator que nos deixa mais capazes de ordenar a nossa própria mente e sentimentos; e, em consequência, mais capazes de organizar a visão que temos do mundo. (CANDIDO, 2011, p.179)

Nesse esteio, a construção de uma obra literária auxilia na organização dos sentimentos e dos pensamentos dos indivíduos que dela desfruta. Em torno desse debate acerca da forma como os homens recepcionam uma obra literária, contribui-se com a assertiva de que, “ a organização das palavras comunica-se ao nosso espírito e o leva, primeiro a se organizar; em seguida, a organizar o mundo” (CANDIDO, 2011, p. 179)

Sobre a sensibilidade que desperta o homem diante do deleite estético de uma obra literária, sob o efeito da catarse, lhe é possibilitado um enriquecimento em sua percepção, que passa a olhar o mundo e o cotidiano com outros olhos, “a arte, portanto, educa o homem fazendo-o transcender à fragmentação produzida pelo fetichismo da sociedade mercantil” (FREDERICO, 2000, p. 305).

No sentido pelo qual perpassa a constituição de uma obra, tanto a forma quanto o conteúdo, ao conectarem-se, culminam em uma importante modalidade de conhecimento que proporciona ao ser social uma profundidade de enriquecimento que o eleva. A literatura retorna ao debate como um direito fundamental à vida humana, pois as obras literárias, “de todos os tipos e todos os níveis, satisfazem as necessidades básicas do ser humano, sobretudo através dessa incorporação, que enriquece a nossa percepção e a nossa visão de mundo” (CANDIDO, 2011, p. 182)

Defende-se, portanto, que a literatura alcança um patamar de uma necessidade universal, em que todos os indivíduos de qualquer sociedade, devem desfrutar do seu deleite estético e potencialmente humanizador.

Entendo aqui por humanização [...] o processo que confirma o homem aqueles traços que reputamos essenciais, como o exercício da reflexão, a aquisição do saber, a boa disposição para com o próximo, o afinamento das emoções, a capacidade de penetrar nos problemas da vida, o senso da beleza, a percepção da complexidade do mundo e dos seres, o cultivo do humor. A literatura desenvolve em nós a quota de humanidade

na medida em que nos torna mais compreensivos e aberto para a natureza, a sociedade, o semelhante. (CANDIDO, 2011, p. 182)

A literatura como um direito, perpassa pelo desenvolvimento das sensibilidades humanas, pelo engrandecimento da ação do homem sobre a sociedade que o circunda, pela possibilidade de descoberta de novos mundos, pela partilha de experiências artísticas com os seus semelhantes e das vivências coletivas que fazem dela um precioso instrumento na formação humana dos seres sociais.

Reitera-se que, é por meio do trabalho que o homem transforma a natureza e, nesse processo, também transforma-se. Nesse rol de impulsos e necessidades do novo ser social, sob o surgimento dos complexos que auxiliam a mediação no mundo dos homens, a arte, auxilia na elevação da sua consciência, tornando-o um ser atuante, crítico e, especialmente, humanizado.

Reflete-se sobre a literatura como um direito imprescindível ao ser social no contexto da sua formação humana, perpassando também pelo aprimoramento das suas sensibilidades, com possibilidades de desenvolver a solidariedade entre os homens.

Tendo em vista que a literatura proporciona uma elevação humana, torna-se preponderante ressaltar a importância do ensaio *O direito à literatura*, de Candido, no âmbito das discussões empreendidas nesse estudo. Nesse sentido, é fundamental compreender o fio norteador da trajetória intelectual desse grande crítico literário.

Curiosamente, “esquecem-se” de que Candido foi, antes de tudo, um pensador do Brasil e da sociedade brasileira, formado na melhor tradição materialista histórica, um fino cultor da dialética literatura-sociedade. Não à toa, defendeu que a literatura fosse pensada como um sistema de práticas e relações entre sujeitos, objetos e instituições, vinculados por bases econômicas, políticas, ideológicas e culturais. (DALVI, 2019, p. 228)

Antonio Candido teceu em sua caminhada um engajamento intelectual e político, cuja importância nos instiga a uma reflexão acerca do seu ensaio enquanto o reconhecimento de uma obra que pode ser considerada um clássico. Saviani (2003, p. 13), defende que “o clássico é aquilo que se firmou como fundamental, como essencial”, que não se configura como tradicional, mas não se posiciona em oposição ao que é atual.

No entanto, um clássico, tem a sua validade e relevância excedido ao tempo histórico em que foi assinalado, mas continua a contribuir continuamente em outros momentos, sob outras conjunturas. Nesse sentido, ao defender a literatura como um instrumento poderoso de mediação na formação humana, o ensaio *O direito à literatura*, de Antonio Candido, contorna-se como um clássico, cuja repercussão enriquece os debates no campo dos estudos literários e da educação.

Diante de tantas possibilidades de transformação do ser social no mundo dos homens e considerando que a discussão acerca da literatura e da formação humana perpassa pela “importância de uma sólida educação no domínio literário para a formação de sujeitos críticos, lúcidos, indignados, sensíveis ao outro e preocupados com a vida interior e com a vida em comum no mundo” (DALVI, 2019, p. 223), no item seguinte, aborda-se acerca da literatura do escritor Lima Barreto.

5.3. O realismo lukacsiano na literatura engajada de Lima Barreto

Como Lima Barreto²⁸
(Taiguara)

Treze de maio
Nasceu Afonso Henrique, sem dinheiro
Pai operário
Perdeu a mãe pra mais um cativoiro
Vovó Quirina
Laçada em Moçambique por senhores
Veio menina
Ter muitos filhos e de várias cores
Lima Barreto,
Livre mulato
Viu com alegria a abolição,
E com nostalgia sofreu nova escravidão
Veio a República
Leis inimigas
Nas salas uma vasta comilança
Nas ruas, sem comer, crianças
Hoje esse povo
Que é mulato, branco e preto
Foi feito escravo
Tal como Lima Barreto
Que há muitos anos
Viu racismo em seus irmãos
Sou africano
Sei que ele teve razão
O burguês bebe champagne
O herói bebe aguardente
E na vida, infelizmente
Quem não luta não é gente
Treze de maio

Os versos presentes na composição de Taiguara²⁹, definem a trajetória pessoal, intelectual e a vida pública de Afonso Henriques de Lima Barreto, o escritor dos subúrbios. Seu nascimento se deu em treze de maio de 1881, data cujo prenúncio, anos depois, marca a história

²⁸ TAIGUARA. Como Lima Barreto. In: Taiguara. São Paulo: Kuarup Produtora, 2019. EP (3min.59)

²⁹ O compositor Taiguara criou esse samba-enredo para compor o desfile da escola de samba Unidos da Tijuca que não utilizou a canção naquela ocasião. A canção compõe um álbum póstumo, produzido pelo Zeca Baleiro, em 2019.

do Brasil com a assinatura da Lei Áurea, que estabelecia a libertação dos africanos escravizados em terras brasileiras. O treze de maio, como na composição do poeta, marcaria o escritor do início ao fim de sua vida, pois carregava consigo a marca de um passado permeado de tantas dores e injustiças, cuja desigualdade se perpetuaria no país.

Essa data histórica, treze de maio de 1888, ganhou registros pessoais do escritor que vivenciou esse acontecimento aos sete anos de idade, quando, junto ao seu pai, assistiu as comemorações da Abolição. Em suas anotações, Lima Barreto compartilhou suas emoções e expectativas:

Havia uma imensa multidão ansiosa, com o olhar preso às janelas do velho casarão. Afinal a lei foi assinada e, num segundo, todos aqueles milhares de pessoas o souberam. A princesa veio à janela. Foi uma ovação: palmas, acenos com lenços, vivas...[...]. Fazia sol e o dia estava claro. Jamais, na minha vida, vi tanta alegria. Era geral, era total; e os dias que se seguiram, dias de folgança e satisfação, deram-me uma visão da vida inteiramente festa e harmonia. (BARBOSA, 2012, p. 63)

A descrição é festiva, no entanto, Lima Barreto, assim como o seu pai, nascera liberto, mas trazia consigo, marcadamente em sua pele, o estigma da cor. Os registros de Lima ganham outro tom quando reconhece que, naquela ocasião, desconhecia os horrores da escravidão e declarou: “Eu me recordo, nunca conheci uma pessoa escrava. Criado no Rio de Janeiro, na cidade, onde os escravos rareavam, faltava-me o conhecimento direto da vexatória instituição, para lhe sentir bem os aspectos hediondos” (BARBOSA, 2012, p. 64).

Schwarcz (2017, p. 26) ressalta que, a temática em torno da escravidão “atingirá em cheio a vida dos Barreto e a literatura de Lima, que jamais abriu mão de denunciar as mazelas da escravidão no Brasil, os mecanismos de humilhação, bem como as diversas formas de racismo por aqui vigente”.

Os pais de Lima Barreto nasceram livres, o tipógrafo João Henriques e a professora Amália Augusta, ascenderam socialmente por meio de apadrinhamentos. João Henriques foi apadrinhado pelo monarquista Visconde de Ouro Preto e, Amália, contou com o apadrinhamento do dr. Manuel Feliciano Pereira de Carvalho. Para ambos, o acesso à educação possibilitou-lhes além da ascensão, diferenciarem-se dos recém-libertos. Amália Augusta logo se tornou diretora de uma instituição de ensino voltada para a educação de meninas e, João Henriques, assumiu como tipógrafo do jornal A Reforma, pertencente ao Visconde de Ouro Preto.

Nesses termos, em uma sociedade que se equilibrava nos ditames da aristocracia burguesa, “os Barreto acumulavam muito talento, mas também favor e proteção. Carregavam, pois méritos herdados dos dois sistemas: a ascensão burguesa com o protecionismo próprio de sociedades mais estamentais” (SCHWARCZ, 2017, p. 49).

No entanto, a calma que entornava o casal viria a cair em tempestade. Amália Augusta, viu-se acometida por uma severa tuberculose e, sob orientação médica, a família mudou-se para os subúrbios do Rio de Janeiro. Além de possuírem um clima melhor e bons ares, mudar-se para alguma residência nos subúrbios teria outra vantagem que seria o pagamento de aluguéis mais baratos. O que auxiliaria nas despesas de uma família que aumentava.

Amélia Augusta não resistiu e veio a falecer em 1887, anos antes do alvorecer da República. Lima Barreto, o primogênito de quatro irmãos, ficaria órfão aos seis anos de idade. A partida tão precoce de sua mãe, marcaria a sua vida profundamente, servindo de inspiração para algumas de suas personagens.

O escritor guardou para sempre a imagem da mãe morta, combatida pelos partos e pela doença, com quem aprendera o abecê e que vira num caixão, com apenas seis anos: “só me lembro dela no caixão quando meu pai, chorando, me carregou para aspergir água benta sobre o cadáver. Durante toda a minha vida fez-me falta [...] Deixando-me na primeira infância, bem cedo firmou-se o meu caráter...”. Já adulto, não poucas vezes Lima recordou a maneira como ela o olhava, “fosse em que circunstância fosse, onde havia, mesclados, terror, pena, admiração e amor”. (SCHWARCZ, 2017, p.57-58)

Com a morte de Amália, a família Barreto passaria por muitas provações que culminariam em mudanças que, conseqüentemente, afetariam drasticamente a saúde de João Henrique que, posteriormente, viria a sofrer com os consecutivos surtos que denotavam uma frágil saúde mental.

Com a república proclamada, João Henriques que era tipógrafo de um jornal monarquista, transferiu-se para a Ilha do Governador, onde assumiu o cargo de almoxarife e logo tornara-se responsável pela administração da Colônia dos Alienados, local em que Lima Barreto desfrutaria boa parte da sua adolescência. A Colônia dos Alienados e a trajetória de João Henriques, também serviu de inspiração para a obra *Triste fim de Policarpo Quaresma*, conforme relata Barbosa (2012, p. 78),

Por esse pai, tão amigo e inteligente, Lima Barreto há de conservar uma grande admiração de toda a vida. Muito provavelmente dele se lembrou, mas ainda talvez que no retrato de Policarpo Quaresma, ao traçar o perfil do pai de Isaías Caminha. “Meu pai, o seu corpo anguloso, seco, a sua dor contida que no seu olhar e na sua fisionomia transtornada. Via-o às tardes, nos dias de bom humor, mudá-la de chofre, fazer-se risonho, vir para mim, sentar-se à mesa, e, à luz do lampião de querosene, explicar-me pitorescamente as lições do dia seguinte.” Sim, não havia dúvida que são o mesmo pai, um e outro, como o filho deste, Isaías, é o próprio romancista.

O pequeno Afonso Henriques, encontrava no pai uma figura de admiração e proteção que o inspirou, segundo Barbosa, na construção de seu personagem Policarpo Quaresma. Na fase da juventude, por intermédio do Visconde de Ouro Preto, Lima Barreto adentra na Escola

Politécnica do Rio de Janeiro, para realizar o sonho do pai que queria ver o filho formar-se em engenheiro.

A experiência na Escola Politécnica, levou Lima Barreto a passar por inúmeros desafios, principalmente ao conviver com tantos colegas das classes sociais mais elevadas. Sempre se apresentava recluso, o seu dia-a-dia como estudante “limitava-se às aulas e às longas leituras na Biblioteca Nacional, àquele tempo localizada ainda num velho prédio da Rua do Passeio” (BARBOSA, 2012, p. 94). Era, portanto, na biblioteca, que Lima Barreto encontrava e buscava refúgio das pessoas que ele não possuía identificação.

Positivamente, não era um grande estudante. Estava na Escola para satisfazer ao pai, que o queria doutor, com anel de grau e pergaminho. O temperamento rebelde se acomodava, pensando na alegria que isso causaria ao almoxarife da Colônia dos Alienados da Ilha do Governador. Ia pouco às aulas. Era incapaz de se interessar pelas coisas que não amava. Conjurados... Momentos... Teoria do pêndulo... Teorema das áreas... Preferia esconder-se na biblioteca, devorando Kant, Spencer, Comte, Condillac, Condorcet, Le Bom. (BARBOSA, 2012, p.102)

Em seus registros pessoais, Lima Barreto demonstrava descontentamento com as disciplinas de cálculos que tinha que estudar. Apresentava muita timidez e tinha amizades escassas, “via na maioria dos colegas, quase todos filhos de gente graúda, olhares de desdém. Vestia-se pobremente, ao contrário de muitos [...] que ostentavam chapéu-coco, bengala de castão de ouro e polainas brancas (BARBOSA, 2012, p. 105). O escritor dos subúrbios sentia nas minúcias do seu cotidiano, seja por meio da sua vestimenta, seja por meio da sua cor, o peso das injustiças e das desigualdades sociais.

Mesmo com um comportamento recluso, Lima Barreto começou a mostrar-se como escritor quando passou a ser colaborador do periódico *A Lanterna*, que tratava de assuntos acadêmicos pertinentes às ciências, artes, letras, esporte e indústrias.

Na companhia do amigo Bastos Tigre, tece os seus primeiros ensaios publicáveis no mundo da literatura. Porém, as condições sociais de Lima o perseguiam, tornando-se entraves no prosseguimento dos estudos.

Começava a cavar-se o abismo. O estudante, pobre mas orgulhoso, era prevenido contra tudo e contra todos. O ambiente da Escola o asfixiava. Sofria com a convivência obrigatória dos colegas ricos, de outra condição social que não a sua. Começou então a ver que a sua origem humilde o tornava diferente dos outros rapazes da sua idade, felizes e despreocupados, que passavam tranquilamente pela Politécnica sem maiores problemas que os de estudar e prestar exames, tirar o diploma de engenheiro civil e ostentar no indicador o vistoso anel de grau azul-safira. (BARBOSA, 2012, p. 111)

Tais situações vivenciadas pelo Lima Barreto, colaboraram para as construções dos seus enredos futuros, nos quais as classes privilegiadas eram sempre expostas de forma crítica e, muitas vezes, carregadas de termos jocosos.

Nas convivências com esses colegas de origens sociais tão distintas do lugar em que Lima Barreto veio, tem-se um episódio que marcaria, mais uma vez, a vida do futuro escritor. Na ocasião de uma apresentação da Companhia Lírica Italiana, do teatro da capital carioca, os colegas de Lima tentam convencê-lo a pular o muro do teatro para que pudessem assistir ao evento. Lima prontamente recusa a ideia.

A resposta de Lima foi límpida: alegou que não queria ser preso como “ladrão de galinhas”. Como o colega manifestasse incompreensão, ele completou: “sim, preto que salta muros de noite só pode ser ladrão de galinhas!”. Ciancio ainda contestou, dizendo que isso valia para ele também. Mas o futuro escritor encerrou a questão: Ah! Vocês brancos, eram rapazes da Politécnica [...] estudantada... Mas eu? Pobre de mim. Um pretinho. Era seguro logo pela polícia. Seria o único a ser preso. (SCHWARCZ, 2017, p. 122)

Episódios assim, penetraram na subjetividade de jovem Lima que os vivenciava com maior frequência, em um ambiente cujas pessoas eram tão diferentes dele. Casos como esse não se distanciam de algumas situações postas em seus personagens, como, por exemplo, Isaías Caminha, que numa viagem de trem, desceu do vagão para alimentar-se, dirigindo-se ao balcão que vendia bolos e cafês. A narrativa continua: “Encontravam-se lá muitos passageiros. Servi-me e dei uma pequena nota a pagar. Como se demorassem a trazer-me o troco reclamei: ‘Oh! Fez o caixeiro indignado e em tom desabrido. Que pressa tem você?! Aqui não se rouba fique sabendo’.” (SCHWARCZ, 2017, p. 123). O enredo continua quando um tratamento diferente é dedicado a um homem branco, alourado, cujo troco foi prontamente entregue e, o sentimento que Lima Barreto descreve para o seu personagem, Isaías Caminha, é carregado de dor: “curti, durante segundos, uma raiva muda, e por pouco ela não arrebentou em pranto. Trôpego e tonto, embarquei e tentei decifrar a razão da diferença dos dois tratamentos. Não atinei; em vão passei em revista a minha roupa e a minha pessoa” (p. 123).

Nesse enredo, a trajetória de Lima Barreto ligava-se, em muitos momentos, à trajetória de seu personagem Isaías Caminha. Ambos jovens, sedentos por realizarem seus sonhos, desbravando territórios ainda desconhecidos, porém convivendo com os preconceitos de uma sociedade que se dizia espirituosa, mas quando se tratava das questões de cor ou sociais, os limites deveriam ser severamente demarcados.

Apesar do imenso desejo de corresponder ao desejo do pai em ver-lhe doutor, Lima Barreto não concluiu os exames para tornar-se engenheiro, frustrando as investidas de João Henriques. O jovem aspirante a escritor passou a investir em sua carreira, colaborando em vários periódicos da capital do Rio de Janeiro³⁰, publicando contos, crônicas e, posteriormente, utilizando de muito esforço financeiro para publicar os seus romances.

³⁰ Entre as revistas e jornais em que Lima Barreto colaborou, destacam-se: *Fon-Fon*, *Floreal*, *Correio da Manhã*



Figura 1 - Lima Barreto em 1909, ano de lançamento de “*Recordações do escrivo Isaías Caminha*”.

Com o passar dos anos, o patriarca da família Barreto via a sua sanidade esvaindo-se aos poucos, até ficar impossibilitado de continuar o exercício em seu cargo administrativo na Colônia dos Alienados, na Ilha do Governador. Cabia ao jovem Lima, como filho mais velho, a responsabilidade do sustento do lar e, para ter estabilidade financeira, assumiu o concurso para Amanuense³¹, na Secretaria da Guerra, tornando-se aquilo que ele bem criticava, funcionário público.

Isto é, se fora obrigado a largar os estudos para cuidar do pai doente e se virara arrimo de família no início da mocidade, Lima não se acomodava na posição de “vencido”. Ao contrário, ia batalhando para se inserir no jornalismo e atuava como freelancer aqui e ali. Ao mesmo tempo, formava e fortalecia a rede de amigos que conhecera na Politécnica, nas associações, ou nos periódicos em que colaborou. (SCHWARCZ, 2017, p. 158)

e *Gazeta da Tarde*.

³¹ O cargo de amanuense, assumido por Lima Barreto, tinha como atividade a produção de cópias. Apesar da sua caligrafia apresentar-se incomum ao serviço, Lima tornou-se funcionário público.

As responsabilidades sobre o escritor dos subúrbios aumentavam, dividia com a sua irmã Evangelina os cuidados com o pai e, muitas vezes, o salário que recebia era inferior às suas necessidades, o que lhe causava grande angústia. Nesses termos, tentava equilibrar-se diante do compromisso com o funcionalismo público e com a escrita que tanto lhe era necessária.

Partiu com a família para os subúrbios do Rio de Janeiro, afinal, era preciso ajustar as finanças à sua realidade e, ao transitar entre os bairros mais simples, afastados da região central da capital, Lima teve a inspiração para muitos personagens presentes em seus contos, crônicas e romances.

Ao longo dos seus trajetos diários entre os subúrbios e o centro da capital, passando pela linha da Estrada de Ferro Central do Brasil, Lima enriquecia seus enredos a partir das observações que fazia dos transeuntes. Homens comuns, mulheres, trabalhadores e todos os demais sujeitos que vivenciavam a cidade, faziam morada entre as ideias do escritor, servindo de material para a construção dos seus enredos.

Era ainda no centro que perambulava e colhia material para as suas crônicas, andava como *flâneur*, ou simplesmente seguia o ritmo acelerado da urbe. Se é certo que naquele momento todos caminhavam pelas vias do Rio, já Lima aproveitava para, além disso, fazer um itinerário paralelo, que incluía redações editoriais, bares e botequins. Era um andarilho no meio dos demais andarilhos da cidade; era também um *flâneur* boêmio da capital. No entanto, se Lima ia virando um personagem da cidade, era durante o trajeto percorrido todos os dias – da Rua Boa Vista, no subúrbio de Todos os Santos, até a Secretaria da Guerra, que ficava na praça da República, e vice-versa – que o escritor encontrava tempo para observar os passageiros, a arquitetura dos vários bairros e estações de trem, os tipos, os vizinhos, a “aristocracia suburbana”, os funcionários públicos como ele, os estudantes, os “humilhados”, os operários, as senhoras, as moças. (SCHWARCZ, 2017, p. 163 – aspas da autora)

Schwarcz (p. 164) destaca que, a literatura que Lima passa a desenvolver nas primeiras décadas do século XX, quando passa a trabalhar como amanuense na Secretaria da Guerra, é uma literatura em trânsito, “pois não devolvia imagens chapadas; elas se mantinham sempre em movimento no sentido em que contemplavam muitas ambivalências e alterações no curso da viagem”.

A biógrafa de Lima Barreto ainda evidencia que, “o trajeto do trem era pretexto, ademais, para assinalar diferenças sociais que delimitavam classe, raça, gênero e região, singularidades que ficavam ainda mais claras quando comparadas com as da população do centro do Rio” (2017, p. 163). Nesses termos, Schwarcz (2017, p. 164) conclui que, “a linha do trem é, assim, um traçado geográfico, simbólico e identitário que demarca projetos de inclusão e de exclusão social”.

O autor de *Clara dos Anjos*, ao percorrer rotineiramente os trajetos da linha Central do Brasil, delineava em sua mente um traçado íntimo que lhe possibilitava registrar no âmbito das suas emoções as cores, as faces, as expressões e os diálogos dos transeuntes, as descrições das paisagens que vislumbrava. Desse modo, o sustentáculo da sua obra perpassa por uma espécie de circuito geográfico que privilegiava o seu olhar pessoal sobre a cidade que tanto explorou em seus ensaios.

Era, portanto, vivendo e observando o cotidiano em que estava inserindo que Lima Barreto desenvolvia a arte da sua escrita. Um escritor realista apresenta por meio das suas experiências individuais, representar a realidade em sua essência, em sua totalidade. Compreendendo o movimento da realidade social, “o autor consegue revelar, na sua obra, aquilo que está oculto na superfície da vida cotidiana, mas que é essencial para a compreensão do ser social, enquanto gênero humano” (DIÓGENES; ARAÚJO; CARMO, p. 28)

Acerca da análise em torno do comportamento estético, Lukács (2023, p. 153) salienta que, “o comportamento cotidiano do homem é simultaneamente começo e fim de toda atividade humana”. A compreensão do cotidiano, nesses termos apresentados pelo filósofo húngaro, tem uma importância fundamental para o entendimento das atividades desenvolvidas pelos seres sociais. Convém reiterar que, é no solo do cotidiano dos sujeitos que surgem as problemáticas humanas, cujas respostas e resoluções são instigadas.

Sobre o realismo lukacsiano, tem-se a representação dos contrastes, dos conflitos e das lutas da vida social. No âmbito na literatura realista, evidencia-se que,

[...] trata justamente da representação do real que expressa totalidade, ou seja, o artista não expõe apenas os seus interesses pessoais, mas a real problemática que rege as relações humanas. Destarte, a literatura pode apontar para uma maior apreensão da existência em sua totalidade, de modo que poderá apresentar a realidade como se apresenta de fato, demonstrando o seu desenvolvimento histórico e social. Considera-se ainda, que toda literatura, ou mesmo toda manifestação dos sentidos humanos, quando genuinamente profunda, guarda uma interação recíproca com seu aspecto temporal histórico e universal ou aquilo que Lukács chamou de *hic et nunc*, expressão latina que significa, a grosso modo, o ‘*aqui e agora*’, que vai garantir a autenticidade de uma obra. (ARAÚJO; RUFINO; MARTINS, 2017, p. 176, grifos dos autores)

Lima Barreto, no esteio da literatura realista, dialogava com o seu tempo, tratava em sua escrita as problemáticas da sociedade a qual pertencia. Torna-se imprescindível ao escritor, não somente desenvolver as observações em torno do seu cotidiano, mas, concomitantemente, “captar essências humanas para retratar em suas obras, aqueles sentimentos ou ações que ainda não transcenderam aos olhos. O autor planta em sua obra sementes de consciência humana, nada ali é fruto somente de sua imaginação” (ARAÚJO; RUFINO; MARTINS, 2017, p. 182).

Os autores Balzac, Goethe, Stendhal e Tolstói são citados por Gileno (2013) como importantes autores realistas que observavam as mudanças e as crises próprias de seus períodos

históricos e, afastaram-se da imediatividade e da superficialidade, colaborando por meio das suas obras, com a literatura realista. São postos, portanto, como exemplos de escritos realistas:

Esses grandes escritores realistas, por viverem e participarem das transformações que ocorreram no complexo das relações sociais de suas épocas, jamais se conformaram com a superfície da vida cotidiana, pois queriam compreender a verdadeira natureza dos processos que estavam sendo desencadeados pela revolução burguesa. Nesse sentido, eles não voltaram as costas à realidade objetiva, e muitos menos se isolaram no puro subjetivismo, que diluiu a citada realidade num “conjunto de percepções imediatas”, abraçando uma falsa concreticidade dos problemas essenciais da sociedade. Antes, ofereceram um profundo e vasto cenário da totalidade da vida social na qual estavam participando. (GILENO, 2013, p. 26)

Na literatura realista, sob a acepção lukacsiana, o escritor dispõe de uma infinidade de material, realizando produções e investigações da realidade que, em sua manifestação mais realista, mais profunda e enriquecedora também ela se revelará para quem a produziu. Lima Barreto, em suas produções, destacava a imensidão de experiências que vivenciava em uma sociedade assentada na desigualdade que, muitas vezes, misturava-se também com os problemas que ele enfrentava.

À medida em que Lima aprofundava-se em sua escrita, considerando o cotidiano dos homens que observava, na mesma proporção aprofundava-se em preocupações acerca dos problemas familiares que carregava, sobretudo relacionados à saúde mental de seu pai. E, infelizmente, aprofundava-se também na boemia e no alcoolismo. Ele sofria demasiadamente com a recusa dos seus trabalhos literários no circuito intelectual carioca do período³² e, também, com a falta de êxito na recepção e nas críticas às suas obras.

Em consonância com os desgostos e os desafios cotidianos e pessoais, Lima atinou-se ao alcoolismo e com ele sofreu até o último dia de sua vida. O seu sentimento diante desse cenário desolador foi descrito por Barbosa (2012, p. 173) na primeira biografia do escritor:

No início da sua atividade como jornalista e escritor, levaria tais escrúpulos às últimas consequências. Julgava então que era possível contemporizar, servindo-se da imprensa burguesa como único meio para se tornar conhecido e fazer publicar os seus livros. Caro lhe custaria a experiência, várias vezes recomeçada. Jamais amoldaria o temperamento às restrições que a vida profissional impõe à inteligência e até mesmo ao caráter. Na sua aparência humilde, não era homem para se dobrar a ninguém. O orgulho doía-lhe mais que o estômago. E assim, as oportunidades que apareciam não foram aproveitadas, por inteiro, contribuindo apenas, a cada malogro, para aumentar-lhe o sentimento de revolta, que foi nele, por assim dizer, inato.

³² Acerca do cenário literário do Rio de Janeiro no período em que Lima Barreto ansiava pelas publicações das suas obras, BARBOSA (2012, p. 169) salienta que: “Publicava-se muito, é certo, mas o grosso da produção livreira nada tinha a ver com a verdadeira literatura. Havia, evidentemente, casos isolados, as exceções honrosas, das quais Machado de Assis aparece, desde logo, como exemplo mais expressivo. O conjunto era, entretanto, desolador”.

A dificuldade estava para além dos ambientes hostis que impossibilitavam as publicações das suas obras e o reconhecimento de Lima como um escritor de grande relevância para o período. Mas devia-se, de certo modo, à personalidade revestida pelo autor dos subúrbios, que não se curvava aos mandantes que, no setor literário da época que viveu, possuíam suas regras e suas predileções, das quais ele combatia e desprezava. Acerca do seu comportamento, Schwarcz (2017, p. 158) ressalta que Lima, “ia lapidando, igualmente, uma postura que desenvolveria durante toda a vida e com consistência: a do ‘contra’”.

Com o tempo, afastou-se de alguns colegas e estabeleceu vínculos com poucos amigos. Tentava publicar suas crônicas aqui e ali, entre os poucos periódicos que lhe abriam as portas. Essa situação seria definidora dos próximos anos na vida de Lima Barreto que, sem conseguir controlar-se no uso do álcool, teve em seu histórico três internações no Hospício de Alienados, no Rio de Janeiro.

Já naquela época, no segundo semestre de 1922, Lima ia ficando mais e mais ensimesmado. Talvez tenha feito escolhas que não se mostrariam tão acertadas no futuro. Cercara-se de escritores em boa parte hoje desconhecidos, assim como afastara-se de outros círculos literários. Podia se equivocar em seus juízos também. Mas seu projeto literário era mesmo esse, e ele o defendia com unhas e dentes. Não abria mão do estilo irônico, sarcástico até, e tinha ojeriza a tudo que cheirasse a importação. A vida cotidiana era seu material criativo; seu ambiente, os subúrbios dos mais pobres; sua República, aquela que se dizia então: “A República que não foi”. (SCHWARCZ, 2017, p. 461)

Lima era um escritor que observava e inspirava-se no cotidiano da sociedade em que vivia. A estética lukacsiana ressalta-se em uma reflexão, interessando, principalmente, a função que a arte exerce na vida cotidiana dos homens e das mulheres. Reitera-se, assim, que “a vida cotidiana é o ponto de partida e o ponto de chegada: é dela que provém a necessidade de o homem objetiva-se, ir além dos seus limites habituais; e é para a vida cotidiana que retornam os produtos de suas objetivações” (FREDERICO, 2000, p. 303).

Em seu engajamento literário, Lima Barreto, queria não apenas estar entre os seus, mas por meio da sua literatura, representá-los, somar voz àqueles que eram esquecidos pelas políticas públicas, ignorados nas práticas de cidadania, explorados pelas classes mais privilegiadas que, ao suprimir os direitos dos trabalhadores, buscavam a todo custo a manutenção dos seus privilégios. O escritor dos subúrbios, portanto, escrevia com propriedade acerca do lugar de onde veio, buscando ocupar esse espaço de crítica, colocando a sua literatura em um patamar elevado e combatente diante daqueles que não tinham a sensibilidade de olhar para as populações mais pobres.

Lima Barreto tratava em sua literatura sobre o cotidiano da sociedade citadina e suburbana. Lançava o seu olhar sobre os homens e as mulheres cujas vivências se configuravam

às margens de uma sociedade que buscava se firmar moderna, porém permeada de contradições e desigualdades. É, dessa forma, que o autor de *Clara dos Anjos* vai construindo os seus enredos.

Desse modo, reflete-se acerca do engajamento literário e, ao explicar sobre o escritor engajador cuja característica perpassa o trânsito de análise acerca da realidade, Eagleton (2011, p. 83) salienta que:

O escritor traduz os fatos sociais para os fatos literários, e a tarefa do crítico é a de convertê-los de volta à realidade. [...] assim como para Belinsk e Lukács, o escritor reflete a realidade de forma mais significativa ao criar “tipos”; ele expressa uma “individualidade histórica” em seus personagens, em vez de retratar apenas a psicologia individual. A “tipicidade”, como já vimos, é um conceito compartilhado por Marx e Engels; no entanto, em seus próprios comentários literários, o conceito é raramente ou mesmo nunca acompanhado pela insistência de que as obras literárias devem ser politicamente descritivas.

Nesses termos, Lima Barreto nunca se autodeclarou sob nenhuma tutela partidária, porém, conduziu a sua escrita sempre combativa, posicionando-se acerca de inúmeras temáticas que assolavam as populações mais pobres. Nesse intuito de reconhecermos esse escritor como um importante engajador em seu tempo, consideramos uma visita à obra *Literatura como missão: tensão social e criação cultural na Primeira República*, do historiador Nicolau Sevcenko.

Nessa obra, Sevcenko (2012, p. 16) dialoga com a literatura engajada de Lima Barreto e Euclides da Cunha como fontes históricas e, com o prefácio de Francisco de Assis Barbosa, temos a justificativa da escolha dos referidos escritores:

[...] ambos possuíam a consciência de que alguma coisa tinha de ser feita pelos escritores a serviço do povo brasileiro, para retirá-lo da situação de miséria e ignorância em que vivia, abandonado pelos governos, consequência da própria organização social e política do país, quer sob o Império, quer sob a República.

Lima Barreto foi um dos importantes intelectuais brasileiros que expôs em suas obras inúmeras problemáticas que perpassaram pelas questões das desigualdades sociais, das moradias, das benesses das classes privilegiadas em detrimentos da classe trabalhadora. Valgas (2016, p. 11-12), ao destacar a relevância da sua escrita na Literatura Brasileira, evidencia que “Lima Barreto é uma voz radicalmente contra a forma que os processos de modernização no Rio de Janeiro se deram, processos estes determinados pela consolidação do modo de produção capitalista no Brasil”.

Antonio Candido (2011, p. 182) tece uma análise para além do conhecimento em torno da organização das emoções e visões de mundo que um texto pode proporcionar a um leitor. Declara que, “há na literatura níveis de conhecimento intencional, isto é, planejados pelo autor e conscientemente assimilados pelo receptor”. Nesses níveis, o autor colocaria as suas intenções

ideológicas, suas crenças e, até mesmo, as suas revoltas. O crítico literário, portanto, busca definir a literatura social:

Nestes casos a literatura satisfaz, em outro nível, à necessidade de conhecer os sentimentos e a sociedade, ajudando-nos a tomar posição em face deles. É aí que se situa a literatura social, na qual pensamos quase exclusivamente quando se trata de uma realidade tão política e humanitária quanto a dos direitos humanos, que partem de uma análise do direito social e procuram retificar as suas iniquidades. Falemos portanto alguma coisa a respeito das produções literárias nas quais o autor deseja expressamente assumir posição em face dos problemas. Disso resulta uma literatura empenhada, que parte de posições éticas, políticas, religiosas ou simplesmente humanísticas. São casos em que o autor tem convicções e deseja exprimi-las; ou parte de certa visão da realidade e a manifesta com tonalidade crítica. (CANDIDO, 2011, p. 182-183)

No que concerne a uma literatura empenhada, o escritor dos subúrbios apresentou em todos os gêneros literários que percorreu, essa destreza em expor o que mais o incomodava nos termos mais diversos que compunham a sociedade brasileira, no início do século XX. Não desenvolveu a sua escrita no esteio da panfletagem política ou partidária, mas soube assentá-la nas proezas das críticas e ironias que tão bem caracterizaram a sua literatura.

Sevcenko (2003, p. 28), ao discorrer acerca do uso da literatura como fonte histórica, ressalta a importância de preservação da riqueza estética da obra analisada, bem como da sua relevância comunicativa, “cuidando igualmente para que a produção discursiva não perca o conjunto de significados condensados na sua dimensão social”. Segundo o historiador, os estudos literários, quando conduzidos no âmago de uma pesquisa historiográfica, permeiam-se de significados bastante peculiares. Cabe, portanto, uma compreensão acerca do processo de criação do escritor que está sob análise.

Afinal, todo escritor possui uma espécie de liberdade condicional de criação, uma vez que os seus temas, motivos, valores, normas ou revoltas são fornecidos ou sugeridos pela sua sociedade e seu tempo – e é destes que eles falam. Fora de qualquer dúvida: a literatura é antes de mais nada um produto artístico, destinado a agradar e a comover; mas como se pode imaginar uma árvore sem raízes, ou como pode a qualidade dos seus frutos não depender das características do solo, da natureza, do clima e das condições ambientais? (SEVCENKO, 2003, p. 29)

As raízes de Lima Barreto estavam fincadas em suas produções, conseguia, em seu âmago, ansiar por mudanças diante das angústias que presenciava no cotidiano em que estava inserido. Como conclui o historiador dos estudos barretianos, “se a literatura moderna é uma fronteira extrema do discurso e o prosclênio dos desajustados, mais do que o testemunho da sociedade, ela deve trazer em si a revelação dos seus focos mais candentes de tensão e a mágoa dos aflitos” (SEVECENKO, 2003, p. 29). Essa transposição da realidade que o cercava para as obras literárias, Lima soube desempenhar com maestria.

Em sua trajetória de vida, Lima desejava ser reconhecido como um escritor com uma escrita potente e sonhava em viver da literatura. Conforme Schwarz (2017, p. 301),

A despeito de tanta contraposição, Lima jamais negava seu sonho de viver das letras. Tanto que [...] assim resumia sua “missão”: “O fim da minha vida é as letras. Eu não peço delas, senão aquilo que elas me podem dar: Glória! [...] Não quero ser deputado, não quero ser senador, não quero ser mais nada senão literato. Não peço às letras conquistas fáceis [...] peço-lhes coisa sólida e duradoura, [...] Eu abandonei tudo, por elas; e a minha esperança é que elas me vão dar muita coisa. É o que me faz viver mergulhado nos meus desgostos, nas minhas mágoas.

Lima Barreto veio a falecer em 01 de novembro de 1922, aos 41 anos de idade. Infelizmente, partiu sem ter o reconhecimento pelas suas obras publicadas e pelo escritor que tão bem representava o Brasil de seu tempo. Possuía uma biblioteca pessoal admirável, acomodando muitos títulos nacionais e estrangeiros, deu-a inclusive o nome íntimo de “Limana”. Esta seria, portanto, a sua última estadia antes da sua partida. Schwarcz, de uma forma poética e sensível, fala acerca da importância da sua biblioteca pessoal para o escritor dos subúrbios:

E a sina da Limana não escaparia à regra. Ela valia pelas viagens que ele não fez; pelas namoradas que não conheceu; pelos amigos dos quais abriu mão. Era feita da matéria que constituía sua obra, assim como do próprio destino traçado pelo escritor. Como veremos, seria também sua última morada. Era seu auto de fé. (SCHWARCZ, 2017, p. 343)

Lima partiu fazendo o que gostava, recostado em sua cama, se entretendo com uma leitura e, ao seu redor, contemplando todos os livros da sua Limana. Na ocasião única da despedida, a literatura constitui-se como seu alimento. Quem sabe, naquele momento, teve a oportunidade de afastar todos os seus medos. Quem sabe, no referido último instante, teve a oportunidade de revisitar todos os sonhos.

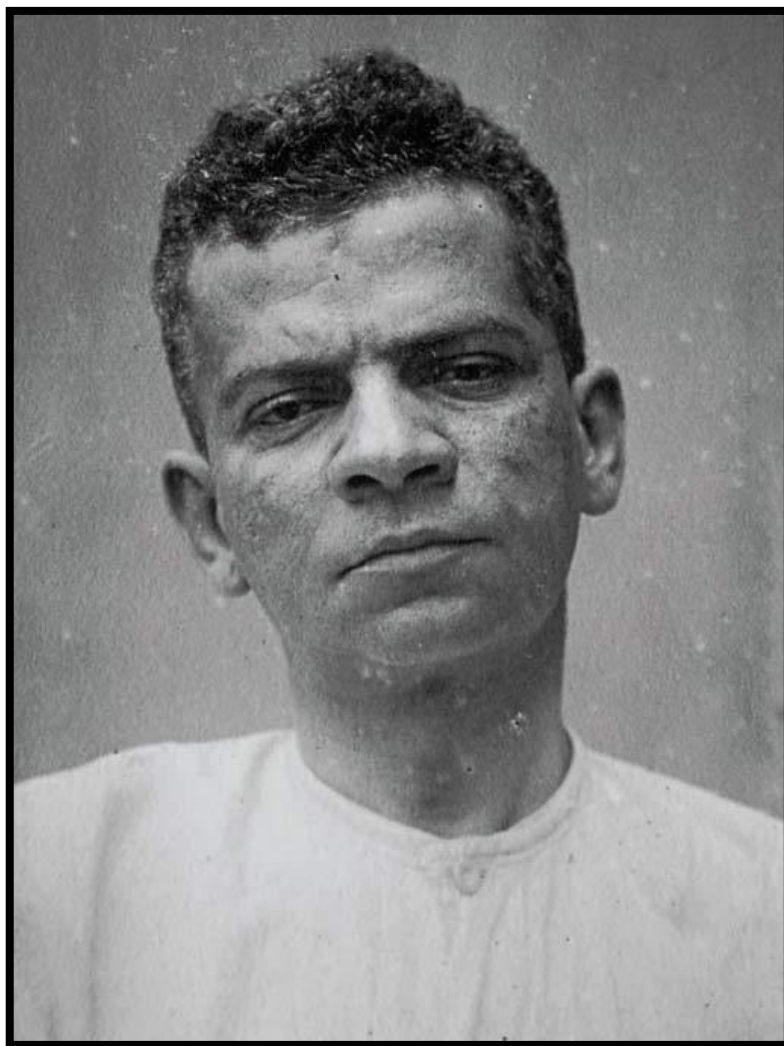


Figura 2 - Lima Barreto em sua última passagem pelo Hospital Nacional de Alienados (1919)

Muito custa a um pesquisador o apanhado precioso de uma fonte histórica. No ano de 2004, a pesquisadora Beatriz Resende, professora da Universidade Federal do Rio de Janeiro e experiente nos estudos barretianos, recebeu uma ligação de uma servidora da biblioteca do Instituto de Psiquiatria da referida Universidade. Tratava-se de um arquivo importantíssimo que, entre vários documentos da internação de Lima, havia a fotografia de sua última estadia naquele lugar que viria a inspirar a obra *Diário do hospício*. Um olhar fixo, porém, perdido, frágil e ao mesmo tempo desafiador, é dessa forma que Lima revela-se na imagem. Entretanto, descortina-se, também, o Lima Barreto que nos olha, como bem intitulou Beatriz Resende em seu texto.³³

³³ O texto mencionado e as imagens do Lima Barreto contidas nesse trabalho, foram extraídos da Revista Serrote, cuja composição faz parte do Instituto Moreira Salles. Disponível em: <<https://www.revistaserrote.com.br/2016/01/o-lima-barreto-que-nos-olha-beatriz-resende/>>. Acesso em: Novembro de 2023.

Afonso de Henriques Lima Barreto parecia preso em seu mundo, mas tal como aclamou o poeta Taiguara na canção que exaltava o escritor dos subúrbios, o treze de maio caracterizava a força da sua escrita que demonstrava a sua luta pela liberdade e, com a qual desenvolveu os seus pensamentos que são compartilhados com outras gerações. Lima deve ser lembrado, celebrado e, principalmente, lido e refletido sobre todas as circunstâncias em que escreveu. A literatura de Lima Barreto deve passear livremente entre todos os segmentos da nossa sociedade que, sendo permeada de desigualdades e contradições, precisa da sua escrita para inspirar lutas e pulsar esperança.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho, posto como a categoria fundante do ser social, desenvolve-se em uma sociedade permeada pela busca incessante na produção do novo, que será consumido e, logo mais, será substituído por outro produto que foi criado para satisfazer uma nova demanda. Nesse ciclo, a criação de novas necessidades é indispensável para que a sociedade esteja a consumir cada vez mais, revelando as suas próprias contradições.

No processo em que o ser social se constitui, somente o trabalho é incapaz de responder a todas essas demandas humanas, tornando-se indispensável a criação de novos complexos que possam mediar o mundo dos homens. Surgem, então, a linguagem e a arte, complexos analisados nessa pesquisa.

Buscou-se compreender a categoria trabalho e os complexos da linguagem e da arte, no contexto de constituição do ser social. Nesse sentido, o caminho percorrido culminou, por meio da acepção lukacsiana, na compreensão das dimensões em torno da gênese da categoria trabalho e as suas relações com os complexos da linguagem e da arte.

A linguagem teve a sua origem fincada de maneira concomitante ao surgimento do trabalho, pois os homens necessitavam conceituar as suas produções e comunicarem-se, seja na transmissão dos conhecimentos adquiridos ou na fixação dos mesmos. A linguagem, portanto, possibilitou no âmbito do desenvolvimento da reprodução social, a sociabilidade entre os homens.

A arte, complexo que surgiu tardiamente, caracterizou-se pela necessidade do ser social de manifestar-se, expressando as suas emoções e dialogando com a perspicácia cotidiana da sociedade em que vive. Na ontologia de Lukács, a arte se configura em uma atividade que encontra no cotidiano o seu ponto de partida, pois é na prática e na vivência cotidiana que o homem está imerso.

No esteio dos estudos relacionados à estética, principalmente no entorno da obra *Estética*, de Lukács (2023), considerada um estudo de maior relevância diante do amadurecimento intelectual do filósofo, possui um alcance limitado no campo dos estudos científicos. Pensar a estética nesse viés teórico, é descortinar um estudo sobre uma teoria que reflete sobre as sensibilidades humanas, a apreciação do agradável, a fruição artística voltada para o engrandecimento humano. Dessa forma, parte-se para a compreensão da literatura como um instrumento que proporciona um efeito humanizador.

No entanto, compreende-se que, aprofundar-se nessa discussão é entender que a arte é deleite, mas também é combate. Tem-se o tempo de ócio um elemento propiciador da produção

artística. Diante disso, é de suma importância debater sobre a escassez do tempo livre na sociedade capitalista que, entre outras contradições, impede à classe trabalhadora de viver a fruição artística porque a explora. Candido, de uma forma muito poética, permite-nos atentar para uma reflexão acerca do tempo:

Tempo não é dinheiro, tempo é o tecido da nossa vida, é esse minuto que está passando. Daqui a 10 minutos eu estou mais velho, daqui a 20 minutos eu estou mais próximo da morte. Portanto, eu tenho direito a esse tempo. Esse tempo pertence a meus afetos. É para amar a mulher que escolhi, para ser amado por ela. Para conviver com meus amigos, para ler Machado de Assis. Isso é tempo. E justamente a luta pela instrução do trabalhador é a luta pela conquista do tempo como universo de realização própria. A luta pela justiça social começa por uma reivindicação do tempo: eu quero aproveitar o meu tempo de forma que eu me humanize. As bibliotecas, os livros, são uma grande necessidade de nossa vida humanizada. (CANDIDO, 2006, n/p)

A arte que inspira, também configura-se numa arte que combate, que provoca no homem o desejo de emancipação das forças que o limitam e o impedem de usufruir o tecido que lhe compõe a vida – o tempo.

Nesse sentido, Candido põe a literatura em um patamar que propicia aos indivíduos uma humanização. A literatura, portanto, apresenta-se como importante instrumento no processo de mediação da formação humana. O mundo dos homens está refletido na literatura de forma a contemplar e representar os seus dramas, os seus sonhos, as suas lutas e as suas contradições. Dessa forma, a ontologia marxiana desenvolve a crítica literária de maneira a considerar o seu contexto social e histórico.

Compreende-se que a literatura pertence a uma atividade artística que não advém de um compromisso utilitarista para a sociedade em seu cotidiano, mas a sua manifestação por meio da ação do homem provoca um enriquecimento em sua constituição. Dessa forma, a literatura passa a ser referenciada e defendida no âmbito dos direitos imprescindíveis à necessidade do ser social.

Come-se o alimento, veste-se a roupa, mora-se na casa, lê-se uma obra literária. Assim, Candido (2011), concebe a influência da literatura sobre os homens, como um bem transformador do indivíduo e, conseqüentemente, do seu entorno. A literatura passa a ser posta como um bem a ser usufruído diariamente pelos indivíduos.

Convém assinalar a preponderância da análise do realismo lukacsiano que, em uma obra literária realista, constitui a representação da realidade considerando a totalidade social. Os autores realistas combatem em suas escritas o imediatismo e a superficialidade em suas manifestações literárias. Optam, portanto, em adentrar na essência das coisas reais e concretas que tecem significados no solo do cotidiano humano.

Exemplificou-se, por meio da literatura brasileira, como o realismo, sob a acepção lukacsiana, pode ser contemplado na representação do real. Tem-se a apresentação do escritor Lima Barreto que, entre tantos aspectos da sua escrita, caracteriza-se pela sua coragem e acidez em denunciar os problemas reais de uma sociedade vil, contraditória e permeada de tensões.

Nesse sentido, as obras do escritor dos subúrbios devem ser contextualizadas em suas historicidades, compreendendo os seus movimentos nos percalços da sociedade que vivenciou as primeiras décadas da primeira república brasileira.

Lima Barreto, é notável ao fazer a construção dos seus personagens. Ao observar o cotidiano nos seus tempos de escritor suburbano, ele escolhia homens e mulheres que lhes conferiam alguma sensação de indignação. O escritor denunciava as benesses dos cargos públicos para as camadas mais privilegiadas da sociedade, tratava com ironia os políticos que ocupavam as bancadas de poder, mas não possuíam competência para tais cargos, criticava a alienação do trabalho, a modernidade que adiantava os seus passos em detrimento da vida tradicional, às moradias destinadas à classe trabalhadora, entre outras temáticas reais, vivenciadas por pessoas reais, em suas historicidade.

Ao seguir essa estratégia em suas obras, o referido autor tratava sobre inúmeras situações do tempo presente como, o feminicídio, o racismo, as práticas políticas de favorecimentos pessoais, a exploração da classe trabalhadora, o desemprego, a vida difícil dos indivíduos que estão inseridos numa sociedade desigual e permeada de tensões. Seria Lima Barreto um triste visionário?

Tem-se como contribuição desse estudo, a aproximação entre a literatura de Lima Barreto com o realismo lukacsiano que, entre as propostas que teoriza, ressalta que as obras realistas compreendem a manifestação sensível da essência do real. As condições objetivas postas ao homem e o desenrolar das mesmas, estão imersas na engrenagem do próprio desenvolvimento da produção capitalista, afetando profundamente as relações humanas nesse contexto de barbárie que o capital produz. A autêntica obra de arte, portanto, reflete todos esses dramas humanos.

Nesse sustentáculo que suscita a elevação da consciência sensível dos sujeitos, a literatura torna-se fundamental mediadora no processo da formação humana. Pois tão importante quanto o alimento que nutre o corpo, a vestimenta que o aquece, a moradia que o protege, o direito à literatura proporciona ao homem a ousadia do viver e do pensar. E, mesmo às vezes fincados em terrenos áridos, propicia-lhe criar novas possibilidades e sonhos em um caminho de luta incessante na busca de uma sociedade justa e igualitária.

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, Mariana. **Trabalho e linguagem na ontologia de Lukács**. Anuário Lukács, Instituto Lukács, São Paulo. 2016, 179-230.
- ARAÚJO, Adéle Cristina Braga; RUFINO, Nathaly de Oliveira; MARTINS, Sâmia Larisse Maciel. **Formação humana à luz do realismo em Lukács**: primeiras aproximações. 2017.
- ARAÚJO, Adéle Cristina Braga. **Gênese e função social da arte e os desdobramentos no processo formativo-educativo**: uma análise fundamentada na estética lukacsiana / Adéle Cristina Braga Araújo. – 2020.
- ARAUJO, Adéle Cristina Braga; RABELO, Josefa Jackline. **Gênese e processo histórico do complexo da arte no cotidiano do ser social na Estética de Lukács**. 2022.
- BARBOSA, Francisco de Assis. **A vida de Lima Barreto** / Francisco de Assis Barbosa; notas de revisão de Beatriz Resende. – 10ª ed. – Rio de Janeiro. José Olympio, 2012.
- CANDIDO, Antonio. **A literatura e a formação do homem**. Remate de males, 1999.
- CANDIDO, Antonio. Antonio Candido inaugura biblioteca do MST e fala da força da instrução. Entrevista concedida em 08/08/2006. Disponível em: <<https://www.assufrgs.org.br/2006/08/11/escritor-antonio-candido-inaugura-biblioteca-do-mst-e-fala-da-forca-da-instrucao/>>. Acesso em 25 de nov 2023.
- CANDIDO, Antonio. **Vários escritos** (pp. 171-193). Rio de Janeiro: Ed. Ouro sobre Azul. 2011.
- DALVI, Maria Amélia. **Um clássico sobre educação literária**: “o direito à literatura”, de Antonio Candido. Via Atlântica, v. 1, n. 35, p. 221-234, 2019.
- DIÓGENES, Lenha Aparecida Silva. **György Lukács e Honoré de Balzac: um diálogo entre estética, literatura e formação humana**. Tese (doutorado) – Universidade Federal do Ceará, Faculdade de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Fortaleza, 2019.
- DIÓGENES, Lenha Aparecida Silva; ARAÚJO, Adéle Cristina Braga; DO CARMO, Francisca Maurilene. **O poema a flor e a náusea de Carlos Drummond de Andrade**: aproximações com o realismo lukacsiano. In: Estética, educação e sociedade [E-book] / Daniele Kelly Lima de Oliveira, Eliomar Araújo de Sousa, Vanessa Mariano de Castro, organizadores. – Parnaíba, PI: Acadêmica Editorial, 2022.
- DUAYER, Juarez. **Lukács e a atualidade da defesa do realismo na estética marxista**. Colóquio Internacional Marx e Engels, v. 5, 2007.
- EAGLETON, Terry. **Marxismo e crítica literária**. São Paulo: Editora Unesp, 2011.
- FERREIRA, Nathalia Botura de Paula; DUARTE, Newton. **Literatura e educação**: uma análise marxista. Cadernos de Campo: Revista de Ciências Sociais, n. 13, 2010.
- FREDERICO, Celso. **Cotidiano e arte em Lukács**. Estudos avançados, v. 14, p. 299-308,

2000.

GILENO, Carlos Henrique. **Breves considerações sobre a questão do realismo em György Lukács**. Achegas. net, p. 19-31, 2013.

KAPLUN, Gabriel. **Material Educativo**: a experiência do aprendizado. Comunicação e educação, São Paulo, v.27, p.46-60, maio/ago. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/comueduc/article/view/37491>. Acesso em 13 de maio, 2023.

LESSA, Sérgio. **Mundo dos homens**: trabalho na ontologia de Lukács. Maceió: Coletivo Veredas, 2016

LESSA, Sérgio. **Para compreender a Ontologia de Lukács**. 4ed. São Paulo: Instituto Lukács, 2015.

LIMA, Marteano Ferreira de. **Trabalho, reprodução social e educação em Lukács**. Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual do Ceará, Centro de Educação, Mestrado Acadêmico em Educação, Fortaleza, 2009.

LIMA, Marteano Ferreira de. **A alienação em Lukács**: fundamentos para o entendimento do complexo da educação. Tese (doutorado) – Universidade Federal do Ceará, Faculdade de Educação, Programa- de Pós-Graduação em Educação Brasileira, Fortaleza, 2014.

LUKÁCS, Georg. **Ensaio sobre literatura**. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira S.A.1965.

LUKÁCS, Georg. **As bases ontológicas do pensamento e da atividade do homem**. Temas de ciências humanas, v. 4, p. 1-18, 1978.

LUKÁCS, Georg. **Para uma ontologia do ser social II**. São Paulo: Boitempo, 2013.

LUKÁCS, Georg. **Pensamento vivido**: autobiografia em diálogo. Viçosa: UFV, 1999.

LUKÁCS, Georg. **Marx e Engels como historiadores da literatura** / György Lukács; tradução Nélcio Schneider; revisão técnica José Paulo Netto; Ronaldo Vielmi Fortes. – 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2016.

LUKÁCS, György. **Estética**: a peculiaridade do estético, volume 1 / György Lukács; tradução Nélcio Schneider. – 1.ed. – São Paulo: Boitempo, 2023.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **A ideologia alemã**. São Paulo, Boitempo, 2007.

MASSUIA, Rafael da Rocha. **Marxismo e literatura** [recurso eletrônico]: a recepção do pensamento de György Lukács em Leandro Konder; Nelson Coutinho/Rafael da Rocha Massuia. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2013.

PORTÁCIO, Denilson Albano; MACHADO, Aline Laureano; SILVA, Ana Camem. **Lukács e a literatura como mediação ontológica do ser social**. Cadernos do GPOSSHE On-line. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/CadernosdoGPOSSHE/article/view/7495>. Acesso em: 13 maio. 2023

SANTOS, Deribaldo. **Trabalho, cotidiano e arte:** uma síntese embasada na Estética de Georg Lukács. Estudos Avançados, v. 31, p. 341-359, 2017a.

SANTOS, Deribaldo. **A peculiaridade na estética de Lukács** / Deribaldo Santos. – São Paulo: Instituto Lukács, 2017b.

SAVIANI, Demerval. **Pedagogia histórico-crítica.** São Paulo: Autores Associados, 2003.

SCHWARCZ, Lília Moritz. **Lima Barreto:** triste visionário. Lília Moritz Schwarcz. – 1ª ed. - São Paulo, Companhia das Letras, 2017.

SEVCENKO, Nicolau. **Literatura como missão:** tensões sociais e criação cultural na Primeira República / Nicolau Sevcenko. – 2ª ed. – São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

SIDOU, Adriana Mota de Oliveira; ARAUJO, Adéle Cristina Braga; DOS SANTOS, José Deribaldo Gomes. **O reflexo da vida cotidiana, na ciência e na arte segundo Lukács.** In: Proceedings of World Congress on Communication and Arts. 2013. p. 103-106.

SILVA, Homero Dionísio de. **Para uma ontologia do ser social:** apontamentos para a compreensão do complexo da linguagem em György Lukács. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Faculdade de Educação, Programa- de Pós-Graduação em Educação Brasileira, Fortaleza, 2016.

TONET, Ivo. **Método científico: uma abordagem ontológica.** São Paulo: Instituto Lukács, 2013.

VALGAS, Aline Flávia. **A relação entre a educação do corpo no Brasil da Primeira República e os contos de Lima Barreto.** Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Goiás, Faculdade de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Goiânia, 2016.